



**OS PRACINHAS POTIGUARES  
NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PESQUISA HISTÓRICA II**

**OS PRACINHAS POTIGUARES NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

**RANIELLI CAVALCANTE DE MACEDO**

**Natal – RN  
2004**

**RANIELLI CAVALCANTE DE MACEDO**

**OS PRACINHAS POTIGUARES NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pela Professora Denise Mattos Monteiro, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Professora Maria da Conceição Fraga.

**Natal - RN  
2004**

Aos meus pais Maria José e Cleodon, pelo amor, dedicação e educação que marcaram minha vida.

A todos aqueles espalhados por todo o Rio Grande do Norte, guerreiros de admirável bravura, que regaram o solo italiano com seu sangue, suor e lágrimas para livrar o mundo da opressão e da intolerância nazista.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pai pela saúde e pelo dom do conhecimento, e por sempre está presente nos momentos mais difíceis, nos iluminando, dando força e ajudando-nos a superar os desafios oferecidos da vida.

A professora/orientadora Maria da Conceição Fraga, pela valiosíssima contribuição para a elaboração deste trabalho, através de sugestões, conselhos e incentivos que marcaram nossa vida acadêmica.

Aos meus familiares, especialmente aos tios Valentim, Noêmia, Gilberto e Sebastiana, pela compreensão, apoio, incentivo e amor.

A todos os colegas e professores do curso de História da UFRN pela convivência, estímulo e conhecimentos passados ao longo da nossa vida acadêmica.

Aos 391 veteranos potiguares da Força Expedicionária Brasileira (FEB), pelo inesquecível sacrifício empenhado nas duras batalhas da Segunda Guerra Mundial, em especial: Cleantho Homem de Siqueira, Geraldo Barbosa de Oliveira, Gerson Ramos da Silva, Joaquim Xavier de Souza, Ovídio Alves Diniz, Raimundo Avelino de Oliveira, Ramiro Gomes de Freitas e Severino Nicolau da Silva.

E por fim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento e aperfeiçoamento deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

Esta pesquisa trata das lembranças dos pracinhas potiguares, protagonistas da participação brasileira no cenário da Segunda Guerra Mundial. Tal evento marcou decisivamente o Estado do Rio Grande do Norte, em especial sua capital Natal. Reconstruir os cenários que envolvem esses atores é o objetivo central dessa pesquisa. Partindo da noção de memória coletiva em Halbwachs, formulamos as seguintes questões: O que significou a ida para o continente europeu de jovens que, na época, moravam no interior do Estado do Rio Grande do Norte? O que pensam esses atores sobre as experiências da Segunda Guerra Mundial? Que mudanças ocorreram na vida desses homens após a Guerra? Para isso usamos a história oral como metodologia, com o fim de recompor as narrativas e interpretar os depoimentos coletados.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
<b>CAPÍTULO I: O BRASIL ANTES E DURANTE A GUERRA.....</b>	<b>12</b>
1.1. A trajetória das Forças Armadas brasileiras.....	13
1.2. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial.....	20
1.3. A Força Expedicionária Brasileira.....	25
<b>CAPÍTULO II: DO RIO GRANDE DO NORTE A ITÁLIA.....</b>	<b>33</b>
2.1. O mundo dos pracinhas antes da convocação.....	34
2.2. A preparação e a difícil viagem para a Itália.....	37
2.3. A Guerra na Itália.....	42
<b>CAPÍTULO III: VISÕES DA GUERRA.....</b>	<b>50</b>
3.1. Os italianos.....	51
3.2. Os alemães.....	55
3.3. Religião e morte.....	59
3.4. Piores momentos e cenas marcantes da Guerra.....	62
<b>CAPÍTULO IV: DE PRACINHA A EX-COMBATENTE.....</b>	<b>67</b>
4.1. O fim da Guerra e a volta para casa.....	68
4.2. A vida depois da Guerra.....	72
4.3. Os pracinhas hoje.....	75
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>79</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>83</b>

## INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial, um dos temas mais discutidos pela historiografia brasileira e mundial, ainda abre lacunas que precisam ser preenchidas pelos historiadores e demais interessados pelo assunto.

Em 1º de setembro de 1939 a Alemanha nazista invade a Polônia, dois dias depois França e Inglaterra reagem declarando guerra à Alemanha. Tinha início o conflito que reuniria grande parte das nações do mundo divididas em dois blocos. De um lado os países do Eixo, liderados pela Alemanha, Itália e Japão, e do outro, os Aliados, comandados principalmente pelos Estados Unidos, União Soviética e Inglaterra.

Após a eclosão da Guerra, o Brasil procurava manter uma posição de neutralidade em relação aos dois lados envolvidos no conflito. Essa posição foi ditada por razões de ordem econômica e ideológica. Por um lado, o governo era parceiro comercial dos Estados Unidos e, por outro, simpatizava com o nazismo alemão. Em dezembro de 1941, os japoneses desfecham um arrasador ataque surpresa à base norte-americana de Pearl Harbor, no Havai; com isso, os Estados Unidos entram na Guerra contra o Eixo e começam a pressionar os países latino-americanos para fazerem o mesmo, em especial o Brasil, cuja costa nordestina era um importante ponto estratégico no Atlântico sul.

Com o afundamento gradual de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães durante o ano de 1942, a população das grandes cidades brasileiras começa a se manifestar pressionando o governo a declarar guerra à Alemanha, o que acontece em agosto do mesmo ano. Em janeiro de 1943 os presidentes do Brasil, Getúlio Vargas, e dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, encontram-se em Natal-RN. Nesse encontro ficou decidido, dentre outras coisas, que o Brasil cederia bases militares no Nordeste brasileiro, durante a Guerra, aos Estados Unidos, e enviaria para a Europa uma força expedicionária.

Em 9 de agosto de 1943, a Portaria Ministerial publicada no Boletim Reservado, criava a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Nela foram incorporados, por convocação ou por voluntariado, milhares de jovens brasileiros de 18 a 30 anos que embarcariam para a Itália rumo a maior aventura de suas vidas.

O Rio Grande do Norte na década de 40, bem como a maior parte do Brasil, era um Estado agrícola cuja maioria da população encontrava-se residente na zona rural sem acesso a educação, saúde e informação. Dos 365 jovens potiguares que comporam a FEB a maioria residia no interior do Estado, ouvindo falar de uma grande Guerra que acontecia na distante Europa, mas nunca se imaginaram participando dela.

Tendo em vista a escassez de trabalhos enfocando depoimentos orais dos próprios protagonistas potiguares da Segunda Guerra Mundial, e atentando para o fato de que tais fontes estão a cada ano mais raras, devido à idade avançada desses homens, temos por objetivo principal analisar a participação dos pracinhas potiguares na FEB a partir de seus próprios relatos, destacando suas vidas simples antes da Guerra, no início dos anos 40, as experiências marcantes durante as batalhas na Itália e sua readaptação a sociedade após a volta para o Brasil.

Muitos são os trabalhos que tratam do Rio Grande do Norte ou de Natal na Segunda Guerra Mundial. Exemplo disso podemos citar autores como Clyde Smith Junior, Lenine Pinto e Cleantho Homem de Siqueira<sup>1</sup>, os dois primeiros deram ênfase a cidade de Natal e a influência dos norte-americanos na vida de seus habitantes durante a Guerra; enquanto o último, veterano da FEB, escreveu sobre os pracinhas potiguares no conflito, mas não trabalhou com fontes orais.

---

<sup>1</sup> SMITH Jr., Clyde. **Trampolim da vitória**. Natal: UFRN/Editora Universitária, 1992;

PINTO, Lenine. **Natal.USA**. Natal: Nordeste. 2000

SIQUEIRA, Cleantho Homem de. **Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial**. Natal-RN. EDUFRN, 2001.

No meio acadêmico, no Núcleo de Estudos Históricos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte há duas monografias que também se detêm à análise da presença e influência dos norte-americanos em Natal: *Natal durante a Segunda Guerra Mundial: rivalidade entre natalenses e norte-americanos*, de Wagner Gomes e *Natal na Segunda Guerra Mundial: influencia americana e prostituição feminina* de Flávio Rodrigues. Porém nenhuma delas trabalha com fontes orais, nem destaca a presença dos pracinhas potiguares no conflito.

No Campus da UFRN em Caicó, encontramos uma monografia da historiadora Helena Lucena de A. Oliveira sobre os pracinhas parelhenses na Segunda Guerra Mundial<sup>2</sup>, mas esse trabalho, apesar de basear-se em depoimentos orais só conta com três veteranos da FEB, tendo os demais depoentes permanecido no Brasil durante a Guerra.

Para a elaboração do nosso trabalho utilizamos o periódico *O Globo Expedicionário* de setembro de 1939 a maio de 1945 que nos propiciou reportagens de correspondentes de guerra e uma série de documentos e informações importantes referentes a FEB. Também foram utilizados os documentários cinematográficos “*Senta a Pua*”<sup>3</sup> e “*A cobra fumou*”<sup>4</sup>, ambos do cineasta Vinicius Reis, que nos deram acesso a uma série de depoimentos de veteranos da FEB e da Força Aérea Brasileira (FAB) durante a Segunda Guerra Mundial.

Também foi utilizada uma bibliografia que nos possibilitasse o melhor conhecimento de técnicas de história oral, bem como, as melhores maneiras de se trabalhar com a memória de idosos, especialmente com memórias traumatizadas. Exemplo disso podemos citar Ecléa Bosi (1998), “*Memória e Sociedade, lembranças de velhos*”; Maurice Halbwachs (1968), “*Memória Coletiva*”; Paul Thompson (1992), “*A voz do passado. História Oral*” e José Carlos Sebe Bom Meihy (1998), “*Manual de História Oral*”.

---

<sup>3</sup> REIS, Vinicius. *Senta a pua*. Rio de Janeiro: BSBCinema, 1999.

<sup>4</sup> REIS, Vinicius. *A cobra fumou*. Rio de Janeiro: BSBCinema, 2002.

Quanto à divisão deste trabalho, o primeiro capítulo (O Brasil antes e durante a Guerra) procura reconstruir, sinteticamente, a trajetória das forças armadas brasileiras da Independência política do Brasil até os dias atuais. Num segundo momento enfatizamos o Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial. Por fim, tratamos da criação e estruturação da FEB e sua partida para a Itália.

No segundo capítulo (Do Rio Grande do Norte à Itália) começamos a trabalhar com os depoimentos dos pracinhas, destacando o contexto histórico e social em que viviam no início da década de 40, a convocação, preparação e viagem para a Itália e suas lembranças da Guerra naquele país.

No terceiro capítulo (Visões da Guerra) tentamos reconstruir as impressões que os pracinhas tinham do povo italiano e dos inimigos alemães. Abordamos também suas experiências mais marcantes no campo de batalha, como encaravam a morte e qual o papel da religião durante os meses de Guerra.

Por fim, no quarto capítulo (De pracinha à ex-combatente) damos ênfase a vida desses homens após a volta para o Brasil; seus traumas, dificuldades enfrentadas, as lembranças que ficaram daquela época, e como se vêem na sociedade potiguar contemporânea, inseridos numa cultura onde o idoso, geralmente, é posto a margem da sociedade.

## **CAPÍTULO I**

### **O Brasil antes e durante a Guerra**

## 1.1 A trajetória das Forças Armadas Brasileiras

Antes da independência, a estrutura militar brasileira estava marcada pela discriminação contra os elementos nativos. Na população colonial, concomitantemente à aversão aos portugueses, reinava uma forte aversão aos militares. Em 1822, o Brasil torna-se independente de Portugal, mas tropas portuguesas ainda resistiam em território brasileiro em estados como Bahia, Maranhão e Pará, havendo, assim, necessidade do envio de forças militares do Rio de Janeiro, com a finalidade de expulsar do território forças militares lusas resistentes.

O nascente Império Brasileiro necessitava de uma organização jurídica e administrativa, e isso aconteceu com a formulação de nossa primeira constituição em 1824, que procurou, também, definir as linhas gerais que norteariam a estrutura militar brasileira. Segundo Nelson Werneck Sodré, divididas em três linhas aos moldes coloniais:

A primeira, composta da tropa regular e paga; a segunda e a terceira, composta de milícias e ordenanças, simplesmente auxiliares e gratuitas. Daí as três categorias militares, Exército, milícias e guardas policiais, com efetivo fixado anualmente e, ainda, o processo de recrutamento. O Exército destinava-se a defender as fronteiras e nelas estacionar; as milícias incumbiam-se de manter a ordem pública nas comarcas, dentro de cujos limites permaneciam, sendo eletivos e temporários seus oficiais, a exceção dos majores e ajudantes; as guardas policiais eram encarregadas de fornecer a segurança dos indivíduos, perseguindo e prendendo os criminosos.<sup>5</sup>

No Exército figuravam tropas mercenárias formadas, principalmente, por estrangeiros, que, atraídos por promessas de benefícios, principalmente terras, vinham da Europa engrossar nossas fileiras. Seu recrutamento era bastante arbitrário, não tinham prazo certo para servir, o serviço era pesado e rigoroso, e eram submetidos a castigos corporais, além de estranharem o clima. A debilidade do nosso Exército contrastava com o

---

<sup>5</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *A História militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1965. p. 56

avanço tecnológico dos exércitos das grandes potências europeias, experientes, bem treinados, equipados e com grandes comandantes.

Com a Marinha não foi diferente. Havia urgência em organizá-la, já que a principal ligação entre as províncias se fazia por via marítima. Era formada por poucos e irregulares navios de Guerra, incapazes de proteger eficientemente o imenso território brasileiro. Seus marinheiros eram, em grande maioria, portugueses. Após a constituição do Império foram contratados outros marinheiros estrangeiros como chilenos e ingleses.

Os chefes militares estrangeiros já eram tradição entre nós desde os tempos da colônia, e nos primeiros anos do império seguiu-se essa tradição; contingentes inteiros eram recrutados no estrangeiro e enquadrados no precário sistema militar brasileiro.

Nesse período de consolidação do Estado nacional brasileiro, o perigo interno era muito mais preocupante que o externo. O Império reprimiu rigorosamente as diversas insurreições internas que surgiram durante os primeiros anos de independência, e para agravar a situação, dentro das próprias forças militares surgiram rebeliões lusofóbicas contra os oficiais portugueses<sup>6</sup>.

A questão Cisplatina também incomodava o Império. Anexada ao Brasil em 1816 por D. João VI, a Província Cisplatina, com o apoio da Argentina, iniciou sua Guerra de independência em 1825. Esse conflito onerou os cofres brasileiros, levando o governo imperial a tomar empréstimos à Inglaterra, aumentando a dívida externa e a fragilidade da economia brasileira. O estado das tropas regulares deslocadas para o sul era péssimo: “A desorganização era espantosa, faltava tudo. As tropas estavam descalças, com o fardamento e soldos inteiramente atrasados. Não havia carros de boi (base dos transportes

---

<sup>6</sup> Segundo SODRÉ, Nelson Werneck. A História militar do Brasil. p. 78, em 1823 militares brasileiros insatisfeitos com os comandantes portugueses levantaram-se tendo à frente o capitão Boaventura Ferreira da Silva.

militares da época) em número suficiente”.<sup>7</sup> Depois de sucessivas derrotas a Província Cisplatina conseguiu sua independência.

As forças militares brasileiras ainda tiveram papel importante nos momentos finais do Primeiro Reinado, quando o Exército apoiou as elites nacionais a exigir a abdicação do imperador, o que ocorreu em 7 de abril de 1831.

Durante a Regência Trina Permanente, o ministro da justiça Diogo Antônio Feijó, responsável por manter a ordem no país, criou a Guarda Nacional, milícia armada dirigida por brasileiros abastados, que passou a ser o principal instrumento do governo para reprimir os levantes populares.

O comando dessa milícia em cada município cabia ao coronel, patente geralmente vendida pelo governo, o que dava a essa figura um poder paralelo que era usado na defesa de seus interesses pessoais.

Na formação da oficialidade brasileira, teve destaque a reforma da Academia Militar, em 1835, quando oficiais do Exército e da Marinha eram formados juntos; o ensino era longo e severo, baseado na matemática. Tais formações dividiram-se em 1838 com o surgimento das Escolas Militares e Naval. Antes da Guerra do Paraguai, os militares brasileiros ocupavam um papel mais secundário. O Exército perdera importância para a Guarda Nacional, até aqui as classes dirigentes do país não haviam precisado deste para defender seus interesses, pois, já possuíam aquela, recrutada em suas próprias fileiras.

Durante o Segundo Reinado, em meio a um período de grande instabilidade política, surgiram as chamadas rebeliões regenciais onde a população reivindicava a liberdade e maior acesso ao cenário político. Tropas regenciais foram mandadas ao Pará em 1840 para acabar com a Cabanagem, à Bahia em 1838 contra a Sabinada e, tropas imperiais, ao Maranhão em 1841 para por fim a Balaiada.

---

<sup>7</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **A História militar do Brasil**. p. 95

Durante a Revolução Farroupilha (1835-1845), no Rio Grande do Sul, um grande contingente militar imperial foi enviado à região, combatendo em várias batalhas durante dez anos. Com a vitória imperial, os revoltosos conseguiram anistia geral e os oficiais farroupilhas foram incorporados ao Exército brasileiro. Surge aqui a figura de Caxias que recebeu o título de “Pacificador do Império”.

Já na Guerra do Paraguai (1864-1870), o Brasil forneceu o maior contingente de tropas dos países aliados. O Exército brasileiro, ainda, praticamente inexistia, pois a Guarda Nacional cumpria, ainda que mal, as funções destinadas a ele. Diante de forças militares bem treinadas e organizadas como as do Paraguai, era necessária uma total reformulação nas forças militares do Brasil. O reduzido corpo de oficiais profissionais do Exército brasileiro encarregou-se dessa reformulação com muito sucesso, embora isso demandasse tempo.

Em 1866, para engrossar as fileiras brasileiras, foi decretado que os escravos que lutassem na Guerra como voluntários obteriam liberdade. Membros da classe oligárquica que haviam sido convocados mandaram seus escravos em seu lugar. O Barão de Caxias, destacado comandante na Revolução Farroupilha assumiu o controle das forças militares imperiais vencendo importantes batalhas, abrindo caminho para a invasão de Assunção e a derrota paraguaia.

Dentre as principais conseqüências da Guerra do Paraguai destaca-se o fortalecimento e a institucionalização do Exército brasileiro, surgindo um grande e experiente corpo de oficiais politizados pronto para defender a Instituição. Além disso, seu poder bélico poderia impor suas idéias à força, caso necessário, acrescentando uma dose de instabilidade ao Império.

Impregnado de idéias liberais e abolicionistas, o Exército, mais forte e organizado, aliado aos cafeicultores paulistas e setores médios urbanos tem importante papel na

proclamação da República, pois desde 1870, com o fim das guerras externas, nosso Exército estava em permanente adestramento. Durante a Primeira República nossa força terrestre estivera envolvida em desgastantes questões internas, a Guerra de Canudos é exemplo disso, comprometendo a disciplina e a operacionalidade, tudo isso culminou com os movimentos tenentistas que desaguaram na Revolução de 30.

Para reverter esse processo de decadência militar, o governo brasileiro, no início do século XX interessou-se em trazer uma missão militar alemã para treinar nossas Forças Armadas, idéia logo descartada com o advento da Primeira Guerra Mundial. Em 1920, uma missão militar francesa desembarca no Brasil com o objetivo de montar um eficiente sistema de ensino militar, tudo isso se deveu aos esforços realizados pelos ministros Calógeras e Hermes da Fonseca em favor do reequipamento da força terrestre e de dar maior operacionalidade aos nossos militares. Durante os anos de 1920 nossa oficialidade contava com um bom nível cultural, e uma estrutura militar, doutrina e regulamentos baseados no Exército francês. Nosso equipamento tinha diversas procedências, quase todo remanescente da Primeira Guerra Mundial.

Nossa Marinha de Guerra contava com navios construídos entre 1908 e 1917, quase todos no estrangeiro, “a esquadra era antiga, contava com dois velhos encouraçados, dois cruzadores ligeiros, sete contratorpedeiros e quatro submarinos”.<sup>8</sup>

Nossa Aeronáutica militar vivia sua fase embrionária, ainda situada no Exército e na Marinha, na Arma de Aeronáutica e no Corpo de Aviação Naval. Somente em 20 de janeiro de 1941 haveria de ser criado o Ministério da Aeronáutica.

Esse era o quadro de nossas Forças Armadas no início da década de 1940, já iniciada a Segunda Guerra Mundial na Europa.

---

<sup>8</sup> O GLOBO EXPEDICIONÁRIO. Rio de Janeiro: Agência Globo de Imprensa Ltda, 1945. p. 25.

Com o ataque japonês a Pearl Harbour, no Haváí, em 7 de dezembro de 1941, os Estados Unidos entram na Segunda Guerra Mundial, o que precipitaria a declaração continental de solidariedade à América agredida, e, a 28 de janeiro de 1942, o Brasil rompe relações diplomáticas com o Eixo. O país sede bases aéreas e navais no litoral nordestino aos Estados Unidos, em troca recebe financiamento para a construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda e, posteriormente, com o envio de uma força expedicionária para a Guerra, material bélico, como armas e aviões, para equipar nossas Forças Armadas.

Passada a Guerra, com a vitória dos aliados, o governo brasileiro preocupado com as possíveis conseqüências da Força Expedicionária Brasileira (FEB), vitoriosa e prestigiada, cuidou de providenciar sua rápida dissolução antes mesmo de sua volta ao Brasil. Ao desembarcarem, os integrantes da FEB tomaram novos destinos, algumas unidades foram adaptadas e os reservistas desincorporados.

Em outubro de 1945, um golpe de Estado afastou Getúlio Vargas da Presidência. Era o fim do Estado Novo e o início de um período de duas décadas de democracia onde as Forças Armadas ficaram a margem do governo. Só no final do governo de Jânio Quadros, elas iriam intervir no cenário político brasileiro com o Golpe de 1964.

Com a renúncia do presidente Jânio Quadros em 25 de agosto de 1963, os militares tentaram impedir que seu vice, João Goulart, assumisse a presidência da República, devido, principalmente, a seus discursos esquerdistas. Alegavam que o vice-presidente poderia levar o país ao caos e a desorganização.

Mesmo com a oposição dos militares, João Goulart assume a presidência, mas governaria com um primeiro ministro, Tancredo Neves. Seu governo “de esquerda” provocou o descontentamento dos conservadores e militares brasileiros. Com isso, surge um consenso entre os militares quanto a um golpe, o que ocorreu na madrugada de 31 de março de 1964 quando o general Mourão Filho, comandante da IV Região Militar, em

Minas Gerais, com o apoio de outras regiões militares, conduziu suas tropas para o Rio de Janeiro para depor o presidente João Goulart, que não esboçou reação.

Assume temporariamente o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzili. No mesmo ano de 1964 os militares assumem o poder e implantam um governo autoritário no Brasil. Muitos dos direitos constitucionais foram suspensos e substituídos por uma série de medidas de exceção. Os militares chamaram o golpe de “revolução”. Na verdade, porém, tratava-se apenas de uma estratégia para legitimar o golpe e o autoritarismo frente à nação pelos próximos 25 anos. Foi uma proposta de modernização do Brasil pela via conservadora e autoritária, com um ferrenho combate às liberdades civis e aos movimentos sociais organizados, usando táticas como torturas, assassinatos e perseguições para manter o regime.

O último dos cinco presidentes militares, o General João Batista Figueiredo, com o regime bastante enfraquecido e pressionado pelo movimento popular Diretas-já, que contava com o apoio de amplos setores da sociedade e reivindicava eleições diretas no Brasil, através de manifestações civis nas ruas, abre caminho para a redemocratização do país. Em 1985 toma posse José Sarney, o primeiro presidente civil depois de 25 anos de governo autoritário. Em 1988 é aprovada pelo Congresso Nacional a quinta Constituição da República brasileira, definindo bem o papel das Forças Armadas:

As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sobre a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> BRASIL. Constituição (1988). Título V, Cap. II, Art. 142, p. 98.

Esta Constituição torna o Brasil um dos países mais democráticos do mundo, caracterizando e definindo as funções das Forças Armadas brasileiras, que não têm tanta tradição bélica como as de países mais antigos, pois no decorrer de sua trajetória foram utilizadas em poucas Guerras além fronteiras, mais na manutenção da ordem interna e em alguns casos por uma oligarquia reinante na defesa de seus interesses particulares.

## 1.2 O Brasil e a Segunda Guerra Mundial

Com o ataque japonês à base americana de Pearl Harbour no Havai, e com a conseqüente entrada dos Estados Unidos na Guerra, acontece a mundialização do conflito, com o envolvimento das grandes potências militares do planeta.

Nesse momento “as duas facções estavam bem definidas: o Eixo (Alemanha, Itália e Japão) contra os aliados (Inglaterra, Estados Unidos, União Soviética). O Eixo tentava subjugar a Inglaterra, principalmente quando cortava suas linhas de abastecimento no Atlântico e no Mediterrâneo”.<sup>10</sup>

No dia seis de junho de 1944, o chamado “dia D”, as tropas aliadas desembarcaram na Normandia. Esse ataque estratégico foi o início da queda do Eixo. A Alemanha estava enfraquecida pelas sucessivas derrotas nas batalhas contra a União Soviética, que na fase final do conflito ocuparia sua capital, Berlin.

O Brasil vivia sob o regime político do Estado Novo. Vargas governava de forma incontestável, sem Congresso, sem governos estaduais autônomos, sem partidos políticos e sem eleições. Era um país com cerca de quarenta milhões de habitantes, de economia essencialmente agrícola, baseada no café, sem indústrias de base, e com poucas rodovias e

---

<sup>10</sup> OLIVEIRA, Helena Lucena de Almeida. **Batalhas da memória: os pracinhas paranhenses na Segunda Guerra Mundial**. p. 15.

ferrovias. Dependíamos da importação de quase todos os produtos essenciais e éramos carentes de energia, dado que ainda não tínhamos as grandes usinas hidrelétricas de hoje.

O presidente Vargas fez da propaganda institucionalizada um dos vetores principais do seu governo, aproximou-se da juventude e do operariado, procurou exaltar a nossa raça e cultura, através de um nacionalismo exacerbado e aliou-se a muitos intelectuais comprometidos com a pregação nacionalista da Semana de Arte Moderna de 1922.

No início do conflito o Brasil tinha interesses comerciais tanto com os Estados Unidos como com a Alemanha, que chegou a ser nosso segundo maior parceiro comercial. Porém com a entrada dos Estados Unidos ao lado dos Aliados e o trânsito estratégico de submarinos alemães no Atlântico, com a finalidade de bloquear o abastecimento à Inglaterra, o Brasil aproxima-se dos Aliados, conseqüentemente, navios mercantes brasileiros começam a ser torpedeados no próprio litoral nacional, na América Central e Caribe, ocasionando, mais tarde, a perda de várias vidas brasileiras, principalmente de civis, incluindo mulheres e crianças. A imprensa deu muita ênfase ao assunto e, em resposta, o Brasil declara guerra ao Eixo em janeiro de 1942, ocasionando uma grande derrota para o grupo germanófilo do governo, os integralistas e os nazistas.

Com o desenrolar da Guerra e o assédio dos Estados Unidos ao Brasil, o governo foi obrigado a tomar uma decisão. Em 1943, após o encontro dos presidentes brasileiro e americano em Natal, ficou acertada a participação do Brasil no conflito, bem como, a criação de uma Força Aérea para, junto com os americanos, fazer o patrulhamento do Atlântico. Neste encontro o presidente americano solicitou a entrada do Brasil para as Nações Unidas, o que ocorreu em 9 de abril do mesmo ano, sendo este o “primeiro ato

político do Estado Novo de reconhecimento dos valores permanentes da democracia e da liberdade, que posteriormente iria influir no destino do país”.<sup>11</sup>

Também ficou decidido, devido às intensas pressões populares, que seria criada uma Força Expedicionária Brasileira e enviada a combater ao lado dos Aliados, inicialmente no norte da África, destino que, posteriormente, foi modificado para a Itália.

A entrada do Brasil ao lado dos Aliados, incluindo a União Soviética, era um tabu para o governo anticomunista brasileiro. Chegaram de Washington sinais de que o governo soviético estaria interessado em uma reaproximação com o governo brasileiro, mas o Catete, sede do governo no Rio de Janeiro, insistiu em manter uma atitude discreta e reservada.

Por todo o território nacional seguiram-se as manifestações de apoio ao Brasil e, principalmente, ao presidente Vargas. Comícios foram realizados nas principais capitais do país. Os palestrantes eram líderes políticos, estudantis e representantes de todas as classes sociais. Os discursos eram no mesmo tom nacionalista, exaltando as qualidades de Vargas e do povo brasileiro e exigindo desagravo à Alemanha com o envio de uma força expedicionária.

No dia 31 de agosto, o governo declarou o Estado de Guerra no território nacional. O Estado de Beligerância anteriormente declarado gerou confusas interpretações. Durante o Estado de Guerra deixaram de vigorar muitos artigos da Constituição de 1937. Os poderes de Getúlio tornaram-se ainda maiores, com a supressão de artigos que se referiam à manifestação do pensamento, à irretroatividade da lei penal e outros, tornando-o o ditador mais poderoso do mundo, depois de Hitler, Mussolini, Hiroshito e Stalin.<sup>12</sup>

Mesmo após a declaração de guerra do Brasil os navios brasileiros continuaram a ser torpedeados, intensificando as pressões populares pelo envio da FEB. Conseqüentemente,

---

<sup>11</sup> O GLOBO EXPEDICIONÁRIO. p.66

<sup>12</sup> FALCÃO, João. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. p.126

houve uma grande mobilização econômica no país para resolver questões de abastecimento e fornecimento de matérias primas aos Aliados, especialmente aos Estados Unidos, para resolver o problema dos transportes, internos e externos, e outros. Esses problemas levaram Vargas a criar a Comissão de Defesa Econômica, em outubro de 1942, com poderes para regular a produção, a exportação, a importação, os transportes, a circulação de mercadorias, os preços e o racionamento. Em todo o território nacional, o povo organiza-se para a Guerra.

Além da apresentação dos reservistas, à população civil deu sua parcela de contribuição para o esforço de guerra: muitas mulheres se organizaram como enfermeiras, surgindo cursos de formação. Foram organizadas as Hortas da Vitória com o intuito de abastecer a população. Nas ruas viam-se pilhas de metal que poderiam ser aproveitadas pela indústria ou pelas Forças Armadas, eram as Pirâmides da Vitória. Nas casas, o consumo de energia elétrica foi reduzido, houve blecautes em algumas cidades, como Natal, por exemplo. Nos setores profissionais foram distribuídos questionários para que as pessoas informassem suas habilidades. Foi inculcido no espírito dos jovens o desejo de participar, de contribuir de alguma forma.

As organizações patrióticas cresceram extraordinariamente nos tumultuosos dias de Guerra. “As primeiras prisões de “súditos do Eixo” foram efetuadas por agentes do movimento patriótico: universitários, profissionais liberais e pessoas que exerciam outras atividades”.<sup>13</sup>

Durante a Semana da Pátria, a primeira semana de setembro de 1942, promovida oficialmente todos os anos pelo Estado Novo, foram organizadas no Rio de Janeiro grandes manifestações populares em apoio ao presidente Vargas, com a presença de oradores que incentivavam o povo a obedecer irrestritamente o chefe da nação.

---

<sup>13</sup> FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. p.131.

Já após a declaração de guerra, os exilados comunistas e nacional-libertadores, civis e militares, começaram a voltar ao Brasil e a apoiar o governo, oferecendo-se para lutar contra o inimigo comum. Eram em sua maioria militares das Forças Armadas que haviam participado do levante comunista de 1935 e que voltavam para lutar contra o fascismo.

O Brasil toma a decisão de ir a Guerra. No Rio de Janeiro, nos primeiros anos de 1943, é fundada a Sociedade Amigos da América (SAA), presidida pelo General Manoel Rabelo. A SAA “constituiu-se graças à cooperação de homens de boa vontade, sem exclusivismos políticos, sociais, raciais, filosóficos ou religiosos, e com a firme determinação de auxiliar, em tudo que lhe seja possível, a causa da América, das Nações Unidas e da Humanidade, na luta contra o fascismo europeu e asiático”.<sup>14</sup>

Durante todo o período de participação brasileira na Guerra, era reinante o clima de apoio ao governo Vargas, mas havia focos de resistência como o Centro XI de Agosto, formado por parte do movimento estudantil e que proclamava a união nacional contra o nazi-fascismo sem Getúlio.

Com a evolução da Guerra favoravelmente às Nações Unidas no ano de 1943, cresce o antagonismo entre os ideais democráticos defendidos pelos Aliados e o regime ditatorial de Getúlio Vargas, o que levou classes mais esclarecidas da sociedade, como os estudantes universitários a protestarem constantemente contra o governo. A Polícia Especial do governo reprimiu várias manifestações estudantis, invadiu e destruiu a sede do XI de Agosto, na Faculdade de Direito de São Paulo.

Tais movimentos estudantis tinham como foco principal à cidade de São Paulo e baseava-se no princípio de que a luta pró-democracia deveria ser empreendida no Brasil. Os versos a seguir traduzem bem essa oposição que culminaria, no fim da Guerra, com a deposição de Getúlio Vargas:

---

<sup>14</sup> Manifesto de lançamento da SAA pelo general Manoel Rabelo em janeiro de 1943. In: FALCÃO, João. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. p.165

Oh! Valente legionário  
Do Corpo Expedicionário.  
Porque vais lutar a esmo!  
Se a luta cruenta e fria  
É pela democracia,  
Vamos travá-la aqui mesmo.<sup>15</sup>

### 1.3 A Força Expedicionária Brasileira

Com o afundamento gradual de navios mercantes brasileiros em vários pontos da costa do continente americano, principalmente na costa brasileira durante o ano de 1942 por submarinos do Eixo e a perda de “742 vidas entre tripulantes e passageiros, mortos ou desaparecidos em 19 navios: Bagé, Cabedelo, Buarque, Olinda, Arabutã, Cairu, Parnaíba, Comandante Lira, Gonçalves Dias, Alegrete, Pedrinhas, Tamandaré, Piave, Baependi, Araraguara, Aníbal Benévulo, Itagiba, Arará e Jacira”,<sup>16</sup> explodem por praticamente todas as capitais do país e outras grandes cidades, manifestações populares reivindicando o envio de uma força expedicionária brasileira à frente de batalha da Europa.

Durante o encontro dos presidentes Roosevelt, dos Estados Unidos, e Vargas, do Brasil, em Natal-RN, em janeiro de 1943, este último comprometeu-se em enviar um efetivo militar brasileiro para frente de batalha. Mais tarde, essa idéia passou a ser boicotada pelo próprio governo brasileiro. Além do mais, “existia um grupo de simpatizantes do Eixo entre os militares brasileiros o que dificultava uma tomada de posição”.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> DULLES, John W. F. A Faculdade de Direito de São Paulo e a resistência anti-Vargas. In: FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. p. 207;

<sup>16</sup> *O GLOGO EXPEDICIONÁRIO*. P. 28

<sup>17</sup> FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. p.216



Foto 1 - Os presidentes Vargas do Brasil e Roosevelt dos Estados Unidos em Natal-RN

Além da resistência militar de ordem interna, o comando do Exército dos Estados Unidos via com restrições a idéia do envio de tropas brasileiras à Guerra. Tais restrições eram ainda mais fortes por parte do governo britânico, abertamente contra. Ambos achavam as tropas brasileiras despreparadas e desorganizadas. Além do mais, seria um problema a mais, pois segundo o próprio Churchill, primeiro ministro inglês, “já havia contingentes de muitas nacionalidades naquela área” e a força brasileira se constituiria apenas num problema adicional.<sup>18</sup>

Com o crescimento das manifestações populares, especialmente as de janeiro de 1944, comemorando o segundo aniversário do rompimento das relações diplomáticas com o Eixo, o governo brasileiro dá início a uma lenta organização do corpo expedicionário que seria usado para intensificar a propaganda populista do presidente Getúlio Vargas.

A convite do governo norte-americano, o Brasil manda a esse país uma delegação militar chefiada pelo Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra. A idéia primeira seria a formação de uma força expedicionária contendo “100 mil homens, divididos em cinco divisões. Depois da visita a vários centros militares, o ministro partiu para Washington,

---

<sup>18</sup> FALCÃO. João. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. p.223

onde ficou acertado que o país mandaria 60 mil homens para o Norte da África em meados de 1944”.<sup>19</sup>

A designação do General João Batista Mascarenhas de Moraes para organizar e instruir a 1ª Divisão de Infantaria do Exército, “somente foi efetivada a 28 de novembro de 1943. A partir desta data, acelerou-se o processo de preparação da força expedicionária”.<sup>20</sup> O General Mascarenhas de Moraes, acompanhado por comandantes americanos, também visitou, em dezembro de 1943, prováveis destinos das tropas brasileiras no norte da África e na Itália.

Além do boicote de alguns membros do governo, “um outro obstáculo à formação da FEB seria adaptar um exército doutrinado nos moldes franceses ao moderno sistema militar norte-americano”.<sup>21</sup> Para isso houve um intercâmbio entre os dois países. Vários oficiais brasileiros foram enviados aos Estados Unidos em 1944 para serem treinados, inclusive todos os pilotos da recém criada Força Aérea Brasileira, concomitantemente muitos militares americanos desembarcaram no Brasil, já que o aparelhamento e adestramento de nossas forças militares pelos americanos fazia parte do acordo firmado com os Estados Unidos.

O ministro da guerra, Gaspar Dutra, em aviso de 5 de janeiro de 1944, admitiu abertura do voluntariado, mandando incluir nos corpos de tropa, como convocados, “os brasileiros hábeis que se apresentarem espontaneamente e que tenham mais de 18 e menos de 30 anos de idade, a fim de preencher claros nos quadros das forças expedicionárias.”<sup>22</sup> Isso gerou um problema inicial pois em 1944 a maioria da população brasileira vivia no campo, sem instrução e, principalmente, em precárias condições de saúde, dificultando assim a seleção de homens com padrão físico ideal para as necessidades de uma guerra.

---

<sup>19</sup> FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. p. 212

<sup>20</sup> *Idem* p.213

<sup>21</sup> *O GLOBO EXPEDICIONÁRIO*. p. 25

<sup>22</sup> FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. p. 215

Em todas as regiões militares do Brasil os voluntários acorreram aos quartéis. Procediam de todas as partes do imenso território nacional. Vinham das grandes metrópoles, dos povoados do interior, dos pampas gaúchos, da caatinga do Nordeste, do cerrado central, dos seringais da Amazônia, enfim, eram jovens das mais variadas regiões e classes sociais.

Além dos voluntários encontrava-se grande número de convocados vindos de todos os estados brasileiros. Foram submetidos a precários exames médicos e distribuídos pelos quartéis de sua região militar. O pouco tempo de que dispunham era usado na instrução e preparação física. De imediato, receberam uniforme e “foram vacinados contra as febres tifóide e pára-tifóide, tétano e tifo exantemático, enfermidades mais comuns que estariam expostos na áreas de conflito.”<sup>23</sup>

Superados os primeiros obstáculos, em 9 de agosto de 1943, a Portaria Ministerial publicada no Boletim Reservado do dia 13, criava a Força Expedicionária Brasileira.

Na sua estrutura orgânica um corpo de exército armado e equipado com material norte-americano, com dotação de três batalhões de infantaria, apenas um foi enviado à Itália, complementada com órgãos não divisionários como artilharia, engenharia, transmissões e saúde, além de uma unidade de aviação com a denominação de Força de Cooperação.<sup>24</sup>

Criada a Força Expedicionária Brasileira, sua estrutura orgânica teve como base a Primeira Divisão de Infantaria Divisionária – 1º DIE, complementada por órgãos não-divisionários, com a seguinte composição:

- Comandante: General de Divisão;
- Quartel General: Estado-Maior Geral, Estado-Maior Especial e Tropa Especial;
- Infantaria Divisionária: Comandante (General de Brigada) – três regimentos de infantaria;

<sup>23</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. **Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial**. p. 130

<sup>24</sup> Idem, p. 125.

- Artilharia Divisionária: Comandante (General de Brigada) – quatro grupos de artilharia;
- Esquadilha de Aviação: Ligação e Observação;
- Batalhão de Engenharia;
- Batalhão de Saúde;
- Esquadrão de reconhecimento;
- Companhia de transmissões (Comunicações).

A DIE ainda dispunha de uma tropa especial, constituída dos seguintes órgãos de apoio:

- Comando do Quartel General e da Tropa Especial;
- Destacamento de Saúde;
- Companhia de Manutenção;
- Companhia do Quartel General;
- Companhia de Infantaria;
- Pelotão de Sepultamento;
- Banda de Música.<sup>25</sup>

No final de 1943, o envio da FEB, após a abertura da segunda frente de batalha na Europa, tornou-se um objetivo de excepcional importância política para o governo autoritário do presidente Vargas, devido as crescentes pressões populares. A influente facção pró-Eixo do governo já estava convencida de que a vitória pendia para os Aliados e de que era de fundamental importância para o destino do governo o envio da FEB. Sendo assim, Getúlio Vargas tentou tirar o máximo de proveito possível da situação.<sup>26</sup>

Com a posição de governos ditatoriais da Argentina e da Bolívia fazendo uma coligação de clara tendência pró-Eixo, o governo norte-americano fortaleceu as defesas militares brasileiras na fronteira com o país platino e tratou de enviar à Inglaterra seu Secretário de Estado Cordell Hull para negociar com o governo daquele país, inicialmente contrário, à posição do governo brasileiro de enviar tropas.

A partir de fevereiro de 1942, começaram as homenagens a FEB. Damas da alta sociedade de São Paulo confeccionaram um pavilhão nacional e ofereceram ao 6º Regimento de Infantaria de Caçapava, uma das unidades componentes da FEB.

<sup>25</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. **Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial**. p.125

<sup>26</sup> FALCÃO, João. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. p. 220

Os desfiles das diversas unidades da 1ª Divisão de Infantaria, nos quatro estados onde estavam sediadas – Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná -, passaram a despertar a atenção e provocar a empolgação entre as populações. Segundo Falcão “o governo conduzia a organização da FEB de forma propagandística. Fazia parte de sua estratégia política transformar a FEB num fator de popularidade do regime, na ordem interna, e de prestígio internacional, nas relações externas”.<sup>27</sup>

O primeiro desfile ocorreu no Rio, a 31 de março de 1944. A imprensa vinha convocando a população com muitos dias de antecedência, num tom de exaltação patriótica:

Os soldados do Brasil, que vão partir para a linha de frente e lutar ao lado de nossos aliados, oferecerão ao povo um imponente espetáculo, despertando o entusiasmo de nossa gente pela causa das Nações Unidas, com as quais iremos saldar nosso compromisso de honra.<sup>28</sup>

A reportagem do jornal Correio da Manhã assim descreveu o histórico desfile do primeiro contingente da FEB:

Eram precisamente 17:00 horas, quando o General Zenóbio da Costa ordenou o toque de sentido. O toque de clarim eletrizou toda multidão, que se postara ao longo das calçadas. Silêncio absoluto num ambiente de intensa expectativa. Assim que a tropa começou a se movimentar, um ruído ensurdecedor de palmas e gritos tomou conta das ruas.

Os aplausos do povo não cessavam. Senhoras e senhoritas não se continham serenas nos cordões de isolamento. Estendiam os braços procurando roçar ao menos os uniformes dos soldados na ânsia de não poderem abraça-los. O povo acompanhou pelas calçadas a marcha dos soldados, com eles entoando as mesmas canções guerreiras cantadas com igual entusiasmo e convicção.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> FALCÃO, João. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. p. 220.

<sup>28</sup> Agência Meridional, dos Diários Associados, publicado no Estado da Bahia, edição de 31/03/44. In: FALCÃO, João. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. p. 229

<sup>29</sup> Idem. p. 229.

Na tarde do dia 24 de maio de 1944 houve um grande desfile militar no Rio de Janeiro. Às 13 horas o comércio cerrou as portas, desde cedo as fachadas das lojas e edifícios públicos ostentavam bandeiras brasileiras e retratos do chefe de Estado. Desta vez o presidente Vargas dirigiu à tropa um discurso repleto de nacionalismo.<sup>30</sup>

No dia “29 de junho, junto com o General Mascarenhas de Moraes, o 1º escalão embarcou no navio de transporte de tropas americanos General W. A. Mann, dia 30 o Presidente Getúlio Vargas despediu-se dos pracinhas. Dia 2 de julho, com 5.075 homens, o 1º escalão deixa o Rio de Janeiro com destino à Itália.”<sup>31</sup>



Foto 2 - O presidente Vargas despede-se do 1º escalão da FEB a bordo do navio General Mann em 30-06-1944.

Os efetivos da FEB desembarcados no Porto de Nápoles na Itália, através de cinco escalões de embarque, em datas alternadas, registraram os seguintes números:

- 1º escalão: 02/07/1944 – 5.075 homens;
- 2º escalão: 22/09/1944 – 5.075 homens;
- 3º escalão: 22/09/1944 – 5.239 homens;
- 4º escalão: 23/11/1944 – 4.691 homens;
- 5º escalão: 08/02/1945 - 5.082 homens.

<sup>30</sup> Vide o discurso nos anexos

<sup>31</sup> O GLOBO EXPEDICIONÁRIO. p. 67

Foram ainda enviados por via aérea 111 militares de um contingente misto, a maioria enfermeiras, totalizando, um número 25.173 homens compondo a Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. **Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial.** p.126

## **CAPÍTULO II**

### **Do Rio Grande do Norte à Itália**

## 2.1 O mundo dos pracinhas antes da convocação

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a conseqüente ocupação do norte da África, o Nordeste brasileiro, em especial o Estado do Rio Grande do Norte, passou a ter uma presença estratégica fundamental para na manutenção da soberania do Brasil e das Américas, devido a sua proximidade com o continente africano, especificamente, com a cidade de Dakar, de onde poderia partir um ataque do Eixo rumo à Natal e por ali passar importante feixe de comunicações marítimas que unia o Brasil aos Estados Unidos e o sul ao norte e nordeste brasileiros.

A capital potiguar, Natal, era uma cidade de 52.582 habitantes, segundo o censo de 1940. Possuía guarnições da Marinha de Guerra, do Exército e da Aeronáutica. Algumas repartições públicas representativas dos diversos órgãos da administração federal, já se faziam presentes na cidade, e a imprensa, geralmente dependente do precário sistema de comunicações do país, dava ênfase a notícias da Guerra que se desenrolava na Europa. Segundo Siqueira (2001, p. 109), “A cidade dispunha em 1939 dos jornais ‘A Republica,’ ‘A Ordem’ e o ‘Diário de Natal’. A Rádio Educadora de Natal – REN, hoje Rádio Poty, pertencia ao grupo de Diários Associados e entrou no ar em 30 de novembro de 1941”.

Nessa época, a população acompanhava, através dos poucos aparelhos de rádio existentes, o programa da BBC de Londres, retransmitindo para o Brasil diariamente notícias de uma distante Guerra:

“[...] meu pai comprou um rádio, um rádio Philco, e todas as noites a BBC de Londres transmitia para o mundo o noticiário sobre a Guerra, e a parte que tocava ao Brasil era às 21 horas. Então minha mãe colocava na sala todas as cadeiras disponíveis e nossos vizinhos, todos, vinham ouvir o noticiário da BBC de Londres e notícias sobre a Guerra”.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

E foi nessa pacata cidade nordestina que aconteceu um fato decisivo para a entrada do Brasil na Guerra: o encontro dos presidentes Franklin Roosevelt, dos Estados Unidos, e Getúlio Vargas do Brasil. Foram tomadas providências para que o encontro ocorresse no mais absoluto sigilo:

Tão secreto foi o encontro dos dois presidentes que dele nem o governador do Estado teve conhecimento. Ao contrário, foi surpreendido quando, ao chegar na tarde daquele dia à Rampa – atendendo convite das autoridades americanas que lhes privaram, inclusive da companhia do seu ajudante de obras -, ali encontrou os chefes de Estado em companhia dos chefes militares norte-americanos e brasileiros.<sup>34</sup>

Segundo Falcão (1999, p.170), o presidente norte-americano queria informações a respeito das atitudes dos brasileiros em relação ao ingresso do Brasil nas Nações Unidas, confidenciando ao embaixador que as autoridades militares não estavam muito interessadas na presença de tropas brasileiras no Norte da África. Fizeram ainda visitas às instalações das bases aérea, naval brasileiras, que seriam usadas pelos norte-americanos. Somente durante este momento é que as autoridades brasileiras tomaram conhecimento da visita.

Logo os militares norte-americanos começaram a desembarcar na cidade, que devido ao grande número de estrangeiros, ia mudando sua rotina e seus costumes sob a influência da cultura daquele povo.

Foi montada toda uma infra-estrutura pelos americanos para a Guerra. Cassinos, supermercados e principalmente construção e melhoramento das instalações militares para servirem adequadamente as tropas dos Estados Unidos e do Brasil.

Natal passou, de uma cidade provinciana, a uma cidade agitada e progressista. Sua população praticamente dobrou nos anos da Guerra e, conseqüentemente, surgiram uma

---

<sup>34</sup> PINTO, Lenine. apud OLIVEIRA, Helena Lucena de Almeida. **Batalhas da memória: os pracinhas parhenses na Segunda Guerra Mundial.** p. 18.

série de problemas, como o aumento do número de prostitutas, doenças sexualmente transmissíveis e inflação. O inglês passou ser um idioma difundido para facilitar a comunicação e o relacionamento com os militares estrangeiros. Foram introduzidos produtos industrializados como o chiclete, refrigerantes e comida enlatada. Atrações culturais como cinema e shows com artistas de Hollywood tornaram-se comuns. Surgiram vários namoros e algumas moças chegaram a casar com militares norte-americanos. Na cidade também houve a organização de serviços auxiliares como a Cruz Vermelha, em agosto de 1942 e a Legião Brasileira de Assistência, em 27 de setembro do mesmo ano, esta destinada a dar assistência moral, sanitária, educacional e econômica às famílias dos convocados ou voluntários para a Guerra.

No meio de toda essa efervescência também estavam os militares brasileiros, a maioria vinda de todas as partes do Rio Grande do Norte para receberem treinamento adequado à defesa do nosso litoral.

Nas pequenas cidades do interior do Estado, a vida dos pracinhas era completamente diferente da agitação da capital. Muitos ouviram falar de uma Guerra distante, mas não imaginavam que um dia ela os alcançaria. Eram, em sua grande maioria, pequenos agricultores humildes, semi-analfabetos e com pouquíssimas perspectivas de vida; sobreviviam graças à produção do algodão, à criação de pequenos rebanhos e à agricultura de subsistência. Eram membros de famílias numerosas que lutavam contra a seca, nas regiões do semiárido: *“sobrevivi graças à produção agrícola local, baseada no cultivo do algodão”*.<sup>35</sup>

A notícia da convocação chegou através de uma carta. Os reservistas das Forças Armadas eram sorteados e notificados de onde e quando deveriam se apresentar. Ovídio Diniz narra como foi sua reação ao receber a carta de convocação: *“Quando recebi a carta*

---

<sup>35</sup> Depoimento concedido à historiadora Helena Oliveira por Gerson Ramos da Silva em 2001.

*de convocação, fiquei 'aperreado', 'desnortado', pois ouvi falar que quem ia para a Guerra não voltava mais e o Exército viria procurar quem se escondesse e os pais teriam que dar conta dos filhos fugitivos".*<sup>36</sup>

Durante os depoimentos é notório o grande apego, em especial dos sertanejos, pela sua terra natal e pela figura materna: "... eu estava louco pra ver minha mãe. Se eu visse minha família, Deus poderia me matar que eu morreria satisfeito".<sup>37</sup> Ecléa Bosi em seu livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* comenta este aspecto:

[...] Em nenhum outro espaço social o lugar do indivíduo é tão fortemente destinado. Um homem pode mudar de país; se brasileiro, naturalizar-se finlandês; se leigo pode tornar-se padre; se solteiro, tornar-se casado; se filho tornar-se pai; se patrão tornar-se criado. Mas o vínculo que o ata à sua família é irreversível.<sup>38</sup>

Mas apesar disso, muitos decidiram ir em busca de aventura, e alguns chegaram a ser encorajados pelos pais. Além do mais, suas condições sócio-econômicas eram difíceis. Só restava juntar os poucos pertences, se unir aos conterrâneos e companheiros de destino e partir rumo aos quartéis de Natal.

## 2.2 A preparação e a difícil viagem para a Itália

Os pracinhas que vinham do interior do Estado, a maioria dos entrevistados, apresentou-se em Natal, deparando-se com um clima e um ambiente totalmente diferente do seco sertão. Muitos nunca tinham saído de suas cidades, como foi o caso de Gerson Ramos que "*era um 'matuto', criado no sítio, sem nunca ter saído de lá.*"<sup>39</sup>

<sup>36</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovidio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

<sup>37</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004.

<sup>38</sup> BOSI, Ecléa, apud OLIVEIRA, Helena Lucena de. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. p. 58

<sup>39</sup> Depoimento concedido à historiadora Helena Oliveira por Gerson Ramos da Silva em 2001.

Vindos da tranquilidade e liberdade do campo, chegaram aqui e encontraram uma cidade agitada, com grande movimentação de tropas e estrangeiros, e tiveram que se habituar à nova rotina, aos rigores da vida militar.

Ao chegarem em Natal eram submetidos a inspeções médicas e odontológicas, e imunizados contra várias doenças que poderiam encontrar na Guerra. Os considerados aptos, seguiam para suas unidades militares.

A instrução era ministrada por oficiais e sargentos e contava também com instrutores americanos, o que dificultava a compreensão. Os treinamentos eram intensos e variados, dando ênfase à preparação física, visando preparar os homens para as difíceis situações que encontrariam na Guerra:

“Lá no quartel, onde passei 2 anos, a vida era puxada, tinha muitos superiores chatos que nos mandavam fazer várias coisas. O treinamento de manhã era instrução de Guerra no mato, das 7 às 11h correndo, treinando, às 12h tinha ordem unida. As instruções eram chatas, o que eu achava melhor era a comida. Comíamos à vontade, pela manhã escolhíamos chá ou café. O almoço era muito bom, tinha muita comida. Cheguei lá com 50 kls e logo fiquei com 70 kls. Durante minha estada no quartel, o capitão me deu 6 dias para visitar minha família, mas eu não quis por causa da seca no Seridó.”<sup>40</sup>

O armamento moderno era completamente desconhecido, e “algumas armas só foram apresentadas aos seus usuários na Itália. Assim foi com o lança-rojão ou bazuca, o canhão anticarro 57 mm, o morteiro 60 mm e o próprio armamento individual, o fuzil sprigfield.”<sup>41</sup>

O clima nos quartéis por todo Brasil era de incertezas. Os pracinhas não sabiam quando, nem se embarcariam para a Guerra, de modo que a seleção e o embarque se deram repentinamente. Pelos depoimentos constatamos que alguns queriam ir, como Geraldo

---

<sup>40</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

<sup>41</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial. p. 133

Oliveira: “*Um dia o capitão colocou a Companhia em forma e perguntou quem queria ir para a Itália. Eu fui voluntário*”.<sup>42</sup> Outros sentiram medo e tentaram convencer os superiores de que não poderiam ir:

“Um belo dia botaram a companhia em forma à tarde. O capitão gritou: ‘chamada às 5 h não pode faltar’. Eram trezentos e poucos soldados. Eu era ‘Caxias’ (vibrador). Chegou um ‘galegão’ num carro diferente e perguntou meu nome, número e companhia. Eu disse tudo e ele ficou me observando; era um capitão americano e eu não entendia o que ele falava. Perguntei se aquilo tudo era para ir para a Guerra, me responderam que sim. Eu disse ao capitão que não podia ir pois tinha um ‘braço morto’ e lhe mostrei a cicatriz. O capitão disse que “era só uma queimadurinha” no meu braço. O ‘danado’ adivinhou e disse: ‘nem que o mundo se acabe, mas você é o primeiro que vai’”.<sup>43</sup>

Os que foram selecionados partiram para as três unidades da Força Expedicionária Brasileira, no Rio de Janeiro, em Caçapava-SP e em São João del Rei - MG, onde receberam uma preparação especial, definitiva, antes do embarque para a Itália.

Percebemos também nos relatos a preocupação dos pracinhas em mandar notícias para a família. Os que ficaram em Natal ou cidades próximas, conseguiram permissão para visitar seus familiares, durante os meses de treinamento antes da partida para a Itália; foi o caso de Geraldo Oliveira de Pedro Avelino. Outros, só voltaram a ver seus familiares depois da Guerra, como Ovídio Diniz de Equador que recebeu permissão para visitá-los, mas preferiu não ir por causa da seca no Seridó. Segundo seu próprio depoimento, Geraldo Oliveira ainda escreveu para o irmão em Pedro Avelino, antes da partida para a Itália, informando seu destino: Nápoles. Mas as correspondências eram severamente revisadas pelos oficiais da FEB e pela censura do Estado Novo e o seu destino foi apagado, ficando seu irmão sem saber pra onde ele ia.

<sup>42</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

<sup>43</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

A maioria dos entrevistados, de Natal seguiram para o Rio de Janeiro, onde se juntariam com outros pracinhas de vários estados brasileiros e de lá embarcariam para a Itália. Todos que se referiram à viagem foram unânimes em dizer que embarcaram no navio de transporte de tropas americano “General Meigs”. Só Cleantho Siqueira embarcou no 2º escalão, os outros seis entrevistados partiram no 5º.

Gerson Ramos e Cleantho Siqueira referem-se à viagem para a Itália como “tensa” e “desconfortável” devido ao pouco espaço disponível no navio para acomodar milhares de homens, à tensão gerada por um possível ataque dos submarinos alemães, que infestavam as águas do Atlântico e ao fornecimento, segundo Cleantho Siqueira, de, apenas, “*duas alimentações no dia: o café da manhã e só íamos comer (novamente) de tarde. Uma comida diferente da nossa, embora nós tivéssemos sido preparados pra isso*”.<sup>44</sup> Apenas um dos entrevistados disse ter gostado da viagem: Ovídio Diniz, que embarcou no General Meigs. Ele nos conta que “*a viagem foi ótima, comemos bem, não enjoiei... era muito conforto, mas só víamos água e céu*”.<sup>45</sup>

É interessante a maioria dos entrevistados não ter gostado da viagem, em contraste com a opinião de Ovídio Diniz; pois, analisando trechos da reportagem sobre a chegada do primeiro escalão à Nápoles em 18 de julho de 1944, feita por David Brown, correspondente especial da Reuters, observamos que os primeiros praças a serem entrevistados após o desembarque, os cabos Jacintho Cabral de Souza e Orlando da Fonseca, ambos do Rio de Janeiro, disseram “ter sido ótima a viagem”. O próprio General Mascarenhas de Moraes, abordado pelo mesmo repórter, na mesma reportagem disse que “fizemos uma ótima viagem, em grande velocidade, com boa alimentação e conforto”.<sup>46</sup> Teria a viagem do 1º escalão sido mais confortável que a dos demais escalões?

---

<sup>44</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>45</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

<sup>46</sup> Reportagem de David Brown, correspondente especial da Reuters em 18/07/1944 em **O GLOBO EXPEDICIONÁRIO**, p. 168

Acreditamos que não, pois os dois navios utilizados no transporte possuíam as mesmas características. Tais opiniões divergentes podem existir, suponhamos, devido a uma série de fatores, como estado psicológico, diferentes graus de adaptação dos militares ou alojamentos mais confortáveis que outros.

Cleantho Siqueira nos descreve o ambiente a bordo do “General Meigs”:

“Não tínhamos conforto, éramos acomodados em beliches, da altura do chão, até o teto, umas prateleiras, de modo que fazia um calor tremendo, ficávamos o dia inteiro sem muita roupa, só de calção. O dia, nós passávamos no convés do navio, quando a noite esfriava, nós descíamos para nossas acomodações. E essa viagem demorou 14 dias”.<sup>47</sup>

Segundo ele, os pracinhas não sabiam o destino do navio, “*havia um boato que íamos para a África*”,<sup>48</sup> só o comandante do General Meigs e o General Mascarenhas de Moraes sabiam.

Dois dos entrevistados narram uma perseguição do navio por um submarino alemão, mas há discordância entre Gerson Ramos e Ovídio Diniz, ambos residentes em Parelhas (RN) e embarcados no 5º escalão. O primeiro afirma que a perseguição ocorreu na ida para a Itália: “*durante a viagem, ia muito ‘assombrado’, pois quando passei do Equador e já estava chegando à Líbia, fomos perseguidos por um submarino alemão. Apesar de que íamos acompanhados por um destróier e um cruzador, o medo e o terror tomaram conta de todos os tripulantes*”.<sup>49</sup> Já o segundo, diz que a perseguição ocorreu depois da Guerra, na volta para o Brasil: “*a volta foi boa, um submarino tomou a frente do navio, tivemos que voltar e o submarino nos perseguiu atirando, mas não nos acertou, as balas iam pro*

---

<sup>47</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>48</sup> Idem

<sup>49</sup> Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Oliveira por Gerson Ramos da Silva em 2001

*céu*".<sup>50</sup> Apesar dos contundentes depoimentos, não encontramos na bibliografia consultada nada referente a tal perseguição.

No dia 6 de outubro de 1944, depois de 14 dias de viagem, os autofalantes do navio mandam os tripulantes subirem ao convés. O 2º escalão, onde estava Cleantho Siqueira chega ao seu destino, o porto de Nápoles, na Itália.

Em 23 de fevereiro de 1945, chega ao mesmo porto, no mesmo navio, o General Meigs, o 5º escalão, onde encontravam-se o restante dos entrevistados.

### 2.3 A Guerra na Itália

“Sofrimento”, “drama”, “desgraça”, “miséria”, “barbaridade”, “terror”, “inferno”... Estas são algumas expressões usadas nos depoimentos que caracterizam as experiências vividas na Itália nos meses da Guerra.

Tudo começou no desembarque. A cidade de Nápoles, uma cidade relativamente grande para os padrões italianos, estava praticamente destruída. Segundo os depoimentos, ao entrarem em seu porto, os pracinhas depararam-se com uma destruição total:

“No porto de Nápoles, ali no canto, tinha um monte de ferro velho, restos de embarcações, de viaturas, muito ferro, e lá tinha uma porção de homens acorados, segurando um barbante e, em meio a nossa curiosidade, aqueles homens estavam ali caçando ratos. Ficavam com uma ratoeira numa ponta de um barbante e quando a ratoeira disparava eles puxavam. Aquilo ali era o alimento. De modo que tudo que matasse a fome eles pegavam. Quando nós chegamos tinha muitas crianças e nós jogávamos biscoitos, chocolates e eles partiam para cima. Logo veio uma ordem para que nós não jogássemos nada porque machucava, machucava as crianças porque os adultos entravam também famintos..., não tinham nada, absolutamente nada.”<sup>51</sup>

<sup>50</sup> Ovídio Alves Diniz. Depoimento cit.

<sup>51</sup> Cleantho Homem de Siqueira. Depoimento cit.



Foto 3 - Unidades do 2º Escalão desembarcam em Nápoles, 1944 (CPDOC HB 062 19).

Em Nápoles passaram três dias embarcados e de lá partiram para Livorno. A viagem, segundo Gerson Ramos foi muito desconfortável: *“Fui transportado por ‘caçambas velhas’, juntamente com outros 100 soldados para uma mata chamada ‘Stafo’, onde, até levantarem as barracas, dormia ao relento”*.<sup>52</sup> Cleantho Siqueira ainda acrescenta que foi uma *“noite terrível meu Deus do céu! Frio, muito vento e chuva. Ficamos todos molhados numa frieza terrível e no dia seguinte desembarcamos em Livorno e fomos transportados para Pisa”*.<sup>53</sup> Tais “caçambas velhas”, como se referiu Gerson Ramos, “eram as barcas Landing craft infantry - LCI, de fundo chato, sem cobertura e com capacidade para transportar até 200 homens, eram as mesmas que foram utilizadas no desembarque da Normandia em junho de 1944”.<sup>54</sup>

Ao chegar em Pisa, instalaram-se num grande acampamento próximos à cidade para descansar algumas horas e se adaptar ao clima e aos padrões do V Exército norte-americano, ao qual foi incorporada a FEB. Foram apresentadas as armas, todas americanas e completamente estranhas às tropas brasileiras; *“armas individuais, armas automáticas,*

<sup>52</sup> Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Oliveira por Gerson Ramos da Silva em 2001

<sup>53</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>54</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. **Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial**. p. 143

*metralhadoras, tinha armamento que nós não conhecíamos como a bazuca, o canhão de carro... o canhão de carro aqui era um 37 milímetros, lá era um 57".*<sup>55</sup> Só em dois momentos da história militar do Brasil, tropas brasileiras estiveram tão bem equipadas: durante a Segunda Guerra Mundial e durante o Golpe Militar de 1964. De certo, o Brasil não tinha a tradição militar de outras nações envolvidas nessa Guerra, sempre foi um país pacífico, isso é retratado, neste caso, pelo estranhamento ao moderno equipamento bélico recebido pelos pracinhas na Itália.

Quando o 2º escalão chegou na Itália o 6º RI do 1º escalão já estava em combate. No dia 30 de outubro de 1944, o General Mark Clark, comandante do II Corpo do V Exército norte-americano, reunido com seus comandantes de corpos-de-exércitos e divisões, decidiu transferir a divisão brasileira do vale do rio Serchio para o vale do pequeno rio Reno, ao norte da Itália. Nesse momento as tropas da FEB, 1º, 2º e 3º escalões estavam reunidas sob o comando do General Mascarenhas de Moraes. As posições brasileiras no rio Reno, ficavam nas encostas de um arco de elevações, em cujas partes dominantes os alemães possuíam posições fortificadas: Belvedere, Gorgolesco, Della Torracia, Torre di Nerone, Soprassasso e o famoso, segundo os depoimentos, Monte Castelo, onde combatia a aguerrida 232ª Divisão de Infantaria Alemã, que dificultava a ofensiva Aliada:

Atacar do sopé para o cume fortificado, ainda sem a necessária experiência de combate; realizando ações frontais, sem meios suficientes; sem o apoio de blindados, pouco próprios para o combate na montanha e que se atolariam no lodo daqueles dias; na lama e no frio, arrastando-se sob o castigo de pesados capotões e enormes galochas; e sem a ajuda e o conforto da aviação...<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup>Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>56</sup>COSTA, Octávio. **O GLOBO EXPEDICIONÁRIO**. p. 33



Foto 4 - Tropas da FEB no Monte Castelo, 1944/1945. Itália. (ANVFEB)

Monte Castelo foi atacado por quatro vezes – a 24, 25 e 29 de novembro e a 12 de dezembro de 1944. As quatro vezes fracassadas tendo em vista as peculiaridades da situação:

“Houve fatores aí que comprometeram a nossa atuação: chuva, muita chuva, muita lama, a visibilidade caiu e a artilharia não pode executar seus tiros com precisão, a aviação também não pode nos dar apoio e esse combate, embora tenha se iniciado, foi retraído, retraído com mortos e feridos. No dia 29 de novembro nós retornamos esse combate e foi outro fracasso. Foi um golpe muito duro. E logo a partir disso aí, naqueles dias a neve começou a cair, o inverno chegou”.<sup>57</sup>

Com a chegada do inverno, em dezembro de 1944, estabilizaram-se as operações, devendo a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE), defender seu setor. Cleantho Siqueira nos conta que *“via neve no cinema, nesse tempo não tinha televisão, era no cinema, em fotografias. E aquilo começou a cair, e eu fui colhendo, botei na minha mão e ela logo derreteu. Os soldados estavam no abrigo e eu chamei todo mundo pra ver aquele fenômeno atípico para nós”*.<sup>58</sup> Essa pausa de 13 de dezembro a 18 de fevereiro de 1945 foi de grande importância para os efetivos da FEB, pois serviu para reorganizar e instruir a tropa. Durante esse período havia necessidade de fazer pequenas patrulhas de

<sup>57</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>58</sup> Idem

reconhecimento e os encontros com o inimigo eram inevitáveis, acontecendo, não raras vezes, pequenos combates.

Com o fim do inverno, chega à Itália o 5º e último escalão da FEB, que continha seis dos nossos entrevistados: Geraldo Oliveira, Gerson Ramos, Joaquim Xavier, Ovídio Diniz, Severino Silva e Ramiro Freitas. O ataque decisivo à Monte Castelo iniciou-se na noite de 20 de fevereiro de 1945, dessa vez uma conjunção de forças aliadas com o apoio de blindados norte-americanos e da aviação, inclusive brasileira. O 1º e o 3º batalhões do 1º RI lançaram-se sobre Monte Castelo, dominando-o totalmente na tarde do dia seguinte. Estava encerrada uma das batalhas mais comentadas nos depoimentos coletados. Ovídio Diniz nos conta que *“em Monte Castelo morreu quase todo mundo, eles estavam entrincheirados. Cada trincheira cabia 100, 200 soldados, eles as haviam preparado há muito tempo. Nós chegamos à noite e fomos devagarzinho jogando granadas, de repente, o cabra vinha rolando todo cortado, pois a granada cortava tudo”*.<sup>59</sup>

Após Monte Castelo veio o pior dos combates, segundo os depoimentos e fontes consultadas, da FEB na Itália: Montese. Era a “Ofensiva da Primavera” iniciada em 14 de abril de 1945, dia inicial da ofensiva que visava romper as posições inimigas e conquistar a região de Montese. Coube a uma das companhias do 1º Batalhão do 11º RI a missão de assaltar o monte.

A comentada conquista de Montese, iniciada em 14 de abril de 1945, custou muito caro aos combatentes brasileiros, pois tinha uma grande importância estratégica para os nazistas que sobre ele desfechou uma grande concentração de artilharia. A FEB foi auxiliada pelo IV Corpo do Exército norte-americano com seus carros blindados. Geraldo

---

<sup>59</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

Oliveira conta que *“foram cinco dias direto em Montese sem descanso, sem dormir, sem comer. Nem comer nós comíamos”*.<sup>60</sup>



Foto 5 - Membros da artilharia da FEB na Itália, 1944-1945. S.I. (CPDOC HB 062 16).

Apoiados pelos aviões Thunderbolts do 1º Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira, que sobre intensa artilharia antiaérea bombardeava o inimigo, a infantaria brasileira avançava subindo o monte ultrapassando campos minados sob rajadas de metralhadoras:

Violento duelo de fogo de todas as armas, destacando-se os canhões de variados calibres e metralhadoras todas disparando a um só tempo, de lado-a-lado, produzindo um barulho ensurdecedor... A cidade de Montese, a esta altura da luta, encontrava-se totalmente envolta por densas nuvens de fumaça e poeira. Nada se consegue ver detalhadamente. A atmosfera é pesada, respira-se com dificuldade, o cheiro acre da pólvora misturando-se com nuvens de pó; a arrebentação das granadas de artilharia e morteiros, o pipocar incessante das metralhadoras, gritos de comando e de dor dos feridos, tudo isso levava a crer que o inferno era ali.<sup>61</sup>

Às 15 horas do dia 14 de abril, um pelotão da 1ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria (11º RI), o mesmo de Cleantho Siqueira, penetra nas primeiras ruas de Montese

<sup>60</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

<sup>61</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. **Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial**. p.183

abrindo caminho para a conquista definitiva. Ao amanhecer do dia 15, ainda havia pequenas unidades de combates empenhadas na manutenção da posse do importante reduto conquistado, pois os alemães ainda resistiram até o dia 17, quando a artilharia alemã cessou, abrindo caminho para as tropas aliadas.

Sem dúvida alguma Montese foi a mais difícil e a maior vitória da FEB, missão de alta responsabilidade que lhe foi atribuída pelo Comando do IV Corpo do V Exército norte-americano, devido a sua importantíssima posição estratégica, pois era considerado a chave para a transposição dos Montes Apeninos, o que daria acesso ao Vale do Pó, último reduto alemão. Nessa grande batalha morreram dois soldados potiguares: José Varela e Manoel Lino de Paiva, ambos no dia 14 de abril de 1945.

Após Montese outras difíceis batalhas, mas de menores proporções, seguiram-se com o inimigo em retirada: Paravento, Monte Maiolo, Rivela, Zocca, Vignola, Collecchio e Fornovo de Taro; até que se deu a captura da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, pouco mais de 14 mil prisioneiros:

Dia 29, após as negociações com o comando brasileiro, o General Mascarenhas de Moraes recebeu a rendição oficial da unidade alemã. Nesta brilhante operação os brasileiros fizeram 14 mil 779 prisioneiros, e capturaram 4 mil cavalos, viaturas, armas e munição copiosa.<sup>62</sup>

Cleantho Siqueira nos conta como os viu: *“Eram homens sofridos, magros... pelo uniforme deles agente via, uniformes surrados, o calçado já não tava dando pra mais nada. O asseio pessoal... a Guerra já estava no fim mesmo”*.<sup>63</sup> E Geraldo Oliveira acrescenta que *“pareciam um gado magro na pista”*.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> O GLOBO EXPEDICIONÁRIO. p. 67.

<sup>63</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>64</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

Dia 1º de maio as tropas brasileiras entram em Turim, convulsionada pelo terror desencadeado pelos “partigiani”<sup>65</sup>, e se lançaram, no mesmo dia, à ligação, em Susa, na fronteira franco-italiana, com a 27ª Divisão do Exército Francês. No mesmo dia 2 as hostilidades na frente italiana chegaram ao fim, mas a notícia oficial do fim da Guerra só veio no dia 8 de maio, quando o General Jodl, representando o alto comando alemão, assinou na cidade francesa de Reims, o termo de rendição incondicional alemã. No mesmo dia, em cerimônia realizada em Berlim, com os generais alemães Keitel, Friederburg e Stumoff, e representantes dos Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética foi firmado o documento oficial de completa derrota das forças armadas alemães na Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>65</sup> Fascistas italianos aliados dos alemães

## **CAPÍTULO III**

### **Visões da Guerra**

### 3.1 Os italianos

Durante a estada da FEB na Itália foi intenso o contato e envolvimento dos pracinhas brasileiros, em especial potiguares, com a sofrida população civil italiana. Em todos os depoimentos coletados há referências a amigos e namoradas deixados na Itália. Outros falam, e não são poucos, que também deixaram filhos nesse país, e que, depois da Guerra, alguns pracinhas brasileiros voltaram para buscar suas esposas ou, pelo menos, continuaram mantendo contato com filhos e namoradas deixados na Itália.

Analisemos algumas passagens:

Quando os pracinhas chegavam numa cidade encontravam muita destruição e sofrimento. Cleantho Siqueira nos diz que *“o que mais marcou o combatente brasileiro foi o sofrimento da população civil. Como sofre, principalmente as mulheres, as crianças e os velhos”*.<sup>66</sup> E mais adiante nos conta como eram recebidos nas cidades por onde passavam: *“Os italianos gostavam muito da gente. Nós chegávamos numa cidade e era uma festa, o povo vinha pra rua. Que alegria rapaz! Era a liberdade chegando... veja o valor da liberdade”*.<sup>67</sup> E que durante a passagem ou estada nessas cidades *“cada família, quando a gente chegava e conversava, tinha seu drama particular para contar: que alguém tinha sumido, o pai tinha sido fuzilado pelos alemães. Era a situação pior que eu já vi”*.<sup>68</sup>

O sofrimento da população civil também é uma constante nos demais depoimentos. Ovídio Diniz afirma que *“as italianas eram soltas no mato com medo. Na hora do almoço elas chegavam pedindo “manjaro” (pão). Nos deram ordem pra não dá pão, mas elas eram muito bonitas e nós dávamos”*.<sup>69</sup> Também Geraldo Oliveira nos fala sobre o sofrimento dos civis italianos: *“Aqueles crianças, mocinhas chegavam no nosso*

---

<sup>66</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>67</sup> Idem

<sup>68</sup> Idem

<sup>69</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

*acampamento pedindo um pedaço de pão, eu repartia e ficava com fome, muitos dos nossos colegas davam*".<sup>70</sup> E complementa dizendo que *"na Itália não tinha nada, você chegava numa cidade daquela e não tinha comida..."*<sup>71</sup>

Sobre esse assunto, Gerson Ramos nos dá um depoimento contundente, contando-nos qual era o estado da população civil italiana:

*"Na Itália vivi um verdadeiro terror, a população sem destino nas ruas, andando de um lado para outro, esfomeados e seminus. As mulheres ofereciam seu corpo aos 'brasilianos' em troca de 'manjaro'". Alguns soldados jogavam alimentos, como chocolates, caramelos e guaranás para esses grupos de 'desmantelados', com cabelos compridos, barbas grandes, sujos e esfarrapados. Por alguns instantes acreditei estar diante de 'loucos desvairados', de tão sombrio era o aspecto físico daquelas pessoas. Alguns pais ofereciam suas filhas aos 'brasilianos' em troca de alimentos e elas 'serviam de mulher' para os soldados que em troca davam-lhes algumas 'galhas de alimentos'".*<sup>72</sup>

Outro aspecto importante nos depoimentos diz respeito à solidariedade mútua entre os pracinhas brasileiros e os civis italianos. Alguns dos pracinhas potiguares entrevistados falam saudosamente de grandes amigos que deixaram na Itália. Pessoas que os hospedaram, introduzindo-os em seus lares e compartilhando suas alegrias, angústias e tristezas.

Cleantho Siqueira nos conta sua experiência junto a uma família italiana: *"(...) nós procurávamos as casas dos italianos, sempre nas montanhas, no campo, aquelas pequenas granjas, em pequenas localidades. Nós procurávamos sempre as casas deles porque tinha fogo, uma lareira"*.<sup>73</sup> Isso acontecia principalmente na época do inverno, quando os combates eram escassos e os pracinhas buscavam tais casas para fugir do frio italiano. O

<sup>70</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

<sup>71</sup> Idem

<sup>72</sup> Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Oliveira por Gerson Ramos da Silva em 2001

<sup>73</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

próprio Cleantho Siqueira ainda lembra que a família era composta pelo “*dono da casa, que era o Sr. Giusepe, um cidadão de 60 anos, e a senhora dele, Dona Terezinha, uma mulher maravilhosa... um rapaz entre 16 e 17 anos e uma moça também jovem e duas crianças, Silvana e Maria, uma tinha 3 anos e a outra tinha 5*”.<sup>74</sup> Alguns pracinhas ficaram vários dias nesses lares, guarneendo a região. As refeições, segundo o Cleantho Siqueira, eram trazidas do “rancho”, no acampamento brasileiro, para essas casas em “marmitões térmicos” que abasteciam toda a família. As crianças eram servidas primeiro, logo após os donos da casa e por último os soldados brasileiros.

Geraldo Oliveira lembra de um almoço oferecido à alguns pracinhas: “*uma vez um italiano nos ofereceu um almoço, a mim e a quatro colegas. Fomos almoçar com esse italiano. Era só ele e a irmã, uma moçona bonita*”.<sup>75</sup> Surpreendentemente 35 anos depois de acabada a Guerra, Geraldo Oliveira escreveu para outro amigo italiano com quem conviveu na Itália e sua carta foi respondida da seguinte forma: “*Oliveira, (nome de Guerra Geraldo Oliveira na FEB) recordo sempre dos presentes (cigarros) que me mandavas*”.<sup>76</sup> Também Severino Silva recorda que “*tinha um grande amigo na Itália que era casado com uma brasileira, mas não recordo mais seu nome*”.<sup>77</sup>

Uma das maiores curiosidades dos leigos, segundo os próprios pracinhas, é sobre os relacionamentos com as moças italianas. Abordado sobre esse assunto Cleantho Siqueira afirmou que “*(...) sempre dizia a meus soldados, sempre advertindo eles: ‘não se esqueçam que vocês têm suas mães e suas irmãs no Brasil, vamos respeitar essas moças aqui da Itália’*”.<sup>78</sup> A preocupação de Cleantho Siqueira era legítima, “*pois houve*

<sup>74</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2001

<sup>75</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

<sup>76</sup> Idem

<sup>77</sup> Depoimento concedido ao autor por Severino Nicolau da Silva em 22 de maio de 1999

<sup>78</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

*problemas, houve casos lá de estupros violentíssimos*”,<sup>79</sup> por parte de soldados americanos e brasileiros. Mas segundo o próprio Cleantho Siqueira, enquanto os americanos eram punidos com rigor, os brasileiros, na maioria dos casos, acabavam tendo suas penas abrandadas.

Mas também houve bons relacionamentos entre brasileiros e italianas, “*houve amizades e muitas namoradas. Eu farreava, falava bem demais*”.<sup>80</sup> Nos conta Geraldo Oliveira. Ovídio Diniz também se refere a tal relacionamento:

“Dávamos comida para as pobrezinhas, muitas grávidas. Quando nós fomos embora o comandante disse para não dizermos para elas o dia do embarque: ‘eu sei que todos vocês têm amantes’. Elas eram muito bonitas. E continuou: ‘Se vocês disserem o dia, elas vão querer ir’. O comandante não as quis levar. Elas pareciam umas santas, queriam ir para o Brasil conosco. Mas os soldados disseram o dia do embarque e o comandante teve que prometer voltar para buscá-las”.<sup>81</sup>

Em conversas aleatórias que tivemos com outros veteranos da FEB, há afirmações categóricas de que a maioria dos pracinhas brasileiros tinha uma ou mais namorada. Alguns deixaram filhos na Itália, muitos nem têm certeza disso, ou chegaram a casar e voltaram depois da Guerra para buscar suas mulheres. Outros nunca mais tiveram contato com elas, dando seqüência às suas vidas no Brasil.

Ao longo dos depoimentos, ao se referirem às italianas, os pracinhas potiguares sempre destacam sua beleza. Os soldados da FEB eram recebidos nos locais onde passavam como heróis e libertadores. Geraldo Oliveira nos conta que não era muito difícil se aproximar das italianas: “*Éramos os grandes heróis. Os garotinhos procuravam a gente e diziam: ‘Paisano quer vinho? Vendo minha ‘Sorela’ (irmã) e um cálice de vinho.’ Eu os*

<sup>79</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>80</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

<sup>81</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

*agradava e namorava muito*".<sup>82</sup> Em troca do convencimento da irmã, os garotos eram agradados com comida. Isso retrata a difícil situação por qual passavam essas famílias. Talvez essas moças procurassem os "brasilianos" com expectativas de um dia irem para o Brasil e melhorarem de vida, devido à miséria em que se encontrava à Itália. De certo, o estreito laço de amizade que uniu Brasil e Itália desde o século XVIII, a aproximação entre esses dois povos devido à imigração de centenas de milhares de italianos para trabalharem nos cafezais brasileiros e, principalmente, a semelhança entre os idiomas, deve ter contribuído de alguma forma para facilitar o relacionamento entre os pracinhas brasileiros e essas moças italianas. Na verdade os pracinhas voltaram, e a maioria delas nunca mais teve notícias deles. Ficando na memória desses homens, 60 anos depois, apenas a lembrança de belas moças e dos poucos momentos agradáveis passados em meio ao terror da Guerra.

### 3.2 Os alemães

Devido às atrocidades cometidas pela Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial, várias são as histórias de frieza, orgulho e insensibilidade dos militares alemães contadas pelo cinema, literatura e pelos protagonistas do conflito que tiveram contato com esses homens. Mas para os pracinhas potiguares entrevistados, essa imagem degradante convive com um sentimento de admiração e respeito, devido à disciplina, educação e equilíbrio do "soldado alemão".

Perguntados como viam e o que sentiam pelos alemães obtivemos os seguintes depoimentos:

---

<sup>82</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

- Cleantho Siqueira: *“O soldado alemão, que por leitura agente fica conhecendo os povos, nós sabíamos que era o melhor soldado do mundo e isso foi confirmado. Ele era orgulhoso, cara feia, fechado, duro... o alemão era sério, com a moral lá em cima!”*<sup>83</sup>

- Joaquim Xavier: *“Apesar de ter perdido muitos amigos e do ferimento, não guardo mágoa dos alemães, não sinto raiva deles, tenho consideração pelos meus inimigos e colegas de FEB, pois todos eram meus contemporâneos”*.<sup>84</sup>

- Geraldo Oliveira: *“Quanto aos alemães, achei que eram os melhores soldados do mundo e muito educados. Eu nunca vi uma disciplina igual à dos alemães..., é muita disciplina, eu os admirava. Eles eram trancados, não se abriam pra ninguém, pareciam que estavam com raiva”*.<sup>85</sup>

- Severino Silva: *“Não tinha ódio do inimigo, de ninguém”*.<sup>86</sup>

O que tais depoimentos deixam transparecer é exatamente o respeito que alguns pracinhas tinham pelo inimigo, talvez pelo fato dos alemães serem mais bem preparados e equipados para a Guerra e mais experientes. Mas tal respeito, essa é a nossa impressão, era mais referente ao soldado profissional alemão, pela sua disciplina e eficiência em combate. Quanto ao ser humano alemão generalizando esse povo, a visão geralmente é outra. Cleantho Siqueira relata que os alemães *“praticaram lá umas bobagens, sabe! Tem histórias, que eu não vou me referir a isso, pois não gosto de contar. Muitas sujeiras, crimes, patifarias, sabe!”*.<sup>87</sup> Mais à frente continua, relatando um fato acontecido com um prisioneiro brasileiro: *“Os alemães tocaram fogo num cabo nosso, o cabo Manga. Jogaram gasolina no cabo, tocaram fogo e isso teve uma repercussão muito chata, não foi legal, ele*

<sup>83</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>84</sup> Depoimento concedido ao autor por Joaquim Xavier de Souza em 29 de janeiro de 1999

<sup>85</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

<sup>86</sup> Depoimento concedido ao autor por Severino Nicolau da Silva em 22 de maio de 1999

<sup>87</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

*prisioneiro... coisas dessa natureza. Os italianos é que contavam que eles eram bandidos, da pior espécie”*.<sup>88</sup>

São cenas marcantes da Guerra que ficaram na memória dos pracinhas, muitos preferem não falar sobre elas, pois de tão fortes deixaram traumas, outros se negam a falar sobre a própria Guerra, pois sempre vem à mente tais cenas.

Ainda sobre os alemães, alguns pracinhas relatam a captura da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, ocorrida no dia 30 de abril de 1945, sendo um dos fatos mais marcantes da FEB na Itália, o que foi decisivo para por fim à Guerra naquele país. Ovídio Diniz conta como viu essa captura e a impressão que teve dos prisioneiros: *“Um dia capturamos vários alemães e os colocamos no chiqueiro, havia dias em que não cabia tantos alemães. Não tínhamos raiva deles, diziam que o Brasil era amigo deles. Comiam uma comida estranha, e nós feijão, farinha e jabá. Eles não comiam isso”*.<sup>89</sup> Geraldo Oliveira nos relata como foi sua experiência com três dos prisioneiros alemães:

*“Quando terminou a Guerra, eu fiquei na beira da pista e passou uma divisão de 14 mil homens (alemães e italianos capturados pela FEB), parecia um gado magro na pista. Vinham um cabo e dois soldados feridos (alemães). O tenente me disse: ‘fique com esses homens aqui (os feridos), quando a caminhonete do rancho vier, você a pare e leve esses três homens’. Quando a caminhonete chegou, ela parou, eu os mandei subir e eles subiram. Lá em cima tinha umas rodela de pão, o soldado morrendo de fome, pego uma rodela de pão e quando estava com ela perto da boca, o cabo disse: ‘deixe aí!’. Ele largou na hora. Aí eu peguei os pães e distribui entre eles”*.

*Se fosse um general que desse essa ordem para nós (brasileiros), nós mandávamos ele se r... O alemão não, era educado. Uma autoridade daquela fez só um sinal e o soldado obedeceu. Fiquei besta com aquilo, é muita disciplina, eu os admirava.”*<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>89</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

<sup>90</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004



Foto 6 - Soldados da FEB escoltam prisioneiros alemães capturados na Itália (ANVFEB).

Cleantho Siqueira também relembra tal rendição dizendo que *“em Fornovo se deu à rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã. Essa divisão foi aprisionada completa, seu comandante era um general, cerca de 15 mil homens, gente demais”*.<sup>91</sup> E mais adiante compara o prisioneiro alemão com o italiano: *“Se oferecêssemos cigarro para os alemães, eles tiravam um cigarro, mas quando oferecíamos pro prisioneiro italiano, eles metiam a mão, se você bobeasse ele levava todos. O italiano, várias vezes, era aquele sorriso debochado; o alemão era sério, com a moral lá em cima...”*.<sup>92</sup>

A imagem dos alemães foi sintetizada numa frase dita por três dos sete entrevistados: Para os Ovídio Diniz,<sup>93</sup> Geraldo Oliveira<sup>94</sup> e Cleantho Siqueira,<sup>95</sup> *“o alemão era o melhor soldado do mundo”*. Tão admirado e respeitado que alguns dos pracinhas fazem questão de guardar alguns suvenires alemães da Guerra, como Cleantho Siqueira que tem em um cômodo de sua casa, cheio de lembranças da Guerra, um capacete alemão. *“São os louros da Guerra”*, diz Geraldo Oliveira<sup>96</sup>.

<sup>91</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>92</sup> Idem

<sup>93</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

<sup>94</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

<sup>95</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>96</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

### 3.3 Religião e morte

Ao chegarem à Itália, ainda no acampamento aliado de San Rossore, os pracinhas contavam com assistência espiritual. Nas primeiras horas das noites, ao final de dias cansativos, de intensa preparação para os combates vindouros, onde teriam que conviver com diversos perigos e a idéia da morte, os pracinhas eram chamados para momentos de oração. Segundo os depoimentos, havia a necessidade de se aproximar de Deus e da Virgem Maria, pois sabiam que muitos ali não voltariam para casa, não restando nada a fazer senão apelar para os poderes divinos pedindo proteção.

No efetivo da FEB também se encontravam sacerdotes, protestantes e católicos. Enquanto os católicos se reuniam com seu sacerdote rezando o terço de Nossa Senhora e demais orações, “um pastor protestante, junto com seu rebanho, entoavam hinos sacros ou recitavam reconfortantes e ricos temas bíblicos aos também seguidores de Cristo em outro local do acampamento”.<sup>97</sup>

Além da assistência religiosa, de fundamental importância espiritual e psicológica para os pracinhas, os sacerdotes comumente eram vistos em situações perigosas nas frentes de combate, “prestando socorro aos feridos, ministrando a extrema unção aos moribundos ou ainda auxiliando na identificação dos mortos junto ao pelotão de sepultamento”.<sup>98</sup>

Questionados sobre a morte iminente, a maioria dos pracinhas entrevistados diz ter tido que conviver constantemente com essa idéia, pois todos viram amigos e companheiros morrerem e sabiam que poderia acontecer com qualquer um deles em qualquer momento. Gerson Ramos lembra que viu “*um ‘amigo de Guerra’ morrendo e clamando*

---

<sup>97</sup> SIQUEIRA. Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguarenses: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial*. p. 147

<sup>98</sup> Idem

*que não queria morrer ali, e sim junto à família, perto dos seus”.*<sup>99</sup> Ovídio Diniz conta que *“só pensava em morrer. Estávamos preparados. Numa batalha morriam 30 ou 40... havia batalhas em que os superiores diziam que seria difícil sobreviver, mas éramos obrigados a lutar... No início tínhamos medo, mas depois não ligávamos mais para a morte”.*<sup>100</sup> Já Cleantho Siqueira acha que *“psicologicamente tem que ser encarado. A morte é apenas um fato. Você sabe que um dia você... a morte não tem hora. Quando você tá num momento duro do combate, nesse momento você perde a noção, você tá concentrado ali”.*<sup>101</sup>



Foto 7 - Corpos de soldados brasileiros em Monte Castelo, 1945 (CPDOC CFA 186 131).

Contrastando com a morte, havia também a fé em sobreviver nos campos de batalha. Fé em Deus, para sobreviver e voltar para casa. Era uma escapatória, uma espécie de conforto psicológico e espiritual, muitas vezes era a única coisa que havia para se agarrar. Todos os depoentes que se referem a Deus, são homens religiosos e até hoje agradecem a ele por estarem vivos, como é o caso de Cleantho Siqueira, que vai *“rigorosamente à missa nos domingos pra isso. É o meu reconhecimento a meu Deus porque me trouxe de volta pra casa. Porque eu sei, lá dentro da minha alma, se eu não fizer isso, o que seria de mim*

<sup>99</sup> Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Oliveira por Gerson Ramos da Silva em 2001

<sup>100</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

<sup>101</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

*meu Deus?*"<sup>102</sup> Também o depoimento de Severino Silva está repleto de referências e agradecimentos a Deus: *"Me apeguei muito a Deus, orava muito para a Guerra acabar. Deus me ajudou muito"*.<sup>103</sup> O mesmo ainda diz que quando chegou em casa, em Natal, teve *"que pagar uma promessa que minha esposa tinha feito para eu voltar"*.<sup>104</sup>

Durante seu depoimento, Geraldo Oliveira nos relata um de seus momentos mais difíceis na Guerra, em que, segundo ele, "Nossa Senhora da Conceição" o salvou:

*"Na Itália Montese foi o combate mais difícil. Durante a batalha peguei uma pá e comecei a cavar em torno de uma grande pedra para me proteger dos morteiros. Eu fiquei ali a noite toda. Lá pra meia noite caiu um morteiro quase em cima de mim, ele caiu quase dentro (do buraco), eu quis correr para outro canto. Me vali de Nossa Senhora da Conceição, certo de morrer naquela hora. Meu amigo! Naquele momento passou um avião nosso lá por cima dos alemães e disparou em cima deles. Foi um milagre de Nossa Senhora, me vali dela com tanta fé que ela me salvou na hora"*.<sup>105</sup>

Hoje é comum nas casas dos pracinhas que visitamos a imagem do Papa Pio XII. Cleantho Siqueira, em seu depoimento, nos conta que foi sorteado e passou seis dias em Roma: *"vi o Papa, o Papa Pio XII"*.<sup>106</sup> O próprio Papa proferiu a seguinte bênção apostólica à Força Expedicionária Brasileira após a Guerra: *"A todos os nossos diletos filhos do Brasil, que as vicissitudes da Guerra trouxeram à Itália, e que estão prestes a voltar à sua amada pátria, bem como a toda a querida e nobilíssima nação brasileira, damos de todo o coração, qual penhor das melhores graças celestes, a Nossa paterna bênção apostólica"*.<sup>107</sup>

<sup>102</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>103</sup> Depoimento concedido ao autor por Severino Nicolau da Silva em 22 de maio de 1999

<sup>104</sup> Idem

<sup>105</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

<sup>106</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>107</sup> Bênção do Papa Pio XII a FEB em 13 de julho de 1945 In: SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial*. p. 199

Constatamos que ainda há uma grande admiração pela figura desse Papa. A bênção apostólica a FEB, acima, deve ter contribuído muito para isso, já que a maioria desses homens nasceu e foi criada em lares tradicionalmente católicos no interior do Rio Grande do Norte e o fato de ter sido abençoado, ou mesmo ter tido contato com o Papa, seria uma história a mais a ser contada ao voltarem às suas cidades. O certo é que esses homens, durante a Guerra, praticavam sua religião e que se valeram dela constantemente nos momentos mais difíceis no campo de batalha, e mesmo os que não eram tão religiosos passaram a ser durante as dificuldades enfrentadas na Guerra.

### **3.4 Piores momentos e cenas marcantes da Guerra**

Abordar temas tão marcantes na vida desses homens não foi uma tarefa fácil devido ao desconhecimento inicial, por parte do entrevistador, das especificidades das experiências traumáticas vivenciadas durante a Guerra. A impressão que tivemos é que muitos dos veteranos da FEB, apesar de alguns traumas, têm uma vida aparentemente normal. São homens lúcidos, alegres, brincalhões e bem afeiçoados, aparentando uma certa jovialidade e disposição física. Mas quando abordados sobre as lembranças da Guerra, alguns demonstram muito receio em relembrar as experiências vividas durante esse momento de sua vida, dizendo que não lembram de praticamente mais nada ou mesmo que tais lembranças não os fazem bem. Neste momento “o silêncio nos mostra algo. Traumas, em especial. E esses traumas atualizam sentimentos da época: medo, raiva, humilhação etc”.<sup>108</sup>

Ao contrário dos primeiros, outros, e são a maioria, demonstram grande ânsia em se expressar, fazendo questão de falar sobre seus momentos mais difíceis na Guerra. Talvez

---

<sup>108</sup> SILVA, Dácia Ibiapina da. História Oral, oralidade e audiovisual na construção de relatos de memórias traumáticas. *Revista Brasileira de História Oral*, nº 6. p.69-94, 2003

isso seja um desabafo, talvez não gostem de guardar tais lembranças e necessitem compartilhá-las, mas o certo é que isso os faz bem. Esses homens sentem necessidade de atenção, de serem ouvidos, de nos contar sua história, de nos passar uma experiência única, marcante, que possivelmente as gerações posteriores não irão vivenciar.

Abordados sobre os piores momentos e cenas mais marcantes da Guerra, todas as respostas foram relacionadas ao sofrimento humano. Sofrimento próprio, dos companheiros, da população civil italiana e até mesmo dos inimigos. Cenas degradantes e desumanas que machucaram e ficaram gravadas na memória dos pracinhas, traumatizando-os. T tamanha era a dificuldade de conceber tais situações que muitos desses homens voltaram da Itália *“com os ‘nervos’ um pouco abalados, pelas desgraças a que assistiram”*, segundo depoimento de Gerson Ramos<sup>109</sup>. Porém tais desgraças eram tão frequentes, continua Gerson Ramos, que os soldados tinham que se acostumar com os *“desmantelos da Guerra”*.

Cleantho Siqueira sintetiza as cenas inesquecíveis ao dizer que *“A gente via cenas fortes e tudo isso maltratava demais, isso marcou muito todos nós (emoção)”*.<sup>110</sup> Ao falar de momentos tão marcantes é comum a emoção e as conseqüentes lágrimas da maioria dos pracinhas depoentes.

Muitas das piores cenas lembradas pelos pracinhas dizem respeito à morte. Ovídio Diniz relata que, para ele, a pior das cenas era ver corpos dilacerados pelas bombas: *“A pior coisa que vi foi os corpos dilacerados nos sacos. Uma bomba de avião despedaçava tudo. Pegávamos (os corpos) e colocávamos nos sacos para enterrar no outro dia em Pistóia”*.<sup>111</sup> Em toda a Guerra, na maioria dos casos, as mortes eram violentíssimas. Os soldados carregavam duas plaquetas de identificação penduradas no pescoço; uma seria

---

<sup>109</sup> Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Oliveira por Gerson Ramos da Silva em 2001

<sup>110</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>111</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

para colocar em seu túmulo, em caso de morte, e outra ficaria na boca do cadáver, já que, em muitos casos, era impossível o reconhecimento do corpo, tamanha a violência da morte. Cleantho Siqueira também narra uma dessas cenas horríveis ao dizer que *“Os alemães tocaram fogo num cabo nosso, o cabo Manga. Jogaram gasolina no cabo, tocaram fogo...”*<sup>112</sup> e mais adiante diz que *“Numa ocasião um soldado perdeu um pé. Esse rapaz era do Paraná, descendente de alemão, quase que não falava. Falava um português muito gasto... e ele disse para mim: ‘Sargento! Tá ca dô na minha pé’. Mas ele não tinha mais pé”*.<sup>113</sup> O Brasil não tinha tradição guerreira, ao contrário de outras nações envolvidas na Guerra. Os soldados brasileiros, em especial potiguares, em sua maioria eram homens acostumados a vida tranqüila e pacata, em pouco tempo viram-se envoltos em um ambiente de horror e morte. E foi justamente aí que viveram os momentos mais difíceis.

Durante uma das batalhas Joaquim Xavier relembra com muita emoção um dos momentos mais difíceis de sua vida, quando foi ferido em combate: *“lembro que meu comandante gritou: ‘Não levanta ninguém, quem se levantar morre’. ‘Joaquim, não saia do lugar’. No fim da batalha, levaram-me para uma barraca onde as enfermeiras cuidaram de mim”*.<sup>114</sup> Geraldo Oliveira conta que seu momento mais difícil na Itália foi em Montese: *“Durante a batalha peguei uma pá e comecei a cavar em torno de uma grande pedra para me proteger dos morteiros. Eu fiquei ali a noite toda. Lá pra meia noite caiu um morteiro quase em cima de mim, ele caiu quase dentro (do buraco). Me vali de Nossa Senhora da Conceição, certo de morrer naquela hora”*.<sup>115</sup>

Ainda com relação aos momentos mais difíceis, Cleantho Siqueira relembra uma situação que o marcou profundamente e que retrata uma sensação de incredibilidade perante os horrores da Guerra:

<sup>112</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>113</sup> Idem

<sup>114</sup> Depoimento concedido ao autor por Joaquim Xavier de Souza em 29 de janeiro de 2004

<sup>115</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

“Dois de janeiro de 1945, exatamente naquela ocasião que eu disse que meu batalhão saiu da linha de frente e fomos pra retaguarda pra tomar banho, nós ficamos numa localidade chamada Sila, ficamos num prédio de 4 andares. Eu não vou contar essa história, os detalhes... porque não me faz bem. Nesse dia eu tive a sensação, como ser humano, de ter morrido. Chegou um momento que imaginei que tivesse morrido, cheguei ao marco zero. Foi terrível!”<sup>116</sup>

Nesse momento do depoimento, Cleantho Siqueira é envolvido por forte emoção. Diz que lembrar aquele episódio o faz mal, por isso não quer se aprofundar muito no assunto. O mesmo em várias passagens do seu depoimento refere-se a Guerra como “inferno”. Talvez nesse momento ele tenha achado que tivesse morrido e estava em um outro mundo, um mundo de horror em que o respeito ao ser humano não mais existia.



Foto 8 - Grupo de artilharia da FEB, 1944-1945. Itália.  
(CPDOC/ CFA foto 186/143)

Ovídio Diniz generaliza seu momento mais difícil dizendo que o pior “*era ficar longe da família, imaginando morrer a qualquer hora*”.<sup>117</sup> O que percebemos durante os depoimentos é que os momentos mais difíceis da maioria dos pracinhas na Guerra são nas batalhas, enfrentando grande perigo de morte. Muitos ainda guardam as marcas desses

<sup>116</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>117</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

momentos em seus próprios corpos. três dos sete pracinhas entrevistados têm cicatrizes de graves ferimentos sofridos durante as batalhas e fazem questão de mostrá-las.

Muitos dizem que durante a Guerra não há alegria, só tristeza e dor, e que todos os momentos são extremamente difíceis: “*Vi muita coisa. Muitos homens feridos, muitos cadáveres, tanto gente nossa quanto alemães. Era um quadro desolador, era terrível. Você tem que ser muito forte pra agüentar essa Guerra, porque tinha muitos companheiros meus que não agüentavam*”, comenta Cleantho Siqueira<sup>118</sup>. Segundo informações dos próprios pracinhas, muitos voltaram da Itália com graves distúrbios psicológicos dos quais até hoje não conseguiram se recuperar totalmente. Ovídio Diniz diz que “*quem voltava da Guerra não tinha juízo certo. Ela (a psiquiatra) me deu um atestado e eu fiquei na boa recebendo 30 mil réis. Era muito dinheiro na época. Fiquei licenciado como doido, ‘seqüelado’*”.<sup>119</sup> Essa situação retrata o terror psicológico a que eram submetidos os pracinhas no dia-a-dia da Guerra, cenas e situações de horror que de tão intenso atravessou décadas e marcou para sempre a vida desses homens.

---

<sup>118</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>119</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

## **CAPÍTULO IV**

### **De pracinha à ex-combatente**

#### 4.1 O fim da Guerra e a volta para casa

Os preparativos para a volta ao Brasil começam com a notícia do final da Guerra. Para muitos dos entrevistados essa notícia veio alguns dias antes de terminada oficialmente a Segunda Guerra Mundial em 8 de maio de 1945. Nesses dias as tropas aliadas, incluindo as brasileiras, encontravam-se no norte da Itália, mais precisamente na cidade de Alessandria, onde juntaram-se com soldados aliados de outras nacionalidades para aguardar o retorno para casa. Cleantho Siqueira nos diz que:

“[...] a Guerra para nós, acabou no dia 28 de abril. Então a nossa unidade se reagrupou num quartel velho italiano chamado Icristo, numa cidade grande chamada Alessandria. Então um sargento colocou a companhia em forma e disse que o capitão tinha uma declaração para nos fazer, uma notícia muito boa. Ai o capitão fez aquela entonação de voz e disse: ‘a Guerra acabou’. Poderia ter havido uma reação grande, mas simplesmente um soldado lá no fim da companhia disse, me lembro bem, foi a primeira vez que ouvi essa expressão: ‘acabou tarde capitão’. Frieza... os homens estavam tão machucados, com a alma tão machucada que ninguém achou graça em nada, sabe? Poderia acontecer uma explosão de alegria, mas não houve nada disso”<sup>120</sup>

Curiosamente Cleantho Siqueira é o único dos depoentes que diz que não houve, por parte dos soldados brasileiros, reação de alegria, mas sim de alívio com o fim da Guerra, sem muito entusiasmo. Os demais pracinhas entrevistados falam de uma “explosão de alegria” por parte da tropa, é o que constatamos no depoimento de Gerson Ramos ao receber a notícia do fim da Guerra: “*Quando recebi a noticia do fim da Guerra, achei inclusive que estava iniciando uma outra Guerra. Os soldados vibravam, agarrados com as suas armas. Foi a maior manifestação que assisti em toda minha vida*”<sup>121</sup> A mesma lembrança é compartilhada por Ramiro Freitas, o mesmo diz que “*Quando terminou a*

<sup>120</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>121</sup> Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Oliveira por Gerson Ramos da Silva em 2001

*Guerra foi a maior festa do mundo na Itália*”,<sup>122</sup> e por Ovídio Diniz, que conta que “*No dia em que a Guerra acabou foi muita alegria*”.<sup>123</sup>

Independentemente de ter havido ou não alegria, acreditamos que deve ter havido, pelo menos, um sentimento de alívio. O certo é que quando a Guerra acabou, segundo os relatos, os pracinhas ganharam alguns dias de folga para passear e conhecer a Itália, enquanto não embarcavam de volta para o Brasil. Cleantho Siqueira diz que “*Depois disso nós tivemos a chance de uns passeios. A Guerra acabou e fomos andar por aí. Nós tínhamos o direito de passar até 8 dias fora do acampamento, se passasse um dia a mais, era considerado desertor. São histórias da Guerra*”.<sup>124</sup> Muitos pracinhas foram passear, se divertir e conhecer locais da Itália onde não haviam estado. Gozavam de prestígio junto ao povo italiano, eram considerados heróis, libertadores, e agraciados de várias formas pelos italianos. Foi nessa época que surgiram muitas amizades. Geraldo Oliveira diz que “*tinha deixado uma família muito amiga na Itália. Eu sempre levava um pacote de cigarros para ele (o amigo italiano Multicândido). Foi quando terminou a Guerra. Ele me levava pra correr de bicicleta, no varal, ele pilotando. Depois eu peguei uma bicicleta velha lá no quartel e fui aprender*”.<sup>125</sup> Parece-nos que foi nessa época, acabada a Guerra na Itália, que surgiram as amizades mais marcantes, devido à intensa convivência dos pracinhas com esses italianos.

Feito os preparativos para a volta, os pracinhas brasileiros embarcaram rumo ao Brasil. Ovídio Diniz lembra que “*A volta foi boa, um submarino tomou a frente do navio, tivemos que voltar e o submarino nos perseguiu atirando, mas não nos acertou, as balas iam pro céu. Havia muitas italianas no porto na nossa despedida. Eu acho que as*

<sup>122</sup> Depoimento concedido ao autor por Ramiro Gomes de Freitas em 02 de julho de 2004

<sup>123</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

<sup>124</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>125</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

*mulheres bonitas da TV são de lá*".<sup>126</sup> Apesar do relato de uma suposta perseguição por um submarino alemão insistimos em dizer que em todas as fontes pesquisadas, inclusive em conversas com outros pracinhas, não encontramos nada a esse respeito.



Foto 9 - Tropas da FEB retornam ao Brasil a bordo do navio Pedro II, 1945.

A chegada no Rio de Janeiro é narrada com orgulho pelos pracinhas. Cleantho Siqueira diz que *“Quando voltamos pro Brasil houve festa, uma explosão de alegria no Rio e em São João del Rei”*.<sup>127</sup> Outros pracinhas descrevem com mais entusiasmo a recepção que tiveram no Rio de Janeiro, como Geraldo Oliveira: *“Voltei para o Rio de Janeiro. Desfilei no Rio com a bandeira alemã, era os louros da Guerra”*.<sup>128</sup> O depoimento de Ramiro Freitas confirma a grande recepção que tiveram os pracinhas:

“Nos encontramos todos no Rio de Janeiro. Quando nós chegamos no Rio foi aquele festão, Nossa Senhora! Nem bem começou o desfile já acabou. O pessoal invadiu, queria agarrar os soldados, que não podiam fazer nada não, pegavam a cobra fumando (distintivo), pegavam tudo, qualquer coisa que você trouxesse da Itália, você ficava sem nada, e ninguém podia fazer nada, e não podia mesmo não. O povo todo emocionado, com a família que vinha da Guerra e ai tomaram conta de tudo”.<sup>129</sup>

<sup>126</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

<sup>127</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>128</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

<sup>129</sup> Depoimento concedido ao autor por Ramiro Gomes de Freitas em 02 de julho de 2004

A brevidade do desfile é confirmada, também, por Gerson Ramos. O mesmo lembra que “*Foi iniciado um desfile das tropas no Largo da Carioca, sendo que o desfile acabou logo, pois o povo agarrava os soldados e todos queriam se aproximar e também eles (os soldados) estavam cansados e emocionados*”.<sup>130</sup> É importante destacarmos que os dois depoentes, Ramiro Freitas e Gerson Ramos, não se conhecem e moram em cidades distintas, o primeiro em Parelhas-RN e o segundo em Natal. Apesar da grande alegria, Gerson Ramos ainda lembra que no Rio de Janeiro também houve momentos de tristeza:

“De volta ao Brasil, depois de três longos meses de espera, desembarquei no Rio de Janeiro e tive uma das maiores emoções e também tristeza da minha vida, pois era esperado por um grande grupo de pessoas, que gritavam perguntando por seus parentes, se eles estavam ali. Uns choravam de alegria e outros de tristeza e dor, por ver comprovado que seus familiares não haviam retornado da ‘maldita Guerra’. Fico bastante emocionado ao lembrar desta cena marcante em minha vida”.<sup>131</sup>

Ao chegar ao Brasil, muitos dos pracinhas já foram licenciados do Exército e encaminhados para suas cidades de origem. Na Itália os proventos que receberam, um terço deles, eram em lira, moeda italiana. Aqui no Brasil existia uma espécie de poupança onde era depositado outro terço dos seus proventos, que seria sacado por eles ao fim da Guerra e o terço restante, a família no Brasil havia recebido durante os meses de Guerra, de modo que os pracinhas, em sua maioria, após a saída do Exército, retornaram para casa sem emprego certo e com algum dinheiro, quantia insuficiente para dá seqüência as suas vidas.

Geraldo Oliveira conta que foi recebido em Natal e que “*houve um show no teatro Carlos Gomes (atual Alberto Maranhão) para mim e seis colegas. Depois do show, uma*

---

<sup>130</sup> Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Oliveira por Gerson Ramos da Silva em 2001

<sup>131</sup> Idem

*formatura geral em frente ao palácio do governador, que mandou que os heróis do Rio Grande do Norte subissem ao palanque para apertar as mãos dos conterrâneos*”.<sup>132</sup>

Ovídio Diniz lembra que seu pai “ficou muito satisfeito, queria saber como era a Itália, tinha curiosidade a respeito de minha vida militar. Quando voltei o povo estava curioso, se impressionavam com as minhas histórias...”.<sup>133</sup> Mas a maioria dos pracinhas brasileiros retornou com graves problemas neurológicos e psicológicos devido aos horrores da Guerra, um exemplo disso é Gerson Ramos: “Quando retornei estava com os ‘nervos’ um pouco abalados, pelas desgraças a que assisti”,<sup>134</sup> sinal que muitas lembranças da Guerra incomodavam.

Depois de mais de três anos de vida militar e de uma traumatizante Guerra, a maioria dos pracinhas voltou para suas cidades de origem, no interior do Rio Grande do Norte, e tentaram dá seqüência a suas vidas, que ficaram marcadas para sempre pelas lembranças da Guerra.

## 4.2 A vida depois da Guerra

Passadas as festividades de recepção dos pracinhas ao voltarem para o Brasil, a realidade agora era totalmente diferente da tumultuada Itália.

Após o desembarque, os pracinhas convocados e voluntários da FEB foram rapidamente licenciados das Forças Armadas Brasileiras e conduzidos de volta à suas cidades de origem. Ao voltarem para casa encontravam um ambiente diferente do que tinham deixado, muitos amigos estavam distantes, já encaminhados na vida, foi o que aconteceu com Cleantho Siqueira: “*Eu tinha perdido quatro anos e imaginava que meus*

---

<sup>132</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 16 de junho de 2004

<sup>133</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

<sup>134</sup> Depoimento concedido à historiadora Helena Lucena de Oliveira por Gerson Ramos da Silva em 2001

*amigos, meus companheiros do Atheneu estavam todos nas universidades. E eu? Eu tinha que recomeçar minha vida*".<sup>135</sup> No bolso os pracinhas traziam alguns poucos mil réis, originários dos proventos da Guerra, e na memória lembranças inoportunas de uma Guerra desumana e traumática.

Quanto ao dinheiro que receberam, pouco durou. Muitos gastaram rapidamente com bens supérfluos, sem se preocupar com o futuro e a vida difícil que enfrentariam nos anos vindouros. Ovídio Diniz lembra que Comprou "*um jipe por 4000 contos no Rio, o comandante não queria que eu ficasse mesmo no Rio. Eu queria trazer o jipe, mas o comandante me mandou vendê-lo, pois não o traria, queria nos deixar em casa...*"<sup>136</sup> Ovídio Diniz insiste em afirmar que o suposto "comandante" os queria deixar em casa, nas suas cidades de origem, talvez com o intuito de livrar-se dos pracinhas, de dispersá-los para enfraquecê-los ideologicamente, de modo que não reivindicassem seus direitos. E foi exatamente isso o que aconteceu, os pracinhas voltaram para suas cidades de origem, sem direitos nem benefícios, esquecidos pelo governo. Muitos se depararam com o desemprego, foi o caso de Ramiro Freitas, que nos conta que "*aqui era duro de emprego rapaz! E aí, o que é que eu vou fazer?*"<sup>137</sup> Este depoente diz que acabou trabalhando a maior parte da vida como motorista de táxi. Ovídio Diniz também relata a angústia que passou depois da volta a Parelhas, ficando "*parado, desempregado, queria um ganho. Fiz uma carta para meus chefes que me chamaram à Natal para me apresentar a um major. Queria voltar para o Exército, queria um emprego, estava revoltado, eu tinha direitos*".<sup>138</sup> Esse desejo de voltar para o Exército, relatado por Ovídio Diniz é constante nos depoimentos de outros pracinhas. Deparando-se com o desemprego, a única saída era pedir

<sup>135</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>136</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

<sup>137</sup> Depoimento concedido ao autor por Ramiro Gomes de Freitas em 02 de julho de 2004

<sup>138</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

ajuda aos “superiores” do Exército. Foi o caso de Ramiro Freitas, que pediu para ficar no Exército: “... *me deixaram entrar. Mas eu tinha dois colegas que pareciam duas pulgas, só viviam agarrados comigo. Quando eles souberam que eu entrei foram lá e pediram ao comandante pra entrar também, e entraram. Conclusão: Tivemos uma briga com soldados da Marinha e fomos os três excluídos do Exército*”.<sup>139</sup> Cleantho Siqueira foi outro que conseguiu ficar no Exército, e, ao contrário dos outros, deu seqüência à carreira militar: “*Eu era convocado, não poderia ficar no Exército, a ordem que veio foi para todo convocado ser licenciado, mas isso aí é outra história. Eu consegui ficar e fui pra São João del Rei, onde ficava meu regimento*”.<sup>140</sup> Cleantho Siqueira conseguiu chegar ao posto de capitão, mas, em conversas informais, nos relatou que muitos colegas da FEB que tentaram seguir carreira militar acabaram reformados com problemas mentais, devido aos traumas da Guerra, ele mesmo nos conta em seu depoimento que veio da Guerra “*com problemas graves, neurológicos. Passei três anos me tratando no Rio de Janeiro. Tudo isso aconteceu comigo*”.<sup>141</sup>

Esses homens tiveram que “se virar sozinhos”, vivendo de sub-empregos quando não estavam desempregados. Muitos morreram na miséria, com problemas psicológicos e sem o devido apoio financeiro do governo, nem o reconhecimento da sociedade, outros batalharam para melhorar sua situação, apelando para autoridades brasileiras, como foi o caso de Ramiro Freitas, que fez “*um telegrama para o Ministro Nero Moura e ele me respondeu: ‘referente à seu telegrama pedindo nomeação na Base Aérea, remeto o pedido ao Comando da Segunda Zona’ esse Comando era em Recife*”.<sup>142</sup> Apesar da insistência para melhorar de cargo na Base Aérea de Natal, onde trabalhava como funcionário civil, Ramiro Freitas não alcançou seu objetivo.

<sup>139</sup> Depoimento concedido ao autor por Ramiro Gomes de Freitas em 02 de julho de 2004

<sup>140</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

<sup>141</sup> Idem

<sup>142</sup> Depoimento concedido ao autor por Ramiro Gomes de Freitas em 02 de julho de 2004

Ovídio Diniz conta que depois que apelou para seus “superiores” do Exército, ficou “na boa recebendo 30 mil réis”, mas “a situação só melhorou há pouco tempo”.<sup>143</sup> Na verdade, poucos permaneceram no Exército ou conseguiram um emprego público de imediato, só 22 anos depois foi aprovada uma lei pelo Parlamento Brasileiro, a Lei nº 5.315, de 12 de setembro de 1967, concedendo vários direitos aos pracinhas que a partir daí passaram a ganhar proventos dignos, o que melhorou mais suas vidas e de suas famílias.

### 4.3 Os pracinhas hoje

Perguntados como está sua vida hoje, a maioria dos pracinhas respondeu, praticamente, a mesma coisa: que hoje a vida está melhor graças à aposentadoria como ex-combatente. Mas uma das queixas mais comuns dos pracinhas é com respeito à falta de conhecimento da sociedade em relação a FEB. A maioria da população não sabe o que significa essa sigla, nem quem são os ex-combatentes, nem muito menos que o Brasil participou da Segunda Guerra Mundial enviando um contingente militar. Esta é a queixa de Geraldo Oliveira quando diz que “a sociedade não nos reconhece. Hoje está melhor uma coisinha, mas já tá tudo terminado. Era pra ter tido mais valor quando era mais moço. Fui reformado em 1980, faz 24 anos. Eu não era pra ter sido reformado quando cheguei?”<sup>144</sup> a mesma opinião é compartilhada por Ovídio Diniz quando diz que “Aqui em Parelhas não se reconhece nem respeitam muito os ex-combatentes, mas as Forças Armadas sim”.<sup>145</sup> Em seu depoimento Ovídio Diniz fala que só as Forças Armadas os respeitam e valorizam, tal opinião é compartilhada por outros pracinhas, mas só Joaquim Xavier disse achar que a

---

<sup>143</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

<sup>144</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

<sup>145</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

sociedade, no geral, os valoriza. O mesmo diz sentir “*muito orgulho de ter defendido o Brasil na Guerra, acho que os ex-combatentes são valorizados pela sociedade, principalmente pelas Forças Armadas, isso é a história do povo brasileiro*”.<sup>146</sup> Cleantho Siqueira também reconhece a importância do Exército, em especial, na sua vida: “*Então eu fiquei no Exército, me adaptei bem a vida militar, gostei e me dei bem, graças a Deus!*”<sup>147</sup>. Concluímos com isso que a maioria dos entrevistados não se acha reconhecida pela sociedade, somente pelas Forças Armadas.

Em conversas paralelas com familiares, em especial quando fomos recebidos nos lares dos pracinhas com o intuito de coletar os depoimentos, notamos o grande orgulho que a maioria dos familiares tem dos mesmos. É importante também observarmos que a maioria deles tem, em suas residências, espaços reservados para guardar lembranças da Guerra. São fotos, diplomas, flâmulas, mapas e até mesmo parte dos uniformes de campanha. Joaquim Xavier guarda na parede de sua sala, dentre os vários quadros sobre a Guerra, diplomas concedidos a cada um de seus filhos, de modo a lembrar-lhes a participação de seu pai na Segunda Guerra Mundial.

Também é uma constante durante os depoimentos, com exceção de Ovídio Diniz, a emoção dos pracinhas ao rememorarem os acontecimentos mais marcantes vivenciados durante a Guerra. Percebemos duas maneiras de depor. Cinco dos sete pracinhas entrevistados falam de suas experiências na Itália com tristeza, seriedade e com uma certa angústia, os outros dois falam com despreendimento, descontração, como se estivessem falando de uma “grande aventura”, sem traumas... Mas com lembranças horríveis que parecem estar superadas, não os abalando mais.

Abordados sobre qual foi a grande lição tirada da Guerra, obtivemos resposta surpreendentes e marcantes, pelo fato de virem, em alguns casos, de homens simples e

---

<sup>146</sup> Depoimento concedido ao autor por Joaquim Xavier de Souza em 29 de janeiro de 2004

<sup>147</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira em 16 de junho de 2004

semi-analfabetos. Geraldo Oliveira diz que *“a lição maior pra mim foi muita experiência. Conheço o bom, o ruim, o bonito, o feio... Tudo tem o mesmo fim que é a morte. Todo mundo termina assim”*.<sup>148</sup> Para Ovídio Diniz *“Quem esteve lá nasceu de novo”*,<sup>149</sup> já para Severino Silva *“A paz é mais importante. ‘A minha paz vos dou...’ disse Jesus”*,<sup>150</sup> enquanto Cleantho Siqueira acha que *“A maior lição que a Guerra nos dá é a liberdade. Nós buscamos na Guerra que ela (a liberdade) impere. Só”*.<sup>151</sup>

Constatamos também que as lembranças da Guerra, em especial da Itália, estão muito presentes nas vidas desses homens 60 anos depois. Alguns, como Geraldo Oliveira, para nossa surpresa, falam fluentemente o italiano, chegando a comunicar-se com seus companheiros, veteranos da FEB, nesse idioma. Aliás, o contato entre eles é freqüente, alguns ainda são atuantes, participando das reuniões, três vezes por semana, na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB), seção Natal, cujo presidente, Cleantho Siqueira, realiza palestras em várias instituições pelo Estado. Outros pracinhas potiguares, e são poucos, participam anualmente do encontro Nacional dos Veteranos da FEB, que em 2000 chegou a contar com 1600 pracinhas de todo o Brasil em Brasília.

Todos os anos, na parada militar de sete de setembro, a maioria dos pracinhas faz questão de desfilar na tropa composta pelos veteranos da FEB, mas pelas informações obtidas junto a Cleantho Siqueira, 2003 foi o último ano que os pracinhas de Natal, totalizando oito homens, desfilarão marchando. Por falta de condições físicas a partir de 2004 desfilarão em carros abertos. Podemos observar que hoje esses homens, segundo os depoimentos, vêm com orgulho sua participação na Força Expedicionária Brasileira, e que, apesar do pouco reconhecimento social, insistem em se manter ligados, de alguma

---

<sup>148</sup> Depoimento concedido ao autor por Geraldo Barbosa de Oliveira em 14 de junho de 2004

<sup>149</sup> Depoimento concedido ao autor por Ovídio Alves Diniz em 25 de janeiro de 2004

<sup>150</sup> Depoimento concedido ao autor por Severino Nicolau da Silva em 22 de maio de 1999

<sup>151</sup> Depoimento concedido ao autor por Cleantho Homem de Siqueira 16 de junho de 2004

forma a ela, seja por objetos da época, documentos e, principalmente, mantendo vivas as lembranças da Guerra.

É lamentável também constatarmos que todos eles já têm mais de 80 anos e que muitos estão doentes. Todos os anos alguns falecem, de modo que suas reuniões semanais dificilmente contam com mais de 10 pracinhas, nelas são lembradas histórias da Guerra, discutem-se seus problemas pessoais e tratam de assuntos referentes à Associação, sempre procurando manter o contato entre eles. A impressão que tivemos é a de que são homens dóceis, tranquilos e de boa índole. As situações adversas vivenciadas na Guerra poderiam ter transformado-os em homens violentos, mas, ao contrário, temos a impressão que os tornaram mais humanos e sensíveis. Durante este trabalho percebemos que os pracinhas potiguares têm ânsia de falar, de contar suas experiências e que tal disponibilidade deve ser aproveitada o mais rápido possível pelos que trabalham com história oral, como diz Paul Thompson<sup>152</sup>, pelos “historiadores da palavra”, em especial os potiguares, tendo em vista o rápido esgotamento desse tipo de fonte, tão rica e tão pouco explorada até hoje.

---

<sup>152</sup> THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 21

## CONCLUSÃO

Enquanto os demais países mandaram nobres e membros de famílias tradicionais para a Guerra, como os Kenned nos Estados Unidos, o Brasil mandou, em sua esmagadora maioria, representantes das camadas mais baixas da população, “o povão”, jovens que na maioria dos casos viviam na zona rural, no interior do país, sem acesso a educação, a saúde e sem nenhuma perspectiva de vida. No Rio Grande do Norte a situação não foi diferente, esses jovens, segundo os depoimentos coletados, nunca tinham pegado em armas, quando se viram obrigados a deixar suas famílias para trás e partir para uma terra distante e estranha, enfrentando os melhores e mais bem equipados soldados do mundo numa Guerra desumana e traumática.

Ao retornarem da Itália foram recebidos por um povo eufórico como grandes heróis nacionais, dias depois estavam de volta às suas famílias, muitos traumatizados e desempregados. O mesmo governo brasileiro que os aclamou e homenageou antes da Guerra, virou as costas para eles depois dela. Só em 1967, no início do governo militar do Brasil, é que foram lembrados e receberam o apoio merecido.

Trabalhar com depoimentos orais, uma metodologia ainda tão polêmica no meio acadêmico, para nós foi um grande desafio tendo em vista a grande complexidade de um tema que, ao nosso ver, ainda tem muito que ser explorado. Também pelo fato de envolver memórias traumatizadas e a conseqüente dificuldade empregada para trabalhá-las. Tais fontes encontram-se limitadas em nosso meio devido à idade avançada desses homens e o seu gradual desaparecimento a cada ano, isso nos remete a importância de aprofundar ainda mais nossas pesquisas aproveitando-as cada vez mais.

Para elaboração deste trabalho nos foi de grande valia freqüentar as reuniões semanais na Associação Nacional dos Veteranos da FEB, pois além de nos possibilitar o

ganho de confiança e a amizade dos pracinhas, mostrou-nos um lugar de grande importância para nossa pesquisa, pois guarda fotos e documentos da FEB, além das histórias contadas por seus membros com o propósito de manter vivos o orgulho e as lembranças de seus feitos durante a Guerra.

Tendo em vista o que foi exposto anteriormente, conclui-se que os pracinhas potiguares que participaram ativamente das batalhas na Europa, que deram suas vidas ou sofreram os horrores de uma Guerra em defesa do Brasil contra o nazi-fascismo, e por que não dizer, pela liberdade dos povos, viveram experiências que os marcariam até o fim de suas vidas. É surpreendente notarmos que as lembranças de tais experiências, ainda hoje, 60 anos depois, continuam vivas na memória desses homens. Enquanto uns sentem necessidade de compartilhá-las, outros procuram, inutilmente, apagá-las da memória, pois as mesmas, ao que parece, ainda incomodam.

Evidentemente que nosso trabalho de pesquisa não esgotou um tema tão complexo e importante da historiografia brasileira e potiguar. Esperamos, em futuras pesquisas, aprofunda-lo ainda mais, e que outros historiadores dêem seqüência ao seu estudo, não deixando que se perca a memória de potiguares que contribuíram, em alguns casos com a própria vida, para a liberdade de milhões de pessoas em todo o mundo.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Fontes

- Depoimentos orais: Cleantho Homem de Siqueira  
Geraldo Barbosa de Oliveira  
Gerson da Silva Ramos  
Joaquim Xavier de Souza  
Ovidio Alves Diniz  
Ramiro Gomes de Freitas  
Severino Nicolau da Silva
- Fotografias: [www.rudnei.cunha.nom.br/feb/fotos.html](http://www.rudnei.cunha.nom.br/feb/fotos.html)
- Periódico: **O GLOBO EXPEDICIONÁRIO**. Agência Globo de Serviços de Imprensa Ltda., Rio de Janeiro, 1945.
- BRASIL. Constituição (1988). Título V, Cap. II, Art. 142, p. 98.

### Bibliografia

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FALCÃO, João. **O Brasil e a 2ª Guerra: testemunho e depoimento de um soldado convocado**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade de velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

FRAGA, Maria da Conceição. **Memória articulada e memória publicizada: a experiência com parlamentares brasileiros**. (Tese de doutorado) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. 2 ed. Paris: Presses Universitaires de France Paris, 1968.

LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Gallimard, 1974.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

OLIVEIRA, Helena Lucena de Almeida. **Batalhas da memória: os pracinhas parhenses na Segunda Guerra Mundial**. 2001. Monografia (Especialização em História do Nordeste). CERES – UFRN, Caicó.

SILVA, Dácia Ibiapina da. História oral, oralidade e audiovisual na construção de relatos de memórias traumáticas. **Revista Brasileira de História Oral**. Nº 6. p. 69-94, 2003.

SILVA, Wagner Michael Gomes. Natal durante a Segunda Guerra mundial: rivalidade entre natalenses e norte-americanos, 1998. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

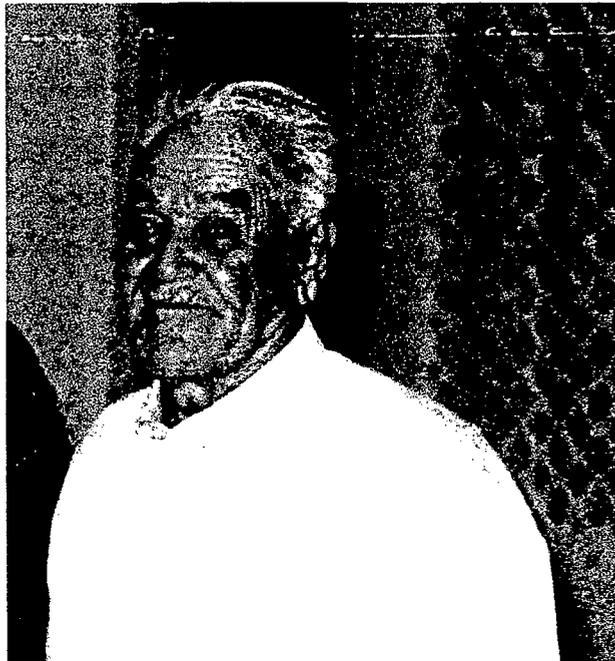
SILVA, Flávio Antônio Rodrigues da. Natal na Segunda Guerra Mundial: influencia americana e prostituição feminina, 1999. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SIQUEIRA, Cleantho Homem de. **Guerreiros Potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial**. Natal: EDUFRN, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado. História Oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## **ANEXOS**



Ovídio Alves Diniz

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Disciplina: Pesquisa Histórica II (Monografia)

Ficha de catalogação nº 01

Entrevistado:

Ovídio Alves Diniz

RG: 470106

Endereço:

Rua Manoel Noberto, Est. Paulhas-  
RN

Data da entrevista: 25/01/04

Tempo de duração: 1 hora

Caracterização geral do entrevistado:

O entrevistado embarcou para a Itália  
com a FEB no dia 08-02-1945, tendo lá  
permanecido por mais de 5 meses. Ho-  
je mora em Paulhas-RN, com sua  
esposa.

Fita nº 01, quantidade de fitas: 1/2

Obs:

Parelhas, 11 de julho de 2004

**Carta de cessão**

Eu, Ovidio Alves Dimiz  
RG. 470106, declaro para os devidos fins que cedo os direitos da minha entrevista dada no dia 25/02/04 para Ranielle Cavalcante de Macedo usar integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo sua audição e o uso das citações a terceiros, que está sob a guarda de Ranielle Cavalcante de Macedo. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Ovidio Alves Dimiz

Entrevista prestada à Ranielle Cavalcante de Macedo, aluno do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, em 25 de janeiro de 2004.

*“O momento mais difícil era ficar longe da família, imaginando morrer a qualquer hora.”*

Ovídio Alves Diniz

### **OVÍDIO ALVES DINIZ**

Nasci no dia 14 de novembro de 1920, na zona rural de Equador-RN. Trabalhava no campo, na agricultura, ouvia falar numa guerra distante, mas nunca imaginei que poderia participar um dia.

Quando recebi a carta de convocação, fiquei aperreado, desnorteado, pois ouvi falar que quem ia para a guerra não voltava mais e o Exército viria procurar que se escondesse e os pais teriam que dar conta dos filhos fugitivos. De Equador fomos eu e mais três para Natal num carro chamado “sopa”. Me apresentei em Natal e fiquei morando no quartel, onde recebi fardamento e fiquei ouvindo notícias da guerra.

Minha família achava que eu não voltava mais, eu era solteiro e não tinha mãe, meu pai me disse que nós iríamos ter toda assistência médica e remédios no Exército: “um homem deve servir pra tudo” dizia meu pai. Meus parentes choraram quando recebi a carta de convocação. Pensei em não ir, mas não teria nenhum futuro em minha terra natal, então resolvi arriscar.

Lá no quartel, onde passei 2 anos, a vida era puxada, tinha muitos superiores chatos que nos mandavam fazer várias coisas. O treinamento de manhã era instrução de guerra no mato, das 7 às 11h correndo, treinando, às 12h tinha ordem unida. As instruções eram chatas, o que eu achava melhor era a comida. Comíamos à vontade, pela manhã escolhíamos chá ou café. O almoço era muito bom, tinha muita comida. Cheguei lá com 50 kls e logo fiquei com 70 kls. Durante minha estada no quartel, o capitão me deu 6 dias para visitar minha família, mas eu não quis por causa da seca no Seridó.

Um belo dia botaram a companhia em forma à tarde. O capitão gritou “chamada às 5 h não pode faltar”. Eram trezentos e poucos soldados. Eu era Caxias (vibrador). Chegou um “galegão” num carro diferente e perguntou meu nome, número e companhia. Eu disse tudo e ele ficou me observando; era um capitão americano e eu não entendia o que ele falava. Perguntei se aquilo tudo era para ir para a guerra, me

e lhe mostrei a cicatriz. O capitão disse que “era só uma queimadurinha” no meu braço. O danado adivinhou e disse: “nem que o mundo se acabe, mas você é o primeiro que vai”.

Decidi virar um soldado ruim. Eu sabia que iria até amarrado... Na rua encontrei o tenente da companhia com a patrulha, eu estava bebendo, ia beber e “virar o diabo”, o tenente me convenceu a voltar para o quartel; disse que se eu não me comportasse ficaria na sela até o dia de ir... fiquei com medo. Naquela época não podíamos entrar a paisano no quartel. O que eu fizesse de estranho seria por causa da guerra.

No outro dia fizeram um levantamento de quantos faltavam para preencher o navio, faltavam mais de 1000. Ainda ficamos algum tempo em Natal e de lá fomos para João Pessoa e Recife, pegando os soldados. Só iríamos (para a Itália) quando o navio estivesse completo. Fui no 4º escalão, no General Meigs. A viagem foi ótima, comemos bem, não enjoiei... o navio estava cheio 6.400 homens, aquele navio havia sido tomado dos alemães, era muito conforto mas só víamos água e céu. Não tínhamos mais medo de nada pois corríamos o risco iminente de sermos atacados e tínhamos instruções diárias (a bordo do navio) para sabermos como nos defender.

Chegamos num porto italiano, havia militares de todos os lugares, muito gelo e muito frio, eu andava todo duro. Em Nápoles, os militares do porto guarneciam os navios que chegavam. Havia muitos destroços, perguntei o que foi aquilo e me responderam que eram os bombardeios todas as noites.

Durante as batalhas os alemães ficavam em abrigos subterrâneos e os brasileiros os arrancavam de lá puxando pelas pernas com facões e peixeiras, eles ficavam 5 dias nas trincheiras, mas com os brasileiros era “cobra fumando direto”, puxávamos eles pelas pernas e tomávamos seu armamento. Eles tinham medo.

A primeira batalha foi 5 dias após a chegada na Itália. Nossos superiores estudavam os inimigos e mandavam nos prepararmos pois a qualquer hora iria começar. As batalhas eram à noite, nos aproximávamos agachados e jogávamos granadas sobre eles. Em duas noites prendemos muitos alemães e italianos. Uma noite teve um bombardeio, acho que uns 300 aviões soltando granadas perto de um campo de aviação, nos preparamos para outro no dia seguinte mas eles não vieram, foram se refugiar em Roma, nós brasileiros fomos atrás deles e os arrastamos pelas pernas.

Nossos uniformes eram de lã de carneiro, mas não protegiam contra o frio que atacava mesmo os cabras. Minha arma era uma metralhadora muito boa mas meio pesada, granada de mão e fuzil, que era boa arma. À noite era difícil ver o inimigo, nós

íamos de onde saíam as granadas, abaixados de quatro jogávamos granadas e atirávamos, matando quase todos. Nessa guerra não ficou ninguém.

Religião, não tínhamos tempo, só pensávamos em morrer. Estávamos preparados. Numa batalha morriam 30 ou 40. Tinha o saco A e o saco B pra levar os mortos pra Pistóia, 10 ou 12 numa viatura só para o cemitério.

Os civis italianos se viravam, nosso chefe dava comida para eles. Um dia capturamos vários alemães e os colocamos no chiqueiro, havia dias em que não cabia tantos alemães. Não tínhamos raiva deles, diziam que o Brasil era amigo deles. Comiam uma comida estranha, e nós feijão, farinha e jabá. Eles não comiam isso.

O momento mais difícil era ficar longe da família, imaginando morrer a qualquer hora. Havia batalhas em que os superiores diziam que seria difícil sobreviver, mas éramos obrigados a lutar. Os alemães ficavam na trincheira nos esperando, se não mexêssemos com eles, ficavam vários dias lá. Em Monte Castelo morreu quase todo mundo, eles estavam entrincheirados. Cada trincheira cabia 100, 200 soldados, eles as haviam preparado à muito tempo. Nós chegamos à noite (em Monte Castelo) e fomos devagarzinho jogando granadas, de repente, o cabra vinha rolando todo cortado, pois a granada cortava tudo.

A aviação nos apoiou com bombas, os alemães voavam longe. Eu não machuquei nada. A pior coisa que vi foi os corpos dilacerados nos sacos. Uma bomba de avião despedaçava tudo. Pegávamos (os corpos) e colocávamos nos sacos para enterrar no outro dia em Pistóia. No início tínhamos medo, mas depois não ligávamos mais para a morte. À noite vinham vários aviões alemães, ficávamos entrincheirados atirando neles, o fuzil botava a bala longe demais e os aviões explodiam ao cair.

As italianas eram soltas no mato com medo. Na hora do almoço elas chegavam pedindo “manjaro” (pão). Nos deram ordem pra não dá pão, mas elas eram muito bonitas e nós dávamos. Tinha uma cantina com tudo para comer, ganhávamos 2000 liras por mês, dávamos comida para as pobrezinhas, muitas grávidas. Quando nós fomos embora o comandante disse para não dizermos para elas o dia do embarque: “eu sei que todos vocês têm amantes”. Elas eram muito bonitas. E continuou: “Se vocês disserem o dia, elas vão querer ir”. O comandante não as quis levar. Elas pareciam umas santas, queriam ir para o Brasil conosco. Mas os soldados disseram o dia do embarque e o comandante teve que prometer voltar para buscá-las. Como não voltou, elas mataram suas crianças. Depois se elas quisessem vir os homens mandavam buscá-las.

Outra guerra daquela não tem mais. A do Iraque nem se compara. Os americanos são estudiosos, inteligentes, industrializados, quando tem uma guerra, eles lutam para acabar, até que um dia eles acabam. Na guerra eles respeitavam os brasileiros e nos protegiam, nos comandavam.

Queríamos matar Vargas, mas quando cegamos no Brasil fomos recebidos com muita festa. Mascarenhas e Dutra diziam que queriam comer Vargas cru, mas nós tínhamos que ir mesmo.

No dia em que a guerra acabou foi muita alegria. A volta foi boa, um submarino tomou a frente do navio, tivemos que voltar e o submarino nos perseguiu atirando, mas não nos acertou, as balas iam pro céu. Havia muitas italianas no porto na nossa despedida. Eu acho que as mulheres bonitas da TV são de lá. O desembarque foi no Rio de Janeiro com muita festa, muitos militares, cordão de isolamento. Um carnaval... bebemos, havia todo tipo de bebidas. Era tristeza quando partimos para a Itália e alegria ao voltar. Não encontrei Gerson, nem Luiz Carteiro, nem Severino Bieca (amigos de Parelhas-RN, onde reside o Sr. Ovídio hoje e que também comporam a FEB), ficávamos distantes um dos outros.

Depois do Rio eles queriam nos deixar em casa. Comprei um jipe por 4000 contos no Rio, o comandante não queria que eu ficasse mesmo no Rio. Eu queria trazer o jipe, mas o comandante me mandou vendê-lo pois não o traria, queria nos deixar em casa, fazendo escala nas capitais nordestinas. Deram uma camioneta para nos deixar em Parelhas, nos deixaram em casa. Cheguei em casa com 8000 liras num saco. Meu pai ficou muito satisfeito, queria saber como era a Itália, tinha curiosidade a respeito de minha vida militar. Quando voltei o povo estava curioso, se impressionavam com as minhas histórias, eu fiquei parado, desempregado, queria um ganho. Fiz uma carta para meus chefes que me chamaram à Natal e me apresentar a um major. Queria voltar para o Exército, queria um emprego, estava revoltado, eu tinha direitos.

Fui à Natal, fiz uma choradeira e pedi um emprego nem que fosse para matar gente. Às 7 h falei com ele (o major), a situação era difícil. Ele falou: “Se você fosse doido...” mas eu tinha direito. “Amanhã às 7 h vou fazer uma ficha para você se consultar com a psiquiatra, se você passar por ela na inspeção, recebe dinheiro. Se faça de doido”. Eu perguntei se não poderia ser preso, ele me disse que os ex-combatentes podiam virar a cadeia pelo avesso. Eu tentei impressiona-la (a psiquiatra). De manhã fui lá com um sargento. “Só entre se ela te chamar” disse o sargento. Ela estava sentada no birô e eu fiquei sentado esperando por duas horas. Estava imaginando fazer tudo. Ela

me chamou e eu meti os pés na porta bravo e gritando: “eu quero saber se vou embora hoje”. Depois veio um ofício descrevendo meu mau comportamento. Ela disse que eu estava fingindo, mas meu chefe me defendeu, disse que quem voltava da guerra não tinha juízo certo. Ela me deu um atestado e eu fiquei na boa recebendo 30 mil réis. Era muito dinheiro na época. Fiquei licenciado como doido, “seqüelado”. A situação só melhorou a pouco tempo.

Não tive vontade de voltar à Itália, é longa e complicada a viagem e do cemitério (de Pistóia) já tiraram os ossos. Eu ainda lembro bem mas não saberia andar sozinho lá hoje, muita coisa mudou. Fomos obrigados a ir, mas sabíamos que tínhamos que defender o Brasil na guerra. Quem esteve lá nasceu de novo. Aqui (no Nordeste) não morreu tanta gente, mas no sul morreu. Quem viu o que nós vimos não morre mais. Foi perigoso.

Aqui em Parelhas não se reconhece nem respeitam muito os ex-combatentes, mas as forças armadas sim.

O dito é verdade e dou fé.



---

Ovidio Alves Diniz

Natal, 10 de julho de 2004



Joaquim Xavier de Souza

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Disciplina: Pesquisa Histórica II (Monografia)

Ficha de catalogação nº 02

Entrevistado:

Joaquim Xavier de Souza

RG: \_\_\_\_\_

Endereço:

Rua Albatroz Cidade Satélite, Natal-  
RN

Data da entrevista: 29/01/04

Tempo de duração: 1h

Caracterização geral do entrevistado:

O entrevistado embarca para a Itália no 5º escalão da FEB no dia 08.02.1945. É bastante ativo, participando de vários eventos ligados à FEB. Em sua casa há uma sala cheia de recordações da FEB como, quadros, diplomas e fotos.

Fita nº 01, quantidade de fitas: 1/9

Obs:

O entrevistado tem problemas neurológicos, o que dificulta a fala. Sua esposa cedeu o departamento.

Parelhas, 11 de julho de 2004

**Carta de cessão**

Eu, Francisca Moreira de Souza

RG. \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos da entrevista dada pelo meu esposo, Joaquim Xavier de Souza, a Ranielle Cavalcante de Macedo no dia 29/01/04. Declaro ainda que o mesmo pode usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo sua audição e o uso das citações a terceiros, que está sob a guarda de Ranielle Cavalcante de Macedo. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Francisca Moreira de Souza

Depoimento concedido a Ranielle Cavalcante de Macedo, aluno do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, em 29 de janeiro de 2004.

*“(...) meu comandante me deu ordem para engolir a mensagem caso fosse capturado pelo inimigo”.*

Joaquim Xavier de Souza

### **JOAQUIM XAVIER DE SOUZA**

Nasci no dia 21 de janeiro de 1921 em Macau-RN. Quando começou a Segunda Guerra Mundial eu trabalhava no campo com meu pai em Macau. Quando fui convocado para a guerra, fui para Natal-RN e de lá para o Rio de Janeiro onde fui doutrinado no Exército por dois anos e 9 meses, quando fui sorteado para ir à guerra e escalado para o 16° RI, embarcando para a Itália no navio General Meigs no dia 08-02-1945 e lá ficando até 08-05-1945 quando retornei ao Brasil. Na Itália servi a FEB como mensageiro, em certa ocasião, meu comandante me deu ordem para engolir a mensagem caso fosse capturado pelo inimigo. Fui ferido em combate (há cicatriz nas costas, próxima ao ombro direito), lembro que meu comandante gritou: “Não levanta ninguém, quem se levantar morre”. “Joaquim, não saia do lugar”. No fim da batalha, levaram-me para uma barraca onde as enfermeiras cuidaram de mim. Apesar de ter perdido muitos amigos e do ferimento, não guardo mágoa dos alemães, não sinto raiva deles, tenho consideração pelos meus inimigos e colegas de FEB, pois todos eram meus contemporâneos.

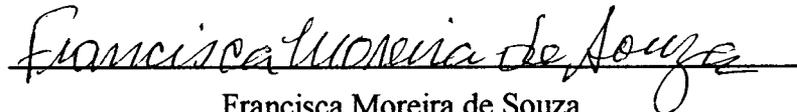
Com relação as batalhas, todas foram muito difíceis, na Itália fazia muito frio. Fiquei muito triste ao saber que dois companheiros da FEB morreram num acidente automobilístico ao regressarem da Itália, estavam indo do Rio de Janeiro para São Paulo(Seu Joaquim guarda a foto dos dois na parede da sala).

Ao regressar ao Brasil fui reformado pelo Exército e voltei para Macau onde fui trabalhar como estivador. Casei em 1950 com Francisca (Dona Francisca, sua esposa), contei-lhe minha história, mas durante o casamento costumava falar pouco na guerra e na Itália para minha família, não foi uma boa experiência. Guardei meu uniforme e muitas lembranças da guerra. Lá em Macau era reconhecido pelas pessoas, eles sabiam o que tinham acontecido comigo, cheguei a ganhar uma comenda do prefeito.

Hoje sinto muito orgulho de ter defendido o Brasil na guerra, acho que os ex-combatentes são valorizados pela sociedade, principalmente pelas forças armadas, isso é a história do povo brasileiro. Já participei de muitos encontros dos veteranos da FEB e visitei o memorial dos pracinhas no Rio de Janeiro. Os diplomas que você vê na parede são para meus filhos saberem o pai que tiveram (cada filho recebeu um diploma, certificando ser filho de um veterano da FEB). Já tive vontade de voltar à Itália para passear e visitar o cemitério de Pistóia (onde foram sepultados os pracinhas brasileiros durante a guerra), mas não tive oportunidade.

Gostaria tanto de falar mais, mas não consigo.

O dito é verdade e dou fé.



Francisca Moreira de Souza  
(Esposa do depoente)

Natal, 18 de julho de 2004



Geraldo Barbosa de Oliveira

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Disciplina: Pesquisa Histórica II (Monografia)

Ficha de catalogação nº 03

Entrevistado:

Geraldo Barbosa de Oliveira

RG: 01367520-0

Endereço:

Data da entrevista: 14/06/04

Tempo de duração: 40 min.

Caracterização geral do entrevistado:

O entrevistado embarcou para a Itália  
no 5º escalão da FEB em 08.02.1945  
Fala o idioma italiano e teve ótimo relaciona-  
mento com o povo daquele país. É mui-  
to alegre, simpático e tem uma excelente  
memória.

Fita nº 02, quantidade de fitas: 213

Obs:

Natal, 22 de junho de 2004

**Carta de cessão**

Eu, Geraldo Barbosa de Oliveira, RG.  
01367520-0, declaro para os devidos fins que cedo direitos de  
minha entrevista, dada dia 14 / 06 / 04 para Ranielle Cavalcante de Macedo usar  
integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.  
Da mesma forma autorizo sua audição e o uso das citações a terceiros, que está sob a  
guarda de Ranielle Cavalcante de Macedo. Abdicando de direitos meus e de meus  
descendentes, subscrevo a presente.

Geraldo Barbosa de Oliveira

Entrevista concedida a Ranielle Cavalcante de Macedo, aluno do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, em 14 de junho de 2004.

*“Quando terminei de armar a barraca, forramos o chão e nos deitamos, mas a água passava por baixo da gente, parecíamos porcos dentro d`água, foi a única vez que tive vontade de me suicidar, lascado numa situação daquela.”*

Geraldo Barbosa de Oliveira

#### **SR. GERALDO BARBOSA DE OLIVEIRA**

Nasci no dia 04 de abril de 1922 em Pedro Avelino-RN. Embarquei para a Itália no General Meigs, navio americano, passando 15 dias na viagem. Desembarquei em Nápoles e de lá fui para Pisa, onde tem a torre inclinada. Peguei uma grande chuva, todo mundo armando a barraca e eu não sabia armar a minha, nem eu nem meu colega. Quando terminei de armar a barraca, forramos o chão e nos deitamos, mas a água passava por baixo da gente, parecíamos porcos dentro d`água, foi a única vez que tive vontade de me suicidar, lascado numa situação daquela.

Fui sorteado e recebi a carta em Pedro Avelino, de lá vim para Natal onde passei um ano. Daqui (de Natal) fui para São Paulo. Um dia o capitão colocou a companhia em forma e perguntou quem queria ir para a Itália. Eu fui voluntário. Mandeí uma carta para meu irmão que dizia: “João, sigo com destino à Nápoles”, a censura leu a carta e apagou “à Nápoles”. Quando meu irmão recebeu a mensagem só tinha: “João, sigo com destino” e ele ficou sem saber para onde eu ia.

Ganhei alguns dias de folga e fui visitar minha família. Minha mãe e irmãos não queriam me deixar sair de casa pois achavam que eu morreria na guerra. Meu pai estava tranqüilo.

Na Itália Montese foi o combate mais difícil. Durante a batalha peguei uma pá e comecei a cavar em torno de uma grande pedra para me proteger dos morteiros. Eu fiquei ali a noite toda. Lá pra meia noite caiu um morteiro quase em cima de mim, ele caiu quase dentro (do buraco), eu quis correr para outro canto. Me vali de Nossa Senhora da Conceição, certo de morrer naquela hora. Meu amigo! Naquele momento passou um avião nosso lá por cima dos alemães e disparou em cima deles. Foi um milagre de Nossa Senhora, me vali dela com tanta fé que ela ME SALVOU NA HORA.

Foram 5 dias direto em Montese sem descanso, sem dormir, sem comer. Nem comer nós comíamos. A sorte é que só tínhamos muito vinho. Nós matamos 2 galinhas

e o tenente proibiu de matar mais. Nós “sarrabulhamos” as duas num tacho de cobre e comemos sem sal, sem nada. Foi a comida que comi em Montese.

Após 5 dias fomos rendidos. Nós fomos render o 11 (11º RI) e o Regimento Sampaio foi render a gente. Quando foi de madrugada fomos rendidos.

Eu era atirador. Estávamos em forma e percebi que o tenente estava contando os homens, então me disse: “Você, fique aqui, quando o pelotão do tenente Comar chegar, você diz que a estrada é essa e vai por lá com ele.” Eu só disse que não ficava porque era feio. Sair de dentro do fogo e ainda ficar, é muito danado. Ai eu fiquei. Tinha umas cavas perto da pista. No inverno os carros atolam e formam aquelas cavas. Eu me deitei dentro de uma cava daquela, até que vinha um jipe nosso no escuro: “eu sou brasileiro, estou esperando o pelotão do tenente Comar”, gritei. “Vamos comigo” disse o motorista. “Não, se eu for vou desencontrar do pelotão, vou ficar”. Isso com as balas passando por cima de mim.

O dia-a-dia era terrível, o “cabra” no campo de batalha não tem alegria, só quando você ganhava a batalha. Quando você ganha a batalha é como diz a donzela Teodora: “Saiba que não pode haver tanto prazer e tanta glória”. É mesmo, não houve alegria maior do que quando terminou a guerra. Nós nos abraçando... Jogando o tenente pra cima, rolando no chão de alegria, que nem cachorro.

Cheguei do acampamento na barracá do rancho, chutei um bocado de laranjas. Se houve café, eu não vi. Só acordei na hora do almoço. Foi o maior almoço que eu vi na Itália: arroz, feijão, peru, uma latinha de cerveja, daquela cervejinha americana, carteira de cigarro, uma caixa de fósforo, um chocolate e um chiclete. Podia comer o que quisesse. Fazia 5 dias que nós não comíamos.

Não tínhamos folga, depois fomos para Monte Castelo para reconstruir as vagas do Regimento que lá estava, compor as baixas. Chegamos lá com muitas baixas, mortos e feridos para serem substituídos. Perdemos muita gente.

No dia 19-04-1945 houve permissão para escrevermos para a família. Todo mundo escrevendo e eu sem escrever. Ai chegou um cabo e disse

- Oliveira, você já escreveu para seu pai”?
- Não Nelsom. Eu já escapei desse (combate) não sei como... Pra que escrever mais?
- Você está errado. Você escreve essa carta, ele recebe e sabe que até hoje você é vivo.

- É verdade né?

Eu peguei o papel e não sabia o que escrever. Eu ainda tenho a norma da carta na cabeça. Nem o nome da cidade podia botar: "Itália, 19-04-1945. Querido papai. Vou bem. Aguardo o retorno." Você entregava a carta aberta pro capitão ler. Se tivesse errado ou qualquer coisa, mandava fazer outra. Você tinha que fazer a carta, ele ler e quando chegava no correio ela ainda era aberta pela censura e escrita com as letras bem grandes: ABERTA PELA CENSURA.

Não havia descanso. Acabou a folga. Folga, só depois da guerra quando tivemos 2 meses que valeram pela minha vida toda.

Houve amizades e muitas namoradas. Eu farreava, falava bem demais. Só quem canta a canção "Mama sou tanto feliz" sou eu, daqui (da Associação Nacional dos Veteranos da FEB). Só eu que canto.

No outro dia, após Monte Castelo, teve missa e confissão para os católicos que quisessem se confessar. No outro dia, um show oferecido à nós com artistas brasileiros, em 22-04-1945. Ainda tínhamos 2 combates. No show os artistas começaram a cantar músicas em italiano e cantavam um sambazinho que dizia assim:

"Você não sabe o quanto é bom viver  
Na retaguarda com um saco B  
Comigo um cálice de vinho  
E uma italiana pra fazer carinho

Ai vida malvada, não adianta fazer nada  
Pra que ir até lá, pois a guerra vai se acabar."

Meu amigo! Você via soldados descenderem as lágrimas chorando. Ai o major viu a reação do povo, subiu ao palanque e disse:

" Meus companheiros, noto uma grande tristeza em vocês. Mas não esmoreçam pois esse foi o maior combate que enfrentamos durante essa guerra. Não vamos pegar outro igual a esse. Vamos fazer como São Paulo. São Paulo também foi um grande guerreiro. Quando ele foi para os campos de batalha disse: "Meus companheiros! Viemos para vencer e venceremos para voltar." Isso aí mexeu com a gente. Nós tínhamos vindo de Montese, lá se acabou tudo, estávamos em Monte Castelo

reconstruindo as vagas para voltar pra outro (combate). Passamos quatro dias lá (em Monte Castelo) e lá esbarramos novamente com os alemães.

Quanto aos uniformes, não me queixo. Eu os trouxe para o Brasil: um capote de lã com 3 kls e 200 gramas, 3 mantas de lã americana, a farda de lá, uma japona de lã e um bibico de lã. Cobríamos o rosto todo só ficava de fora o nariz, que descascava, queimava com o gelo. Pegamos 20 graus abaixo de zero com montes de neve.

As armas eram “springfield americanas”, mas eu peguei um “garão”, uma arma alemã de 8 tiros automática, era uma beleza. Peguei do alemão, era muito boa. O americano foi bom para nós, mas para o italiano ele era muito ruim, era miserável. Aquelas crianças, mocinhas chegavam no nosso acampamento pedindo um pedaço de pão, eu repartia e ficava com fome, muitos dos nossos colegas davam. O americano botava no mato os restos de comida. Não poderiam dá?

Na Itália não tinha nada, você chegava numa cidade daquela e não tinha comida, só milho e fruta (pêra, pêssego, maçã...). Um quilo de açúcar lá custava 700 reais aquele rancheiro roubava e vendia aos italianos por 700 mil réis, era dinheiro de fazer medo.

Os civis eram bons demais comigo. Éramos os grandes heróis. Os garotinhos procuravam a gente e diziam: “Paisano quer vinho? Vendo minha “Sorela” (irmã) e um cálice de vinho.” Eu agradava ele e namorava muito.

Uma vez um italiano nos ofereceu um almoço, Amim e quatro colegas: havia um baiano muito “sem-vergonha” chamado Paulo. Esqueci o nome dos outros, um era de Campina Grande, e morreu, era meu amigo demais. Fomos almoçar com esse italiano. Era só ele e a irmã, uma moçona bonita. Na hora do almoço Paulo referiu-se a farinha: “passa aí essa p... pra cá”. O italiano perguntou ansioso: “Como se chama isso no Brasil?” E nós combinamos que era p... Lá era a mesma coisa. Lá as coisas são diferentes. Pneu é goma.

Quanto aos alemães, achei que eram os melhores soldados do mundo e muito educados. Eu nunca vi uma disciplina igual à dos alemães. Quando terminou a guerra, eu fiquei na beira da pista e passou uma divisão de 14 mil homens (alemães e italianos capturados pela FEB), parecia um gado magro na pista. Vinham um cabo e dois soldados feridos (alemães). O tenente me disse: “fique com esses homens aqui (os feridos), quando a caminhonete do rancho vier, você a pare e leve esses três homens”. Quando a camionete chegou, ela parou, eu os mandei subir e eles subiram. Lá em cima tinha umas rodela de pão, o soldado morrendo de fome, pego uma rodela de pão e

quando estava com ela perto da boca, o cabo disse: “deixe aí”. Ele largou na hora. Aí eu peguei os pães e distribui entre eles.

Se fosse um general que desse essa ordem para nós (brasileiros), nós mandávamos ele se r... O alemão não, era educado. Uma autoridade daquela fez só um sinal e o soldado obedeceu. Fiquei besta com aquilo, é muita disciplina, eu os admirava. Eles eram trancados, não se abriam pra ninguém, pareciam que estavam com raiva.

Quando voltei de Montese, no show, meus colegas começaram a fazer versos, eu matuto, lá do interior, nunca estudei, se tivesse estudado como você (o entrevistador), eu era um homem sabido. Aí os que faziam versos, os que estudaram foram falando e eu só prestando atenção. Quando terminaram chegou minha oportunidade:

“Fui de Natal para o Rio,  
Viajei na Ilusão.  
Me acho na Itália,  
Combatendo o alemão.  
Se minha sina foi essa,  
Deus tenha compaixão,  
E quando estiveres aflito,  
Não te maldigas da sorte,  
Tenha confiança em Deus,  
Mesmo encarando a morte.  
Só não lhe digo meu nome  
Porque não estou lembrado  
Me lembro que nasci nu  
E depois fui embrulhado.  
Nem um pedaço de pano,  
Que meu pai comprou fiado.”

O pior momento pra mim foi Montese. A pior cena, foram muitas. A maior alegria foi quando terminou a guerra, a maior alegria do mundo. Voltei para o Rio de Janeiro. Desfilei no Rio com a bandeira alemã, era os louros da guerra. Nessa divisão de 14 mil homens tinham dois generais, um alemão e outro italiano, e esses homens cada um foi conduzido por um general nosso. Tiveram a honra de serem escoltados por generais

nossos na Itália. Depois da guerra foi só beber cachaça e comemorar. Do Rio pra Recife, depois pra Natal. Papai tinha vindo me buscar, mas como eu demorei, ele voltou (pra Pedro Avelino) e esperou lá que eu voltasse.

Em Natal, houve um show no teatro Carlos Gomes (atual Alberto Maranhão) para mim e seis colegas. Depois do show, uma formatura geral em frente ao palácio do governador, que mandou que os heróis do Rio Grande do Norte subissem ao palanque para apertar as mãos dos conterrâneos. Eu era conterrâneo dele. Foi uma grande recepção, teve um grande banquete.

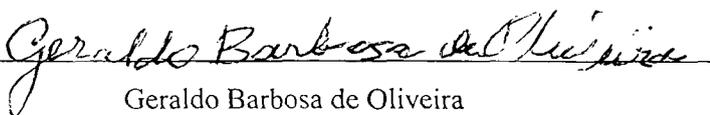
Peguei um trem para Lages. Quando eu cheguei lá encontrei 2 irmãos, fazia 11 meses que não via minha mãe. Fui convidado para um almoço em Angicos, antes de chegar em casa. O anfitrião insistiu, mas eu estava louco pra ver minha mãe. Me desculpei e fui embora. Se eu visse minha família, Deus podia me matar que eu morreria satisfeito.

A lição maior pra mim foi muita experiência. Conheço o bom, o ruim, o bonito, o feio... Tudo tem o mesmo fim que é a morte. Todo mundo termina assim.

Eu acho que a sociedade não nos reconhece. Hoje está melhor uma coisinha, mas já ta tudo terminado. Era pra ter tido mais valor quando era mais moço. Fui reformado em 1980, faz 24 anos. Eu não era pra ter sido reformado quando cheguei?

Tive vontade de voltar à Itália e quase volto, não voltei pois a situação financeira não tava boa. Depois de 35 anos da volta, estive aqui em 7 de setembro um italiano que trabalhava no canal 5 e começou a falar em italiano e eu peguei a falar italiano com ele. Ele ficou doido por mim. Eu disse que tinha deixado uma família muito amiga na Itália e que tinha vontade de fazer uma carta. "Você tem os dados?" Perguntou. "Sim". Fiz a carta e ele foi bater lá. Ele mesmo (o amigo italiano) respondeu. Multicândido disse: "Oliveira, recordo sempre dos presentes que me mandavas (cigarros)". Eu sempre levava um pacote de cigarros para ele. Foi quando terminou a guerra. Ele me levava pra correr de bicicleta, no varal, ele pilotando. Depois eu peguei uma bicicleta velha lá no quartel e fui aprender. Aprendi e passei a andar de bicicleta.

O dito é verdade e dou fé.



Geraldo Barbosa de Oliveira

Natal, 22 de junho de 2004



Severino Nicolau da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Disciplina: Pesquisa Histórica II (Monografia)

Ficha de catalogação nº 04

Entrevistado:

Severino Nicolau da Silva (falecido)

RG: \_\_\_\_\_

Endereço:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Data da entrevista: 22/05/99

Tempo de duração: 30 min

Caracterização geral do entrevistado:

O entrevistado embarcou para a Itália em 08-09-1945 no 5º escalão da FEB. Lá executando serviços de apoio e subsistência. Morou a maior parte da vida em Parulhao-RN, onde faleceu em 2001.

Fita nº \_\_\_\_\_, quantidade de fitas: \_\_\_\_\_

Obs:

Depoimento escrito. Autorizado por esse pela filha do deponente.

Parelhas, 11 de julho de 2004

**Carta de cessão**

Eu, MARIA SALETE DA SILVA NUNES  
RG. 588.897, declaro para os devidos fins que cedo os direitos da  
entrevista dada pelo meu pai Severino Nicolau da Silva, falecido em fevereiro de 2001, à  
Ranielle Cavalcante de Macedo no dia 22/05/99. Declaro ainda que o mesmo pode  
usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente  
data. Da mesma forma autorizo sua audição e o uso das citações a terceiros, que está sob a  
guarda de Ranielle Cavalcante de Macedo. Abdicando de direitos meus e de meus  
descendentes, subscrevo a presente.

Maria Sallet da Silva Nunes

Entrevista concedida à Ranielle Cavalcante de Macedo, aluno do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, em 22 de maio de 1999.

*“Na Itália havia muita morte, medo e horror, os combates eram horríveis mas sempre acreditei que voltaria para casa pois tinha muita fé em Deus. Tinha muita esperança de voltar vivo, apesar do desânimo dos companheiros.”*

Severino Nicolau da Silva

### SEVERINO NICOLAU DA SILVA

Nasci no dia 10 de outubro de 1922 em Parelhas. Em 1945 fui convocado para a Segunda Guerra Mundial. Aceitei com calma e tranqüilidade a convocação, era bastante normal na época, não me preocupei muito, talvez porque não tinha noção do que ia enfrentar.

Na época da convocação residia no bairro do Alecrim, em Natal, quando um soldado foi buscar-me em minha residência. Minha esposa (D. Luzia) chorou muito naquele momento, ficando desesperada, pois tínhamos um filho recém nascido. Ela fez muitas promessas para Nossa Senhora para que ele voltasse logo para casa.

Após a convocação (deve ter havido uma preparação específica) fui para a Itália com o 16º esquadrão (16º RI). Chegando lá, passamos por Nápoles, Montepriaiano, Montese, Castelnuovo, Monte Castelo e, enfim, o encontro em Turim com tropas francesas.

Tinha a função de executar serviços de subsistência, no auxílio às tropas. Passava as madrugadas cortando pães e passando manteiga, além de outras funções no rancho. Fazia quase tudo, mas não fui ferido nem matei ninguém, “graças a Deus”.

Me apeguei muito a Deus, orava muito para a guerra acabar. Deus me ajudou muito.

Não tinha ódio do inimigo, de ninguém. Tinha um grande amigo na Itália que era casado com uma brasileira, mas não recordo mais seu nome.

Não participei diretamente de nenhum combate, mas meu esquadrão lutou muito contra os alemães e italianos.

Meu relacionamento com os outros soldados era muito bom, mantive contato com combatentes de outras nacionalidades como: poloneses, tchecos e iugoslavos, o que contava para mim era a garantia da paz.

Na Itália havia muita morte, medo e horror, os combates eram horríveis mas sempre acreditei que voltaria para casa pois tinha muita fé em Deus. Tinha muita esperança de voltar vivo, apesar do desânimo dos companheiros.

Recebi a notícia do fim da guerra com muito alívio e felicidade. Agradei muito a Deus, amava o Brasil e queria voltar logo.

Quando cheguei em casa, em Natal, tive que pagar uma promessa que minha esposa tinha feito para eu voltar. Vim de navio, o povo nos recebeu com muita festa.

Na guerra eu só queria a paz, com todos. Eu era um guerreiro da paz. Mataria, se fosse preciso, para defender a minha vida, mas minha única intenção era ajudar a acabar com a guerra. O Brasil me mandou guerrear, matar alemães, mas eu só queria lutar pela paz.

A paz é mais importante. “A minha paz vos dou...” disse Jesus. Ele mandou amar os inimigos e eu os amei, nunca tive inimizade com ninguém.

O dito é verdade e dou fé.

Maria salete da Silva Nunes  
Maria Salete da Silva Nunes (filha do depoente, falecido em 2001)

Parelhas-RN, 11 de julho de 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Disciplina: Pesquisa Histórica II (Monografia)

Ficha de catalogação nº 05

Entrevistado:

Eleandro Honório de Siqueira

RG: 07028998018 - ME x

Endereço:

R. Dr. Manoel Dantas, 428 Petrópolis  
Natal - RN

Data da entrevista: 16/06/04

Tempo de duração: 1h e 1/2

Caracterização geral do entrevistado:

O entrevistado embarcou para a Itália no  
2º exatão da FEB. Em sua casa, onde  
foi concedida a entrevista, guarda objetos  
e lembranças da FEB. É muito lúcido  
e inteligente. É o presidente da Associação  
Nacional dos Veteranos da FEB de Natal.

Fita nº 02, quantidade de fitas: 3/4

Obs:

---

---

Natal, 22 de junho de 2004

Carta de cessão

Eu, Clayton Homero de Siqueira, RG. 070289980 / 8 - MEX., declaro para os devidos fins que cedo direitos de minha entrevista, dada dia 16/06/04 para Ranielle Cavalcante de Macedo usar integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo sua audição e o uso das citações a terceiros, que está sob a guarda de Ranielle Cavalcante de Macedo. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Clayton Homero de Siqueira

Entrevista concedida a Ranielle Cavalcante de Macedo, aluno do curso de história da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, em 16 de junho de 2004.

*“Eu era um 3º sargento, eu era um garotão, tinha sob minha responsabilidade a vida de nove homens”.*

Cleantho Homem de Siqueira

### **SR. CLEANTHO HOMEM DE SIQUEIRA**

Nasci em Natal, mais precisamente no dia 20-12-1922, completando em dezembro próximo 82 anos. Quando fui convocado, morava com a minha família na Rua da Estrela, no centro, nos fundos do prédio do INPS, hoje (rua) José de Alencar.

Era estudante do Atheneu, cursava o segundo ano secundário com 20 anos em 1942. Mas antes da convocação, eu já tinha passagem no Exército. Em 1939 eu fiz a Companhia 4, uma espécie de tiro de guerra. Eu era reservista de segunda categoria do quartel do 31 BC onde hoje fica o colégio Churchil na Avenida Rio Branco, ali era um quartel velho, o 31 BC, onde funcionou em 1939 a Companhia 4. Em 1942 eu volto para a Companhia 4 para fazer um curso de sargento, a guerra estava evoluindo na Europa e o Exército aqui já estava se preparando para uma possível intervenção no conflito. Então, foi um curso de emergência para preparar o sargento da reserva. E acontece que nesse ano de 1942, eu fui convocado para o Exército; de modo que eu chego ao Exército no dia 29 de novembro e 18 dias depois fui promovido a terceiro sargento. Pra mim foi muito bom, essa visualização antecipada do que poderia acontecer comigo e realmente aconteceu, eu fui convocado e esse foi o primeiro passo, em 1944 eu fui chamado para a Força Expedicionária Brasileira.

Nós morávamos na Rua da Estrela e naquela época tudo era muito difícil mas meu pai comprou um rádio, um rádio Philco, e todas as noites a BBC de Londres transmitia para o mundo o noticiário sobre a guerra e a parte que tocava ao Brasil era às 21 horas. Então minha mãe colocava na sala todas as cadeiras disponíveis e nossos vizinhos, todos, vinham ouvir o noticiário da BBC de Londres e notícias sobre a guerra. De modo que de início, a partir da eclosão da guerra em setembro de 1939, passamos a participar daquele clima de guerra.

Em princípio, não esperava ser convocado. O Brasil era um país praticamente agrícola, nós não tínhamos nada, a nossa pobreza era muito grande e ficamos

aguardando, ao sabor das notícias dos acontecimentos da Guerra que se desenrolava na Europa. Mas a Guerra foi avançando, foi ganhando proporções maiores, os exércitos alemães progredindo na Europa toda, foram anexando países, até se tornar uma coisa maior, mais ampla, com o afundamento dos nossos navios. Veio a provocação e a decisão do governo brasileiro de entrar na Guerra em 1942.

O meu pessoal (família), já estava mais ou menos preparado. Nessa época, a preocupação do governo era a vigilância e a proteção do nosso litoral, todo o litoral do Nordeste brasileiro. Por que essa preocupação? Pois nessa ocasião eles (alemães) atuavam no norte da África e havia, imaginava-se uma força militar do general Rommel ocupando a África, chegando até Dakar, eles poderiam pensar num lance maior e estender seus tentáculos até o Brasil, e o lugar brasileiro mais próximo da África é Natal. E houve uma preocupação muito grande. As autoridades brasileiras tomaram suas providências e a partir daí passou a proteger nosso litoral, contra uma eventualidade, uma possível penetração dos exércitos alemães por aqui, através do Nordeste. Havia na cidade aquele temor que essa coisa pudesse a qualquer momento acontecer e passamos a viver um clima mais aproximado da Guerra. E a Guerra lá foi ganhando espaço, aumentando, mas o exército alemão não chegou a concretizar seu objetivo na África, o que diminuiu, um pouco, a tensão aqui, mas a população chegou a viver momentos de apreensão, difíceis. Isso levou as nossas forças armadas a reforçar suas atividades aqui em Natal.

Nessa época, quando fui chamado, eu estava na Barra de Maxaranguape que naquela época era uma vila modestíssima de pescadores. Todas essas praias tinham tropas, de pelotão à corpo de combate. Maxaranguape tinha pelotão, Touros, e mais na frente, Caiçara, Rio do Fogo... até o fim do litoral. Aqui pras praias do sul a mesma coisa; Baía Formosa, todas essas praias tinham militares do Exército fazendo esse trabalho de vigilância e proteção do litoral. E eu estava exatamente na Barra de Maxaranguape quando recebi o chamado lá para ingressar na Força Expedicionária que tinha sido criada recentemente.

A minha família já imaginava... as notícias surgindo... O Brasil se preparando... Organizou esse corpo do exército e ficou naquela expectativa (a família), até que a convocação se realizou, de modo que não chocou, foi uma coisa natural, uma coisa que era esperada e aconteceu de modo que a preocupação do meu pai foi normal, a família, a mãe não queria receber a notícia de que o filho ia pra Guerra, sente... De modo que nós, em junho de 1944 eu estava em Maxaranguape e numa ocasião, à tarde um amigo meu

que estava em Touros, o sargento Júbson, sargento como eu. E ele me dava informações de tudo, pois naquela época nós vivíamos isolados de tudo praticamente, sem notícias de absolutamente nada. Maxaranguape era uma vila muito humilde, não tinha estrada, era município de Ceará Mirim. E o Júbson me faz essa revelação:

- Olha, em Natal se comenta que o país declarou Guerra as potências do Eixo e criou uma força pra mandar pra Europa. E eu estou passando por aqui pra ver com você. Você quer topar? Eu vim conversar com você. E naturalmente, o que você acha?
- Eu acho interessante! Interessante! Eu gostaria! Se fosse possível de ir. E você?
- Ora, você indo eu vou com você!

Na praia eram duas ruas de casas, de frente praticamente pro mar. E tinha um cidadão que tinha uma merceariuzinha muito humilde, lá no fim da rua. Ele tinha uma máquina de escrever, uma máquina daquelas muito antigas e lá ele usava papel, naquela época o papel era em maço, pautado. Judson preparou um requerimento, entregamos e no outro dia um soldado veio trazendo o requerimento que foi entregue na nossa unidade, que era o 16 RI na Hermes da Fonseca. Era uma unidade nova, um quartel novo. Então houve uma coincidência: no momento em que esse nosso pedido chega, o nosso requerimento, conforme informações de pessoas que trabalhavam no gabinete do comandante, o nosso requerimento tava em cima da mesa do coronel, já despachado favoravelmente, concedendo esse nosso pedido, quando chega um rádio pedindo que a nossa unidade aqui mandasse para Recife 18 sargentos, 1 subtenente e dois cabos. Veja só, só graduados, 21 homens. Saímos daqui em um dia de junho que eu não me lembro qual. Embarcamos aqui num trem, numa estrada de ferro à meia noite e chegamos em Recife no dia seguinte. E lá, nos juntamos com um contingente vindo de João Pessoa, Fortaleza e Maceió. E esse grupo, primeiro que saiu do Nordeste, foi pro Rio de Janeiro, e do Rio de Janeiro nós fomos distribuídos pelas três unidades que formavam a Força Expedicionária Brasileira, que eram: 1º Regimento de Infantaria, do Rio de Janeiro, o 6º Regimento de Infantaria, de Caçapava, São Paulo e o 11º Regimento de Infantaria de São João del Rei em Minas Gerais e eu fui incluído, no Rio, exatamente no 11. Lá houve uma preparação. Preparação psicológica... Aquela coisa toda.

O armamento nós não conhecíamos, tudo era novidade. O sexto embarcou, se não me engano no dia 6 de junho e o 1º e o 11, no dia 22 de setembro.

A preparação para a Guerra era muita instrução, inspeção de saúde muito rigorosa... Nós fomos imunizados contra essas doenças que podiam ocorrer pra lá; tétano, essa coisa toda. De modo que depois disso recebemos o uniforme, a instrução foi

incrementada, preparo físico também. As providencias iniciais. E no dia 22 de setembro nós embarcamos no navio General Meigs, um navio de transporte de tropas norte-americano. A viagem, embora fosse uma viagem ruim, havia aquela sensação... nessa época os submarinos alemães andavam por aí. O nosso comboio era protegido por navios da nossa esquadra, dois destróieres e um cruzador, até Gibraltar. Nas alturas de Gibraltar nossa escolta foi substituída por elementos da Marinha Americana, e a aviação sempre nos acompanhava. Graças a Deus, a viagem transcorreu sem maiores problemas. Agora, uma viagem desconfortável, éramos pouco mais de cinco mil homens empilhados no navio, eram três regimentos de infantaria no navio. Só a tripulação eram quase mil homens, tudo muito apertado dentro do navio, um desconforto total. Tínhamos duas alimentações no dia, o café da manhã e só íamos comer (novamente) de tarde. Uma comida diferente da nossa, embora nós tivéssemos sido preparados pra isso.

Não tínhamos conforto, éramos acomodados em beliches, da altura do chão, até o teto, umas prateleiras, de modo que fazia um calor tremendo, ficávamos o dia inteiro sem muita roupa, só de calção. O dia, nós passávamos no convés do navio, quando a noite esfriava, nós descíamos para nossas acomodações. E essa viagem demorou 14 dias.

O destino, quando nós embarcamos aqui, não sabíamos. Havia um boato que íamos para a África, ninguém sabia, somente o comandante (do navio) e o general Mascarenhas de Moraes, somente eles sabiam nosso destino, mas ninguém. De modo que na manhã de 4 de outubro, se a memória não me falha foi 4 de outubro, os auto-falantes do navio anunciaram que nós podíamos subir ao convés, que estávamos chegando à nosso destino, o porto de Nápoles. Somente nesse momento é que ficamos sabendo.

Passamos no porto de Nápoles dois ou três dias. Você assistiu esse documentário do desembarque na Normandia? De modo que aquelas barcas que foram usadas no desembarque, foram enviadas para a Itália para nos transportar do porto de Nápoles ao porto de Livorno (O entrevistado localiza as cidades no mapa italiano na parede de sua sala). Nós saímos daqui, entramos no Mediterrâneo, chegamos aqui em Nápoles e fomos transportados para Livorno, esse trecho todo aqui. Entendeu? Foi uma noite terrível, as embarcações não tinham cobertura, essas barcas cabiam cerca de 200 homens e eram (as barcas), coisa de 200. Aqui (no mapa) é o porto de Civitavecchia. Eu sei que o comandante do nosso comboio recebeu informações de que os alemães estavam bombardeando Livorno, então nós fizemos uma parada nesse porto. Noite

terrível meu Deus do céu! Frio, muito vento e chuva. Ficamos todos molhados numa frieza terrível e no dia seguinte desembarcamos em Livorno e fomos transportados para Pisa. A Guerra para nós se desenvolveu aqui (mapa) nessa região do norte da Itália, Piemonte, até terminarmos aqui, no norte, na fronteira norte da Itália.

Quando cheguei vi um país arrasado, um povo sofrido, porque eu costumo dizer e, é importante a gente acrescentar isso: o que mais marcou o combatente brasileiro foi o sofrimento da população civil. Como sofre, principalmente as mulheres, as crianças e os velhos. Os jovens somem todo mundo. Todo mundo na Itália estava empenhado na Guerra, cada família, quando a gente chegava e conversava, tinha seu drama particular para contar: que alguém tinha sumido, o pai tinha sido fuzilado pelos alemães. Era a situação pior que eu já vi. Os velhos foram levados também. Agora, somando-se a isso aí, a falta de alimento, de remédios, vestuário, falta de tudo. Numa ocasião, numa entrevista, um jornalista perguntou para o general Einshover, que era o comandante supremo das operações na Itália, o que ele achava da Guerra. Numa palavra ele sintetizou tudo. Disse: “A Guerra é uma desgraça” foi um termo mais ou menos assim. E é. Miséria, barbaridade.

De modo que desembarcamos lá (em Livorno) e nos instalamos num acampamento em Pisa, aí nós estamos chegando nessa parte. Uma outra pergunta do seu questionário aí...

Quando nós desembarcamos no porto de Nápoles e de lá para Livorno, a primeira impressão foi muito triste. O porto de Nápoles, são detalhes, ali no canto tinha um monte de ferro velho, restos de embarcações, de viaturas, muito ferro, e lá tinha uma porção de homens acorados, segurando um barbante e, em meio a nossa curiosidade, aqueles homens estavam ali caçando ratos. Ficavam com uma ratoeira numa ponta de um barbante e quando a ratoeira disparava eles puxavam. Aquilo ali era o alimento. De modo que tudo que matasse a fome eles pegavam. Quando nós chegamos tinha muitas crianças e nós jogávamos biscoitos, chocolates e eles partiam para cima. Logo veio uma ordem para que nós não jogássemos nada porque machucava, machucava as crianças porque os adultos entravam também famintos, não tinham nada, absolutamente nada. Agente via cenas fortes e tudo isso maltratava demais, isso marcou muito todos nós (emoção). De modo que eu estou aqui hoje contando uma história...

Quando chegamos, fomos de caminhão para as proximidades da cidade de Pisa onde tem aquela torre, que eu tenho aquela miniaturazinha ali ó (miniatura da torre de Pisa na sala), fica pertinho da cidade. Ficamos naquelas barraquinhas quando recebemos

o armamento, que nos era estranho, completamente diferente do que nós usávamos aqui, armas individuais, armas automáticas, metralhadoras, tinha armamento que nós não conhecíamos como a bazuca, o canhão de carro... O canhão de carro aqui era um 37 milímetros, lá era um 57. Os armamentos eram todos americanos e a partir daí houve um incremento da adaptação ao clima e aos padrões americanos, porque o exército aqui foi preparado na doutrina francesa e tivemos que nos adaptar rapidamente aquilo.

Quando nós chegamos lá o 6º (6º RI), que foi primeiro, já estava empenhado na linha de combate e o meu batalhão encontrou os alemães num lugar chamado Camaione, a poucos quilômetros de Monte Castelo. Houve fatores aí que comprometeram a nossa atuação: chuva, muita chuva, muita lama, a visibilidade caiu e a artilharia não pôde executar seus tiros com precisão, a aviação também não pode nos dar apoio e esse combate, embora tenha se iniciado, foi retraído, retraído com mortos e feridos. No dia 29 de novembro nós retornamos esse combate e foi outro fracasso. Foi um golpe muito duro. E logo a partir disso aí, naqueles dias a neve começou a cair, o inverno chegou. E esse inverno, comentava-se muito, foi um dos piores da Europa entre 1944-45, um dos invernos mais rigorosos da Europa. Então a frente começou a parar, estabilizou tudo, na Europa toda. A neve começou a aumentar e foi aumentando. A neve começou a cair, exatamente naquela região onde nós estávamos, a região das montanhas no dia 24 de dezembro, na véspera de natal. Eu estava no momento fazendo uma ronda quando de repente começa a cair do céu àquelas coisinhas branquinhas, pareciam umas peninhas. Eu via neve no cinema, nesse tempo não tinha televisão, era no cinema, em fotografias. E aquilo começou a cair, e eu fui colhendo, botei na minha mão e ela logo derreteu. Os soldados estavam no abrigo e eu chamei todo mundo pra ver aquele fenômeno atípico para nós. E anoiteceu, aquela paisagem escura, porque nós estávamos nas montanhas, um pedregulho tremendo, só rocha, sabe? Nós tínhamos alguns arbustos, mas eram poucos, e a partir daí, quando o dia amanheceu, a paisagem já era outra, aquela paisagem escura toda, era como se tivesse estendido um lençol branco, tava tudo branco. A partir daí a neve foi caindo e se acumulando coisa de 30, 40 e até 50 cm. As viaturas iam passando e comprimindo a neve que ia se solidificando, uma calota de gelo imensa, as viaturas andavam com correntes nas quatro rodas, pois escorregava demais. Você pode imaginar a coisa mais escorreguenta que puder, pior que sabão muitas vezes. Até andar era difícil.

O nosso uniforme não era adequado, de lã, mas muito precária, muito fina. O que nos socorreu foi o uniforme dos americanos. Forneceram para nossa unidade, nossa

divisão, umas jaquetas aconchegantes, forradas algumas com pele de carneiro. E resolveu, quebrou o galho. Mas que fique claro: todo o material que consumimos na Itália foi pago pelo governo brasileiro. Nós não usamos nada de graça do americano, tudo foi pago; o uniforme, a alimentação, tudo. Eles estabeleceram na época o chamado Plano Marshal, exatamente para prever essas necessidades na Europa.

Nós ficamos ali parados até dezembro.

Você sabe a história do exército alemão? O exército alemão perdeu uma divisão completa em Stalingrado, a sexta divisão do general...Não me lembro o nome.

Quando começou o degelo, quando a neve não caía mais...Os combates não cessaram durante o inverno, havia combates isolados. Patrulhas de reconhecimento. Eles vinham pra cá, nós íamos pra lá e algumas vezes havia o choque de viaturas, combates isolados, isso até a retomada dos combates na ofensiva da primavera em fevereiro. E no dia 21 de fevereiro, mais precisamente, houve o terceiro combate, em Monte Castelo, o dia todo, foi uma luta muito dura, Monte Castelo tem 800 metros de altura e eles (os alemães) muito bem, trabalhavam na defensiva e nós lá embaixo no Vale do Pó. Um domínio total dos alemães naquelas alturas, de modo que nós ficamos lá, atacamos em fevereiro, dia 21, e o castelo caiu. Foi muito dura a luta, tremendamente dura, foi um dia, mas foi um dia de cão, um dia no inferno. A partir daí, houve uma perseguição e eles se instalaram em Montese.

Montese foi três vezes pior que o outro, quem combateu foi o 6º RI, o meu batalhão trabalhou no apoio, nós subíamos também. Agora, em Montese foi o meu regimento o 11. Aí foi diferente, foi a batalha mais sangrenta, foram três dias. Quando terminou o combate, no terceiro dia nós estávamos um bagaço. Com fome... Aí vem os detalhes, sabe? Foi muito triste. Eu tinha um soldado que não levantava mais, e nisso aí vêm muitos detalhes. Eu era um 3º sargento, eu era um garotão, tinha sob minha responsabilidade a vida de nove homens. Comida pra dar para esses homens que eu tinha que dar conta. Perdi dois homens. Mas isso aí é uma situação normal. É ruim, é duro, você tá empenhado num compromisso sério; é ali que um homem se realiza, a responsabilidade... O sofrimento... E como une, como une rapaz! É uma coisa muito bonita.

Passamos pela nossa primeira etapa, aí entra a segunda etapa: fomos para Monte Castelo, uma cidade chamada Corneto. Havia um buraco no chão onde ficávamos, o americano o chamava de "fox-holle", a tradução é "toca da raposa". Era o abrigo principal da vida, para salvar sua vida. Não era uma trincheira, era um abrigo individual.

Também nós procurávamos as casas dos italianos, sempre nas montanhas, no campo, aquelas pequenas granjas, em pequenas localidades. Nós procurávamos sempre as casas deles porque tinha fogo, uma lareira. Então nós ocupávamos a casa dos italianos e nessa posição, nos dias de nevoeiro, os soldados desciam e iam apanhar a alimentação lá em baixo. Mas nos dias claros, a alimentação não chegava. Então nós nos valíamos da ração K, era uma caixinha que eles (os americanos) nos davam.

A alimentação quando chegava, normalmente à tardinha, a família reunia. O dono da casa era o Sr. Giusepe, um cidadão de 60 anos, e a senhora dele, Dona Terezinha, uma mulher maravilhosa... Um rapaz entre 16 e 17 anos e uma moça também jovem e duas crianças, Silvana e Maria, uma tinha três anos e a outra tinha cinco.

Todos os dias quando chegava o rancho, os soldados encarregados distribuíam a comida. Eram marmitões térmicos. Quem primeiro se servia eram as crianças, Dona Terezinha as servia. Depois o pessoal da casa se servia, pegavam seu alimento e depois os soldados, cerca de dez soldados numa casa. Nós passamos uma grande temporada no norte (da Itália) e eu não tinha cabo, mas isso aí é uma outra história... Mas todos se serviam e eu pegava o meu. E a comida era muito farta. Sobrava, Dona Terezinha recolhia e levava lá pra dentro para outra refeição deles e ainda servia algumas pessoas lá dos arredores que iam pegar comida lá. Passamos 23 dias nessa posição, 23 dias sem tomar um banho, porque não tinha água, gelava tudo, tudo. Era terrível.

Os italianos gostavam muito da gente. Nós chegávamos numa cidade e era uma festa, o povo vinha pra rua. Que alegria rapaz! Era a liberdade chegando... Veja o valor da liberdade.

Quanto ao banho, nós não tomávamos, mas fomos para uma localidade chamada Porreta Terme, onde funcionava um quartel general. Lá tinha umas casas de banho, uma espécie de banheiras, de termas. Então fomos tomar banho. Tomar banho, meu Deus do céu! Não tínhamos sabão, não tínhamos nada. Estávamos podres, essa é a expressão, fedia! Nas axilas criava uma lama que coçava muito, contraímos micoses. Os pés... Terrível rapaz! Escovávamos os dentes com uma garapa que os americanos mandavam, Get-fruit.

De modo que quando nós deixamos Montese, os alemães se retraíram e nós passamos então pra perseguição. Então eles se retraíram e foram se estabelecer numa outra cidade no norte da Itália, Collechio, onde houve nosso último combate, também em outra região chamada Fornovo, onde tinha o rio Taro.

Em Fornovo se deu a rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã. Essa divisão foi aprisionada completa, seu comandante era um general, cerca de 15 mil homens, gente demais. Pra você ver, a FEB aprisionou durante a Guerra toda 23 mil homens, quase o efetivo dela. De modo que depois dessa rendição nos juntamos ao exército francês lá em cima (no norte) em Susa, uma localidade chamada Susa, nos encontramos lá. Mas aí a Guerra estava praticamente acabada. A Guerra terminou pra nós na Batalha de Collechio no dia 28 de abril. A rendição oficial foi dia 8 de maio. De modo que terminou a Guerra e nós nos recolhemos para Alessandria, fazendo os preparativos de retorno pra casa.

O soldado alemão, que por leitura agente fica conhecendo os povos, nós sabíamos que era o melhor soldado do mundo e isso foi confirmado. Ele era orgulhoso, cara feia, fechado, duro... Praticaram lá umas bobagens, sabe! Tem histórias, que eu não vou me referir a isso, pois não gosto de contar. Muitas sujeiras, crimes, patifarias, sabe! Dentro da própria Guerra, pois a Guerra tem suas próprias leis também, isso vem de longe, da Primeira Guerra Mundial. É a lei da Guerra, o respeito ao prisioneiro.

Os alemães tocaram fogo num cabo nosso, o cabo Manga. Jogaram gasolina no cabo, tocaram fogo e isso teve uma repercussão muito chata, não foi legal, ele prisioneiro... Coisas dessa natureza. Os italianos é que contavam que eles eram bandidos, da pior espécie.

Eu tive contato com muitos alemães. Por exemplo, nós tínhamos prisioneiros deles. Prisioneiro é um homem que entrega suas armas e é protegido pela lei. Prisioneiro quando se apresenta não tem obrigação de dizer mais nada, absolutamente nada além do nome dele e sua identidade, ele fala se quiser. E naquele momento o pessoal de operações (da FEB) tinha conversas com eles para ver se colhia informações, além da unidade a que ele pertencia. Nós tivemos conosco lá na frente italiana unidades que combateram em várias partes. Tudo isso é uma cocha de retalhos. Se oferecêssemos cigarro para os alemães, eles tiravam um cigarro, mas quando oferecíamos pro prisioneiro italiano, eles metiam a mão, se você bobeasse ele levava todos. O italiano, várias vezes, era aquele sorriso debochado; o alemão era sério, com a moral lá em cima rapaz! O prisioneiro entregou as armas não é mais nada, e aquilo ali era uma demonstração de moral, só por esse aspecto ele era respeitado, esse era o soldado alemão. Agora! Eram homens sofridos, magros... Pelo uniforme deles agente via, uniformes surrados, o calçado já não tava dando pra mais nada. O asseio pessoal... A Guerra já estava no fim mesmo.

Eu tive alguns momentos mais difíceis. Os combates de Montese e Monte Castelo foram situações muito difíceis. Você pode imaginar, a tropa partindo pro ataque e os alemães na trincheira emburacado, se defendendo, mandando bala na gente, desprotegidos. Agora, qual foi o momento supremo? Dois de janeiro de 1945, exatamente naquela ocasião que eu disse que meu batalhão saiu da linha de frente e fomos pra retaguarda pra tomar banho, nós ficamos numa localidade chamada Sila, ficamos num prédio de quatro andares. Eu não vou contar essa história, os detalhes... Porque não me faz bem. Nesse dia eu tive a sensação, como ser humano, de ter morrido. Chegou um momento que imaginei que tivesse morrido, cheguei ao marco zero. Foi terrível! Sempre nesse mesmo dia, depois que voltei pra casa eu ia à missa e pedia para rezar em ação de graças para agradecer a Deus, ainda faço hoje. Eu vou rigorosamente à missa nos domingos pra isso. É o meu reconhecimento à meu Deus porque me trouxe de volta pra casa. Porque eu sei, lá dentro da minha alma, se eu não fizer isso, o que seria de mim meu Deus. Passei por tudo isso e hoje estou aqui com você. Maravilha! Minha casa, minha família...

Quanto à morte, essa é uma pergunta que normalmente o pessoal gosta de fazer. Você tem que ter medo de tudo. Psicologicamente tem que ser encarado. A morte é apenas um fato. Você sabe que um dia você... A morte não tem hora. Quando você tá num momento duro do combate, nesse momento você perde a noção, você tá concentrado ali. Primeiro você pensando na sua sobrevivência. Depois, no caso do graduado que tem vidas sobre sua responsabilidade, na vida dos seus homens. Em você e na vida de seus homens. Porque o homem nesse momento só está pensando na defesa dele. Por exemplo: a defesa do infante, do homem de infantaria é o abrigo pessoal. A granada de artilharia quando explode deixa um buraco no chão e uma granada nunca cai duas vezes no mesmo lugar, pode acontecer... Numa ocasião eu vi com um americano. A granada caiu no buraco onde ele estava e só ficou os dois pés dele. De modo que no momento você não pensa em nada: em morte, sobreviver... Você está concentrado, é o momento máximo de sua vida: matar e sobreviver, matar ou morrer. Ali não tem outra lei. Ou você mata o camarada ou você vai embora! É o momento em que você se desliga de tudo e se concentra somente naquele momento. Depois daquele momento você vai fazer sua oração, falar com o irmão, saber o que aconteceu, quem está faltando, se tem alguém ferido, tomar as providencias, aonde é que está seu pelotão, o comandante do seu pelotão, onde está, com quantos homens.

Eu vi muitas cenas horríveis. Numa ocasião um soldado perdeu um pé. Esse rapaz era do Paraná, descendente de alemão, quase que não falava. Falava um português muito gasto. Muitos garotos lá do Paraná que eram descendentes de alemães, de italianos, falavam com dificuldade naquela época. Hoje o negócio mudou. Mas o soldado perdeu um pé e o padoleiro colocou um torniquete na perna dele pra evitar uma hemorragia, se não o sangue ia embora todo. Ele tinha que ser muito rápido. Há uma mina que só leva um pé, o pé vai embora e é cortado no meio da canela. Então teve que imobiliza-lo e ele disse para mim: “Sargento! Ta ca dô na minha pé”. Mas ele não tinha mais pé. Ai ele foi pra retaguarda, a última vez que eu o vi foi na retaguarda e ele foi embora. Houve muitos outros casos. Um dia encontrei um colega meu com um estilhaço de granada fincado na cabeça. Já tinha sido atendido pelo padoleiro, ali ele não meche em nada, pega uma gaze e mercúrio, coloca o homem na retaguarda e vai cuidar dele. Não morreu, ficou a Guerra com aquilo enfiado no meio da cabeça.

Vi muita coisa. Muitos homens feridos, muitos cadáveres, tanto gente nossa quanto alemães. Era um quadro desolador, era terrível. Você tem que ser muito forte pra agüentar essa Guerra, porque tinha muitos companheiros meus que não agüentavam. Choravam, se desesperavam e a lembrança nessa hora é a mãe, chamavam sempre pela mãe, até na hora da morte (emoção).

Eu vi muita coisa feia, muita coisa ruim. Alegria não tinha, meu Deus do céu! Natal todo mundo comemora, é bonito! Mas eu achei triste, foi triste! No carnaval, carnaval era aqui, lá não teve nada. Mas éramos bem assistidos com relação à saúde.

Em janeiro eu fui sorteado para passar seis dias em Roma. Isso aí era uma história muito interessante. Eu não tinha nada. Sortearam a mim, da minha companhia, fulano da outra e nós fomos para uma localidade lá na retaguarda onde estavam americanos, poloneses, franceses, gente de toda localidade. E fui no comboio, passei seis dias em Roma, vi o Papa, o Papa Pio XII. Mas quanto ao sorteio, eu queria ir, mas ir como meu Deus do céu! Eu não tinha nada, não tinha dinheiro, não tinha roupa, não tinha absolutamente nada. Tem até uma história engraçada aonde você sente a solidariedade. Nós tínhamos dois sacos, um chamava-se saco A, que acompanhava a gente, e o outro saco B, onde ficava nossa roupa de passeio, nossos objetos, saco de dormir, lenço, cuecas etc. Meu saco ficava na retaguarda e tiveram que ir pegá-lo longe, lá atrás num povoado. Tava tudo mofado, como eu iria vestir aquilo rapaz? Mas tive que ir. Os soldados querendo ajudar. Lá vem um camarada com uma telha passando por cima do pano pra ver se estirava qualquer coisa. O sofrimento une o homem. Teve uma ocasião

num bombardeio de artilharia, que meu capacete soltou da cabeça rolou numa pirambeira e caiu lá embaixo. Havia um negro, o Nascimento, ele desceu a pirambeira, foi lá embaixo, debaixo de um bombardeio tremendo, pegou meu capacete e botou na minha cabeça. Eu disse uns desaforos pra ele, sabe? E ele com aquele sorriso, ele era muito negro, você não o via à noite, só os olhos e os dentes. Ele chegou a general, o Nascimento. Ele me disse: “sargento, se o senhor morrer o que será de nós?” Ele era um homem analfabeto e quem escrevia as cartas pra mulher dele era eu e quem lia as cartas da mulher dele quando chegavam era eu. Foi um gesto muito bonito. Um homem analfabeto... Como o homem se transforma numa Guerra.

Como eu lhe disse, a Guerra para nós, acabou no dia 28 de abril. Então a nossa unidade se reagrupou num quartel velho italiano chamado Icristo, numa cidade grande chamada Alessandria. Então um sargento colocou a companhia em forma e disse que o capitão tinha uma declaração para nos fazer, uma notícia muito boa. Aí o capitão fez aquela entonação de voz e disse: “A Guerra acabou”. Poderia ter havido uma reação grande e simplesmente um soldado lá no fim da companhia disse, me lembro bem, foi a primeira vez que ouvi essa expressão: “acabou tarde capitão”. Frieza... Os homens estavam tão machucados, com a alma tão machucada que ninguém achou graça em nada, sabe? Poderia acontecer uma explosão de alegria, mas não houve nada disso.

Depois disso nós tivemos a chance de uns passeios. A Guerra acabou e fomos andar por aí. Nós tínhamos o direito de passar até oito dias fora do acampamento, se passasse um dia a mais, era considerado desertor. São histórias da Guerra.

Com relação a namoradas, eu faço muita restrição a isso. Uma coisa que eu sempre dizia a meus soldados, sempre advertindo eles: “não se esqueçam que vocês têm suas mães e suas irmãs no Brasil, vamos respeitar essas moças aqui da Itália”. E eu briguei, fiz a Guerra brigado com meu comandante de pelotão, Tenente Vioti, exatamente por causa de uma moça, pois ele era casado. Isso aí é uma outra história. De modo que a minha preocupação com isso era muito grande, pois houve problemas, houve casos lá de estupros violentíssimos, e esses soldados foram condenados à morte (americanos), mas as leis daqui são diferentes. Numa ocasião, um sargento americano lá jogou uma granada num grupamento e andou ferindo lá militares, mulheres e civis e esse camarada foi fuzilado, foi executado em Pistóia, onde era nosso cemitério. Veio um officio (da FEB) mandando um oficial (brasileiro) assistir porque morreu um sargento nosso nessa coisa (no incidente com o americano). Ele estava bêbado (o americano). O Major Lisboa foi lá e presenciou a execução do americano, e esses miseráveis nossos

estupraram a moça, foram condenados à pena de morte, a pena foi computada em prisão perpétua e reduzida pra 30 anos e quando chegaram no Brasil, foram anistiados. Nessas coisas rapaz, tem detalhes interessantes, muitas histórias, sabe?

Quando voltamos pro Brasil houve festa, uma explosão de alegria no Rio e em São João del Rei. Eu era convocado, não poderia ficar no Exército, a ordem que veio foi para todo convocado ser licenciado, mas isso aí é outra história. Eu consegui ficar e fui pra São João del Rei, onde ficava meu regimento. Fiz tudo pra não ir pra lá rapaz (São João del Rei), tudo que você possa imaginar eu fiz, mas o destino me levou para lá. Passei cinco anos lá, conheci minha mulher e depois de cinco anos, peguei minha mineira e voltei pra Natal. Houve uma renovação na minha vida. Eu tinha perdido quatro anos e imaginava que meus amigos, meus companheiros do Atheneu estavam todos nas universidades. E eu? Eu tinha que recomeçar minha vida e eu estava doente, vim da Guerra com problemas graves, neurológicos, passei três anos me tratando no Rio de Janeiro. Tudo isso aconteceu comigo. Então eu fiquei no Exército, me adaptei bem a vida militar, gostei e me dei bem, graças a Deus! A minha família me apoiou, todo mundo queria me ajudar, tinha um oficial que queria me matricular compulsoriamente na Escola Preparatória (de oficiais) de Porto Alegre, mas eu não fui porque estava doente. Aí eu teria tomado outro rumo. Mas foi bom. Graças a Deus, por onde andei fui bem tratado, prestigiado, só deixei amigos ali, que ainda hoje os conservo, aqueles que estão vivos.

Eu tenho hoje minhas lembranças, minhas recordações. Você vê que eu sou um camarada de bom conceito.

A maior lição que a Guerra nos dá é a liberdade. Nós buscamos na Guerra que ela (a liberdade) impere. Só.

Eu tenho uma filha que mora em Veneza (na Itália). Ela insiste muito para que eu a visite, mas nós vamos lá um dia. Tenho muitos companheiros, amigos meus da época que já voltaram lá.

Montese foi uma cidade totalmente destruída quando estive lá, hoje tá toda recuperada, reconstruída, bonitinha nas montanhas. E no dia do combate, não tinha uma casa com telhado, eram só aqueles paredões e hoje tá toda diferente, aqueles lugares por onde passamos estão todos bonitos.

nosso nessa coisa (no incidente com o americano). Ele estava bêbado (o americano). O Major Lisboa foi lá e presenciou a execução do americano, e esses miseráveis nossos estupraram a moça, foram condenados à pena de morte, a pena foi computada em prisão perpétua e reduzida pra 30 anos e quando chegaram no Brasil, foram anistiados. Nessas coisas rapaz, tem detalhes interessantes, muitas histórias, sabe?

Quando voltamos pro Brasil houve festa, uma explosão de alegria no Rio e em São João Del-Rei. Eu era convocado, não poderia ficar no Exército, a ordem que veio foi para todo convocado ser licenciado, mas isso aí é outra história. Eu consegui ficar e fui pra São João Del-Rei, onde ficava meu regimento. Fiz tudo pra não ir pra lá rapaz (São João Del-Rei), tudo que você possa imaginar eu fiz, mas o destino me levou para lá. Passei cinco anos lá, conheci minha mulher e depois de cinco anos, peguei minha mineira e voltei pra Natal. Houve uma renovação na minha vida. Eu tinha perdido quatro anos e imaginava que meus amigos, meus companheiros do Atheneu estavam todos nas universidades. E eu? Eu tinha que recomeçar minha vida e eu estava doente, vim da guerra com problemas graves, neurológicos, passei três anos me tratando no Rio de Janeiro. Tudo isso aconteceu comigo. Então eu fiquei no Exército, me adaptei bem a vida militar, gostei e me dei bem, graças a Deus! A minha família me apoiou, todo mundo queria me ajudar, tinha um oficial que queria me matricular compulsoriamente na Escola Preparatória (de oficiais) de Porto Alegre, mas eu não fui porque estava doente. Aí eu teria tomado outro rumo. Mas foi bom. Graças a Deus, por onde andei fui bem tratado, prestigiado, só deixei amigos ali, que ainda hoje os conservo, aqueles que estão vivos.

Eu tenho hoje minhas lembranças, minhas recordações. Você vê que eu sou um camarada de bom conceito.

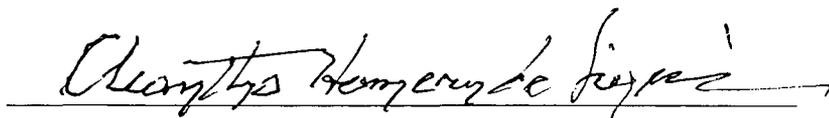
A maior lição que a guerra nos dá é a liberdade. Nós buscamos na guerra que ela (a liberdade) impere. Só.

Eu tenho uma filha que mora em Veneza (na Itália). Ela insiste muito para que eu a visite, mas nós vamos lá um dia. Tenho muitos companheiros, amigos meus da época que já voltaram lá.

Montese foi uma cidade totalmente destruída quando estive lá, hoje tá toda recuperada, reconstruída, bonitinha nas montanhas. E no dia do combate, não tinha uma casa com telhado, eram só aqueles paredões e hoje tá toda diferente, aqueles lugares por onde passamos estão todos bonitos.

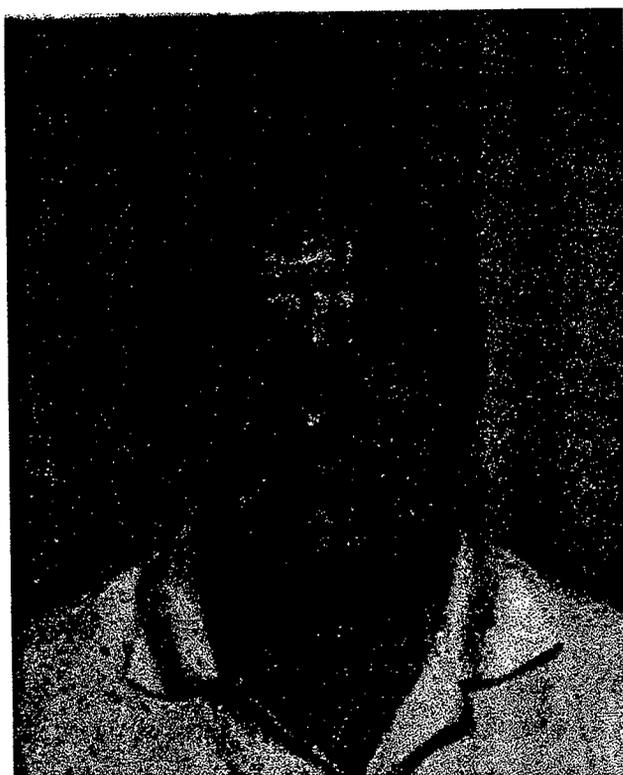
Sinceramente eu gosto muito de dar esses depoimentos, principalmente à vocês jovens, porque a gente sente que vocês estão dando seqüência, continuidade a história. E isso é importante pro futuro, e seu trabalho não vai morrer aí pois isso tem um grande valor.

O dito é verdade e dou fé.



Cleandro Homem de Siqueira  
Det. FEB

Natal, 22 de junho de 2004



Ramiro Gomes de Freitas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Disciplina: Pesquisa Histórica II (Monografia)

Ficha de catalogação nº 06

Entrevistado:

Ramiro Gomes de Freitas

RG: 2340205

Endereço:

Rua Walter Eduardo Pereira, bloco 21202

Data da entrevista: 02/07/04

Tempo de duração: 40 min.

Caracterização geral do entrevistado:

O entrevistado é frequentador assíduo da ANVEEB, participando de vários eventos que envolvam a FEB. É muito simpático, disposto, goza de uma excelente memória e bom senso de humor.

Fita nº 3, quantidade de fitas: 2/6

Obs:

Parelhas, 11 de julho de 2004

**Carta de cessão**

Eu, Ramiro Gomes de Freitas  
RG. 2340205, declaro para os devidos fins que cedo os direitos da minha entrevista dada no dia 02/07/04 para Ranielle Cavalcante de Macedo usar integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo sua audição e o uso das citações a terceiros, que está sob a guarda de Ranielle Cavalcante de Macedo. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

  
\_\_\_\_\_

Entrevista concedida a Ranielle Cavalcante de Macedo, aluno do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, em 02 de julho de 2004.

*“Oh inferno desgraçado! Você dormia ou escorado num saco, com as bombas caindo, ou escorado num defunto. Nossa Senhora! Morria gente demais ali.”*

Ramiro Gomes de Freitas

### **RAMIRO GOMES DE FREITAS**

Nasci em Taipu-RN, interior do Estado, no dia 30 de dezembro de 1924 . Trabalhava na lavoura com meu pai. Naquele época chovia bastante mas a vida era muito sofrida. Nós nos matávamos de trabalhar na lavoura e quando estava próximo da colheita, as lagartas vinham e acabavam com tudo. Quando completei 12 anos de idade falei com meu pai e disse que ali não dava mais para continuar, naquele sofrimento e que eu precisava sair de casa. Meu irmão mais velho já havia saído. Então fui morar em Ceará Mirim onde trabalhava num bar do meu tio.

Quando fui convocado para a guerra fui fazer exames de saúde em Natal, éramos uns 50 jovens, fomos para o hospital, onde é hoje a maternidade Januário Cicco, era um hospital militar. Se tivesse condições de saúde você iria para a guerra, se não tivesse não iria Eu fui selecionado.

Na viagem para a Itália você não podia tirar o colete salva-vidas pois se o navio fosse a pique você afundaria junto com ele. Quando nós passamos de Gibraltar, começou... era bomba, era o diabo, os alemães perseguindo a gente. O navio era o General Meigs, um navio americano com 800 metros de comprimento por 70 de profundidade, olha o tamanho do animal, não era brincadeira não, eram quase nove mil soldados lá dentro. Os soldados choravam demais, diziam: “tenente e se eu morrer?”, o tenente dizia: “se você morrer sua família tá amparada rapaz!”. Agente jogava dama, dominó, carta e graças a Deus eu nunca tive tristeza, “vou alegre e vou voltar alegre”. Quando nos aproximamos de Nápoles, o comandante avisou: “Nó vamos chegar ao cais do porto de Nápoles.” A temperatura era 15 graus abaixo de zero. Eu fui no quarto escalão. A temperatura abaixo de zero. E outra coisa,

disse o comandante: “não dêem nada a ninguém”, eram aqueles garotos todos maltrapilhos, e o frio era grande. Eles pediam chocolate e cigarros para os pais dele: “brasiliano dá cigarete para mi papa”. Aí o soldado inglês, a Inglaterra antes tinha invadido Nápoles e o Mussolini havia botado aqueles garotos para jogar granadas nos tanques de guerra da Inglaterra, eles (os ingleses) tomaram uma raiva dos garotos tão grande que quando viam um garoto, metiam o chicote que o sangue descia. É por isso que o comandante falou para não soltarmos nada para esses garotos, nem cigarros, nem ponta de cigarros, pois se soltássemos esses garotos iriam sofrer. Depois nós chegamos no depósito para onde íamos, esse depósito era uma escola militar de Mussolini, escola de permanência alemã. Olha só aonde é que eu estava! Quando nós pensávamos que lá estava tudo bem, tudo gostoso começou o barulho. Tinha um túnel ali perto, que se não me engano tinha 6 quilômetros. O túnel era grande, ai nós descíamos de um lado para o outro numa escuridão danada, pois a luz era vermelha, não tinha luz branca não. Aí vamos esperar, quando começou aquela guerra aérea: Brasil, Estados Unidos e Alemanha. O prédio era tão bombardeado que viviam dependuradas as coisas, e ali agente vivia. O túnel era uma proteção aérea para quando eles viessem nos bombardear. E ali nós ficamos. Quando eles bombardeavam, não conseguiam atingir agente, eles bombardeavam o prédio, pois conheciam muito bem o prédio que já havia sido deles, dos alemães. Então eles não conseguiam bombardear o túnel. Um túnel daquele tamanho, o que tinha de força elétrica não é brincadeira não rapaz! E a nossa luz era aquela vermelhinha. Não podíamos tocar nos fios elétricos. Eu sei que quando eles foram embora, nós viemos voltar para o nosso alojamento já era quase duas horas da manhã. Eles (os aliados) derrubaram cinco aviões alemães e o inglês e o americano, graças a Deus, voltaram todos direitinhos. Aí os alemães não tentaram mais nada sobre nós ali em Nápoles. Nós ficamos ali e dali fomos distribuídos para o front, para Stáfolli, para Livorno, para Porreta... então nós fomos distribuídos para aquela região onde houve a guerra cerrada.

As batalhas lá eram o seguinte: Você se defendia mas metia bala. Você tinha que correr deitado pois se corresse em pé morria na hora. Então os alemães de vez em quando paravam, era a hora da espionagem: “Vamos ver onde estão os brasileiros, estão todos lá parados” Quando o cara ia se aproximando a bala comia de novo, nós metíamos bala neles e a batalha começava de novo. Vou te contar viu! Oh inferno desgraçado! Você dormia ou

escorado num saco, com as bombas caindo, ou escorado num defunto. Nossa Senhora! Morria gente demais ali. Você via o cara gritando: “me acuda, me socorre!” Mas você não podia fazer nada, havia o serviço lá da Cruz Azul. O que agente podia fazer era amarrar um lenço no fuzil dele e deixá-lo deitado ali para a Cruz Azul vir e prestar socorro, muitas vezes o cara estava morto. Tinha duas equipes de socorro: a de saúde e a do funeral, o Pelotão de Sepultamento. Vou te contar, minha Nossa Senhora! Ainda hoje quando lembro disso, perco o sono lá em casa. Nós demos a vida, nós demos o sangue, nós demos tudo pela pátria. Você tava ali, ou morre ou sobrevive. Era granada, era morteiro, era tiro de metralhadora...

A arma que eu peguei lá foi arma individual, não quis saber de metralhadora não, pois com a arma individual eu corria, eu nadava, andava no sol quente e a metralhadora era pesada. A única coisa que eu sofri foi isso aqui (grande queimadura no braço direito) um fogo de bazuca. Foi um colega meu que fez isso. Ele foi atirar num tanque alemão, e o carro dele tinha dado uma pane. Eu entendia um pouco de carro e fui ajudar e melei o braço de gasolina. Quando ele atirou no tanque alemão o fogo pegou aqui no meu braço. Queriam me levar para os Estados Unidos para me tratar, mas sair pros Estados Unidos no meio de uma guerra dessas, “eu não vou, me deixem aqui mesmo”. Passei quinze dias no hospital e fiquei bom, fiz apenas um enxerto e fiquei bom. Sair da Itália pros Estados Unidos naquela época era suicídio... Eu tava novo, não foi mais nada.

Quanto ao alemão, aquilo era um desgraçado. Você punha seu capacete na ponta da espada e levantava... de repente “tárárará”, tava todo metralhado. Aquilo era um sem-vergonha rapaz! Você não podia dá mole não que eles pegavam a malandragem nossa. Você atirava e eles sossegados, atirava e eles sossegados, então vamos lá, vamos avançar, e quando nós avançávamos eles metiam bala. Aí eles pegaram nossa malandragem.

Quando terminou a guerra foi a maior festa do mundo na Itália. O italiano gostava da gente demais. Em noite de São João e São Pedro faziam festa. Eu vou te contar rapaz, eu nunca tomei tanto vinho quanto naquela época na Itália, e nós gostávamos. Quando nós não íamos até eles, eles vinham bater no acampamento atrás da gente, chamando para beber vinho. Eu dizia que não podia sair agora mas eles insistiam. Estávamos em Santa Maria, Santa Cruz, esses lugarzinhos da Itália. Vou te contar rapaz! Eu dou graças a Deus tá hoje

vivo, velho com oitenta anos lhe contando essas histórias. Mas eu gostaria de ter nascido ontem.

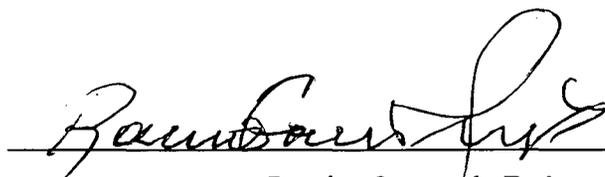
A volta pro Brasil foi bacana, foi boa. Um navio veio por Portugal e outro veio direto pra cá. Nos encontramos todos no Rio de Janeiro. Quando nós chegamos no Rio foi aquele festão, Nossa Senhora! Nem bem começou o desfile já acabou. O pessoal invadiu, queria agarrar os soldados, que não podiam fazer nada não, pegavam a cobra fumando (distintivo), pegavam tudo, qualquer coisa que você trouxesse da Itália, você ficava sem nada, e ninguém podia fazer nada, e não podia mesmo não. O povo todo emocionado, com a família que vinha da guerra e ai tomaram conta de tudo. Combinamos pegar o trem para Bangu, eu estava com mais três colegas meus, e fomos para a vila militar pois ali não tinha mais nada não, só levávamos o fuzil e nada mais, nem cobra fumando, nada.

Depois que cheguei no Brasil, dei baixa no Rio de Janeiro e vim embora pra Natal. Cheguei aqui era duro de emprego rapaz! E aí, o que é que eu vou fazer? Então pedi para ficar no Exército, me deixaram entrar. Mas eu tinha dois colegas que pareciam duas pulgas, só viviam agarrados comigo. Quando eles souberam que eu entrei foram lá e pediram ao comandante pra entrar também, e entraram. Conclusão: Tivemos uma briga com soldados da Marinha e fomos os três excluídos do Exército. “Tá vendo o que vocês arranjaram pra mim?”. Um deles foi para o Rio de Janeiro, não sei nem qual a situação dele lá, nunca mais o vi. Depois disso comecei a trabalhar na praça de automóveis, trabalhei na Base Aérea, briguei com o comandante lá também, pois entrei como diarista de obra e diarista de obra lá não vale nada, não tem sossego, como civil, e meu comandante queria me passar para extra-numerário, assim era mais seguro. E eu fiz um telegrama para o Ministro Nero Moura e ele me respondeu: “referente à seu telegrama pedindo nomeação na Base Aérea, remeto o pedido ao comando da Segunda Zona” esse comando era em Recife. Como é que eu iria para Recife sem dinheiro sem nada. Ai eu falei com o comandante da Base Aérea aqui em Natal. Ele falou que não tinha dinheiro nem avião para isso, eu disse que ele tinha a qualquer hora. “Comandante eu sou ex-combatente”, e ele disse que Getúlio Vargas não mandaria dinheiro pra gente. Então eu peguei um trem e fui para Recife, lá chegando aconteceu a mesma coisa. Falei com o brigadeiro comandante da Segunda Zona, dizendo que era ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, que trabalhava na Base Aérea de Natal e que não havia conseguido o extra-numerário, continuando como diarista de obras. Ele me

mandou resolver com meu comandante em Natal, me mandou de volta. Eu pedi para ele mandar uma ordem pro comandante de Natal e ele não mandou. Aí não tinha nem como voltar pra Natal. Um tenente de Recife viu minha agonia e arranhou um avião pra mim no outro dia. Conclusão: continuei na Base mas briguei com o comandante e ele me botou pra fora. Eu fui mal-criado mas também ele merecia.

Voltei a trabalhar na praça de automóveis aqui em Natal e um tio da minha esposa me arrumou uma passagem de avião pra São Paulo, pra eu trabalhar lá. Eu já tinha três filhinhas, só trabalhando aqui na praça de automóveis. Quando cheguei em São Paulo fui nomeado para trabalhar na Companhia Municipal de Transportes Coletivos, era a maior companhia do mundo, internacional, chamava a atenção de todo mundo. Lá trabalhei 22 anos, aposentei e vim embora pra cá de novo. Hoje tenho minha aposentadoria como 2º tenente, mas também trabalhei na Secretaria de Saúde lá em São Paulo por 8 anos, lá a vida era muito boa. Hoje tenho a aposentadoria do Exército e do INSS e vivo uma vida mais tranqüila.

O dito é verdade e dou fé.



---

Ramiro Gomes de Freitas

Natal, 14 de julho de 2004



Gerson Ramos da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Disciplina: Pesquisa Histórica II (Monografia)

Ficha de catalogação n° 07

Entrevistado:

Gerson da Silva Ramos

RG: \_\_\_\_\_

Endereço:

Sítio Ritiro Paulhas - RN

Data da entrevista: 1 / 10 / 01

Tempo de duração: \_\_\_\_\_

Caracterização geral do entrevistado:

Entrevista retirada de OLIVEIRA, Helena  
Lucena de Almeida. Batalhas da Memó-  
ria: os paulhasenses na Segunda  
Guerra Mundial. Especialização em História  
do Nordeste. Cairó - RN 2001

Fita n° \_\_\_\_\_, quantidade de fitas: \_\_\_\_\_

Obs:

Entrevista dada a historiadora Helena Oli-  
veira em 2001.

Entrevista concedida à historiadora Helena Lucena de Almeida Oliveira por Gerson Ramos da Silva em 2001.

*“Na Itália, vivi um verdadeiro terror, a população sem destino, nas ruas, andando de um lado para outro, esfomeados e seminus”.*

Gerson Ramos da Silva

### **GERSON RAMOS DA SILVA**

Nasci em 1921, na cidade de Parelhas, e como a maioria desta comunidade, sobrevivi graças à produção agrícola local, baseada principalmente no cultivo do algodão. Atualmente, resido no Sítio Retiro, local de difícil acesso devido à má conservação das estradas.

Particpei da Segunda Guerra Mundial, de forma voluntária, pois era um “matuto”, criado no sítio, sem nunca ter saído de lá, e alistei-me voluntariamente, porque tinha vontade de conhecer novos lugares e principalmente outros países.

Após a minha entrada para o Exército, passei por uma espécie de treinamento, no Estado da Paraíba, mais propriamente em João Pessoa, e depois passei três meses em Pernambuco, numa aldeia, onde ocorria uma “manobra de guerra”, ou seja, os ex-combatentes eram treinados para adquirir experiência com diferentes tipos de armas, como também eram feitos uma série de exames médicos, para a verificação do quadro de saúde desses soldados. Após este treinamento, fui para o Rio de Janeiro de onde saí rumo à Europa. Desembarquei no porto de Nápoles, na Itália, no 13ª Companhia, sob o comando do capitão Mascarenhas.

Durante a viagem, ia muito “assombrado”, pois quando passei do Equador e já estava chegando à Líbia, fomos perseguidos por um submarino alemão. Apesar de que íamos acompanhados por um destróier e um cruzador, o medo e o terror tomaram conta de todos os tripulantes. Dormia preparado, com um salva-vidas, porque se o navio fosse a pique, poderia me salvar. Os barcos (salva-vidas) também eram preparados com antecedência e colocados inclusive com alimentos. Quando via algo um pouco estranho, todos queriam descer para os barcos. “Matuto é assim mesmo, assombrado, e além disso nunca tinha participado de uma guerra”.

Quando cheguei em Nápoles, fui enviado para um colégio muito grande, fiquei num subterrâneo, que cabia aproximadamente umas 30 mil pessoas. E era lá que

ficavam escondidas as pessoas que ainda não estavam lutando na guerra. Em seguida fui enviado para um navio velho italiano e depois cheguei a Livorno, o segundo porto na Itália que freqüentei.

Fui transportado por “caçambas velhas”, juntamente com outros 100 soldados para uma mata chamada “Stafo”, onde, até levantarem as barracas, dormia ao relento. Permaneci oito meses nesse local, sendo que três destes oito meses foram para aguardar, a “organização do embarque” (de volta ao Brasil), o que foi feito depois da guerra.

Na Itália, vivi um verdadeiro terror, a população sem destino, nas ruas, andando de um lado para outro, esfomeados e seminus. As mulheres ofereciam seu corpo aos “brasilianos” em troca de “manjar”.

Alguns soldados jogavam alimentos, como chocolates, caramelos e guaranás para esses grupos de “desmantelados”, com cabelos compridos, barbas grandes, sujos e esfarrapados.

Por alguns instantes acreditei estar diante de “loucos desvairados”, de tão sombrio era o aspecto físico daquelas pessoas. Alguns pais ofereciam suas filhas aos “brasilianos” em troca de alimentos e elas “serviam de mulher” para os soldados que em troca davam-lhes algumas “galhas de alimentos”.

Naquela área também circulavam os americanos, que tinham a função de dar uma maior segurança ao desembarque dessas tropas. Eu apenas observava essa cena, porém não mantive nenhum contato com eles.

Com relação às cenas da própria guerra, eram terríveis. As tropas eram separadas e à medida que alguns iam morrendo, ou ficando “aleijados” iam sendo substituídos por outros. O trânsito de ambulâncias era grande para pegar os feridos, principalmente em dia de ataque, quando as metralhadoras não cessavam de “arrancar pernas e estourar os olhos dos outros”. Vi um “amigo de guerra” morrendo e clamando que não queria morrer ali, e sim junto à família, perto dos seus.

Um dos piores momentos que vivi, ainda não foi na guerra, e sim durante a viagem, quando o navio em que eu seguia estava sendo perseguido por um submarino alemão, e todos viveram momentos de tensão e medo, pois se acreditava que o navio iria afundar e todos morreriam afogados.

Quando recebi a notícia do fim da guerra, achei inclusive que estava iniciando uma outra guerra. Os soldados vibravam, agarrados com as suas armas. Foi a maior manifestação que assisti em toda minha vida.

De volta ao Brasil, depois de três longos meses de espera, desembarquei no Rio de Janeiro e tive uma das maiores emoções e também tristeza da minha vida, pois era esperado por um grande grupo de pessoas, que gritavam perguntando por seus parentes, se eles estavam ali. Uns choravam de alegria e outros de tristeza e dor, por ver comprovado que seus familiares não haviam retornado da “maldita guerra”. Fico bastante emocionado ao lembrar desta cena marcante em minha vida.

Foi iniciado um desfile das tropas no Largo da Carioca, sendo que o desfile acabou logo, pois o povo agarrava os soldados e todos queriam se aproximar e também eles (os soldados) estavam cansados e emocionados.

Quando retornei estava com os “nervos” um pouco abalados, pelas desgraças a que assisti, porém, eram tantas que acabei me acostumando com os “desmantelos” da guerra.

Durante esse período de oito meses em que permaneci na Itália não enviei notícias ao Brasil, porém, na Itália, fiz uma ficha de consignação de família e minha mãe ficou recebendo 250 mil réis mensalmente, o que levava os meus amigos a acreditar que eu estivesse morto.

# CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO

Letra: Guilherme de Almeida

Música: Spartaco Rossi

## I

Você sabe de onde eu venho?  
Venho do morro do engenho,  
Das selvas, dos cafezais,  
Da boa terra do coco,  
Da choupana onde um é pouco,  
Dois é bom três é demais,  
Venho das praias sedosas,  
Das montanhas alterosas,  
Do pampa, do seringal,  
Das margens crespas dos rios  
Dos verdes mares bravios,  
Da minha terra natal.

### *Estrilho*

Por mais terra que eu percorra  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá,  
Sem que leve por divisa  
Esse "V" que simboliza  
A vitória que virá!  
Nossa vitória final  
Que é a mira do meu fuzil,  
A ração do meu bernal,  
A água do meu cantil,  
As asas do meu ideal,  
A glória do meu Brasil.

## II

Eu venho da minha terra  
Da casa branca da serra  
E do luar do meu sertão;  
Venho da minha Maria  
Cujo nome principia,  
Na palma da minha mão,

Braços mornos de Moema  
Lábios de mel de Iracema  
Estendidos para mim  
O minha terra querida  
Da Senhora Aparecida  
E do Senhor do Bonfim!

## III

Você sabe de onde eu venho?  
É de uma Pátria que eu tenho  
No bojo do meu violão;  
Que de viver em meu peito  
Foi até tomando jeito  
De um enorme coração.  
Deixei lá atrás meu terreiro  
Meu limão, meu limoeiro  
Meu pé de jacarandá  
Minha casa pequenina  
Lá no alto da colina,  
Onde canta o sabiá.

## IV

Venho do além desse monte  
Que ainda azula o horizonte  
Onde o nosso amor nasceu,  
Do rancho que tinha ao lado  
Um coqueiro que, coitado  
De saudade já morreu.  
Venho do verde mais belo  
Do mais dourado amarelo  
Do azul mais cheio de luz  
Cheio de estrelas prateadas  
Que se ajoelham deslumbradas  
Fazendo o sinal da cruz!

VET. ROBERTO

**Discurso do Presidente Getúlio Vargas pronunciado por ocasião do desfile das forças do Corpo Expedicionário Brasileiro no pavilhão levantado próximo ao Obelisco, na Avenida Rio Branco, a 24 de maio de 1944.**

“Soldados do Brasil,

Chegou a grande hora de honrar a Pátria.

Agredidos insólita e brutalmente, vamos vingar o sangue dos nossos patrícios, soldados e civis, mulheres e crianças, barbaramente massacrados pelos navios piratas dos países nazistas.

Felizmente, ainda desta vez, fazemos a guerra justa – a guerra dos povos pacíficos, ofendidos na sua dignidade, reagindo contra os agressores. É isto que ensina a tradição dos nossos maiores; é isto o que aprendemos sobre as guerras em que estivemos empenhados.

Desde as primeiras invasões estrangeiras, quando ainda colônia, nunca nos faltaram coragem e tenacidade para nos defendermos. Depois, e em todas as circunstâncias, revidamos sempre os golpes que nos eram vibrados, reagimos sempre à cobiça alheia, fizemos sempre tremular alto, no topo dos mastros, o sagrado pavilhão auriverde.

Agora, mais do que nas campanhas vitoriosas do passado, cumpre-nos agir com o heroísmo sereno dos fortes.

O inimigo de hoje é mais audaz, mais poderoso de que todos os outros que temos enfrentado. Por isso mesmo, com os nossos valentes aliados, resolvemos combater-lo na sua própria fortaleza. Fostes escolhidos para esta gloriosa tarefa – honra excepcional que a Pátria vos confere, e ireis participar de operações militares que exigem o máximo de preparo e denodo, formando a vanguarda dos nossos bravos combatentes, enquanto o Povo Brasileiro, que agora vos aplaude, continuará mobilizado e entregue ao trabalho, confiante no vosso destemor e na vossa firme decisão de vencer.

Pela primeira vez, em quatro séculos de história voltados às artes da paz e só em revide fazendo a guerra, vamos lutar em outro continente. O nosso Exército, que se cobriu de louros em feitos memoráveis, atravessará os mares para defrontar um inimigo tenaz e perigoso. O Exército de Caxias e Osório, de Porto Alegre e Sampaio, de Floriano e Carneiro, provará as suas novas armas e a sua bravura tradicional nos campos da Europa.

O espírito americanista que preside as nossas determinações é o da restauração dos valores humanos, é o da liberdade e da justiça.

Não esqueci, nem poderei esquecer jamais, o entusiasmo, a chama cívica que ardia na exaltação e nas vozes do nosso povo quando pedia guerra ao agressor. Chegou o momento de transformar em atos os nossos sentimentos de repulsa e indignação. Para tanto nos preparamos, repelindo os ataques traiçoeiros do inimigo e adestrando-nos no uso dos modernos instrumentos de guerra. Estareis tão bem armados e supridos como qualquer dos melhores soldados em luta. Com o vosso ânimo varonil e as vossas excelentes condições de disciplina, treino e armamento, a Nação permanecerá confiante, porque sabe que empenhareis corajosamente a vossa missão.

Soldados Expedicionários,

Tranqüilizai-vos quanto ao futuro. Todas as providências foram tomadas par que nada vos falte. Os vossos entes queridos – esposas, mães, noivas, filhos – aguardarão, confiantes, o vosso retorno e estarão amparados pelo governo – pelo Brasil que cumpre lealmente o seu dever e ao lado de poderosos aliados irá ganhar, com o esforço e a intrepidez de sua juventude, lugar condigno na comunidade das nações civilizadas.

A Pátria tudo espera de vós e orgulha-se da vossa coragem, consciente da vossa dedicação.

Que a benção de Deus vos acompanhe, como vos acompanham os nossos espíritos e os nossos corações, até o regresso com a vitória.

Em qualquer circunstância, em meio as dificuldades próprias dessa jornada heróica, lembrai-vos sempre que defendeis uma tradição, uma bandeira e um nome – BRASIL”.

## VITÓRIAS DA FEB

### 1944

16	set.	MASSAROSA
18	set.	CAMAIORE
26	set.	MONTE PRANO
06	out	FORNACCI
11	out	BARGA GALICANO
24	out	SOMOCOLLONIA
25	out.	TRASSILICO VERNI
28	out	MONTE FAETO

### 1945

21	fev.	MONTE CASTELO
23	fev.	LA SERRA
04	mar.	SANTA MARIA VILLIANA
05	abr.	CASTELNUOVO
14	abr.	MONTESE
15	abr.	PARAVENTO
19	abr.	MONTE MAIOLO
20	abr.	RIVELA
21	abr.	ZOCCA
23	abr.	VIGNOLA
27	abr.	COLLECHIO
29	abr.	FORNOVO DE TARO
30	abr.	CAPTURA DA 148ª DIVISÃO DE INFANTARIA ALEMÃ.

## O INIMIGO

Grandes unidades dos exércitos alemão e italiano, anotadas nas diversas frentes de combate da 1ª DIE, nos Montes Apeninos e na planície do Pó.

### ALEMÃES:

42ª Divisão Ligeira  
114ª Divisão Ligeira  
29ª Divisão Panzer Granadier  
90ª Divisão Panzer Granadier  
94ª Divisão de Infantaria  
132ª Divisão de Infantaria  
148ª Divisão de Infantaria  
305ª Divisão de Infantaria  
334ª Divisão de Infantaria  
Corpo de Pára-quedistas  
Blindado "Hermann Goering"

## ITALIANAS

Divisão "Itália"  
Divisão "Monte Rosa"  
Divisão "San Marco"  
Divisão "Bersaglieri"

### PRISIONEIRO DE GUERRA CAPTURADOS PELA FEB DURANTE A CAMPANHA DA ITÁLIA

General	02
Oficiais	892
Praças	19.679
Total	25.573

#### 1. MORTOS DA FEB

<b>a) Oficiais:</b>	
Capitão	01
1° Tenente	01
2° Tenente	10
Aspirante	01
<b>b) Sub-Tenente</b>	01
<b>c) Sargentos:</b>	
1° Sargento	03
2° Sargento	18
3° Sargento	42
<b>d) Cabos</b>	40
<b>e) Soldados</b>	317

#### 2. DESAPARECIDOS

<b>a) Sargentos</b>	05
<b>b) Cabos</b>	03
<b>c) Soldados</b>	15

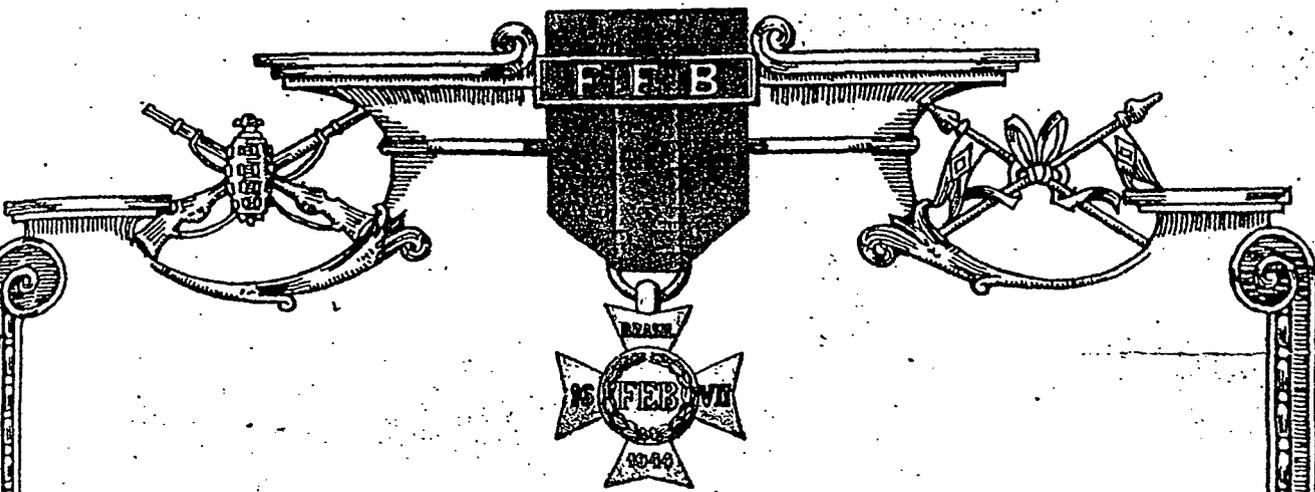
<b>3. FERIDOS</b>	1.577
<b>4. ACIDENTADOS</b>	1.145
<b>5. TOTAL</b>	3.187

## PRACINHAS POTIGUARES MORTOS NAS BATALHAS DA ITÁLIA

Belmiro Ferreira da Silva	Monte Castelo	22/02/45
Cosme Fontes Lira	Zocca	23/04/45
José Varela	Montese	14/04/45
Manoel Lino de Paiva	Montese	14/04/45
Rodoval Cabral da Trindade	Voghera	14/06/45
Wilson Viana Barbosa	Monte Castelo	10/10/44

*“Imolando-se pela pátria, adquiriram uma glória imortal e tiveram soberbo mausoléu, não na sepultura em que repousam, mas na lembrança sempre viva de seus feitos. Os homens ilustres têm como túmulo a terra inteira..”*

Péricles



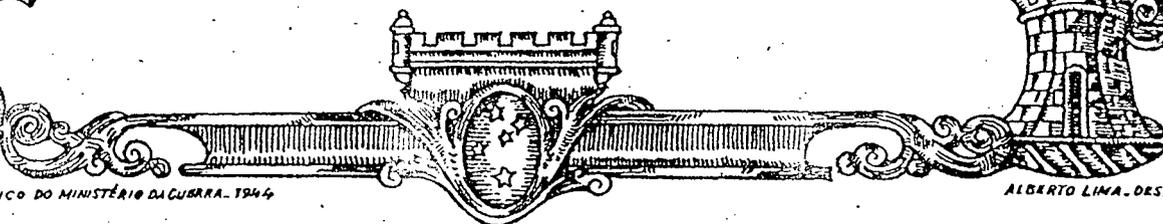
# DIPLOMA DA Medalha de Campanha

*Criada por Decreto-lei n. 6.795, de 17 de agosto de 1944*

*O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, resolveu, de acordo com o Decreto de 28 de Março de 1946, conceder a Medalha de Campanha ao Soldado QUIDIO ALVES DINIZ : por ter, como integrante da Fôrça Expedicionária Brasileira, participado de operações de guerra na Itália.*

*Rio de Janeiro, 22 de Novembro de 1949,  
128ª da Independência 61ª da República.*

*João Cândido de Costa*  
Ministro da Guerra.





Nº 20501

MINISTERIO DA GUERRA  
FORÇA EXPEDICIONARIA BRASILEIRA

*Certificado de Reservista de 1ª Categoria*  
*Certifico que o*

Soldado Osídio Alves Diniz  
GRADUAÇÃO NOME

IG-312.955  
IDENTIFICAÇÃO

*da classe de mil novecentos e vinte e sete*  
ANO nascido em

*Paremba - Rio Grande do Norte*  
MUNICIPIO E ESTADO

*filho de Francisco Alves Diniz*  
NOME DO PAI *serviu no*

TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITALIA

*no periodo de 22 de Fevereiro a 4 de Setembro de 1945*  
DATA

*incorporado ao Depósito do Pessoal - Primeiro Batalhão - Quarta Companhia*  
UNIDADE FORMAÇÃO OU ESTABELECIMENTO

*tendo sido licenciado do Serviço Ativo*

*no dia 1º de Outubro*  
DATA *, ingressando na*

*Reserva do Exército Nacional*

*Rio de Janeiro, 19 de Outubro de 1945*

*Mário Imassery*  
COMANDANTE



BOLEGAR DIRETO



R.34  
Aob 2  
28/81

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO  
IV EXÉRCITO  
7.ª REGIÃO MILITAR/DE  
SEÇÃO DE INATIVOS E PENSIONISTAS

# APOSTILA

Art. 53 Dec. N.º 49.096/60/RPM

(Ao título de Pensão Militar N.º 095 /81-SIP/7 )

PENSIONISTA: OVIDIO ALVES DINIZ, Ex-Comb-FEB, Soldado Reser-  
vista IG-312.955  
DE - CUJUS. - x -

## (ATUALIZAÇÃO DE PENSÃO)

De acordo com o despacho do Exmo. Sr. CMT. DA 7, RM/DE, exarado no processo

1/77-DIP

e em face do que determina a Lei N.º 3.765/60, fica a presente pensão atualizada,

a perfazer, mensalmente, as seguintes importâncias:

Partir de 1º Jan 81 - Tab Venc Dec Lei nº 1819/80- Cr\$ 27.000,00

Partir de 1º Abr 81 - Tab Venc Dec Lei nº 1819/80 - Cr\$ 36.460,00

Quartel em Recife-PE, 29 de Abril de 1981

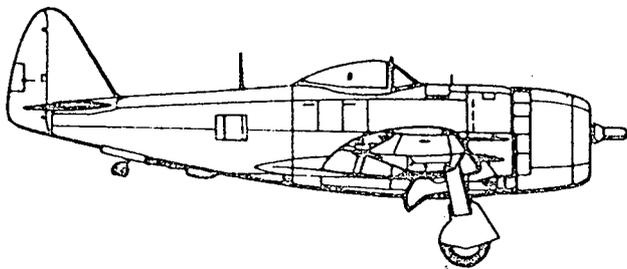
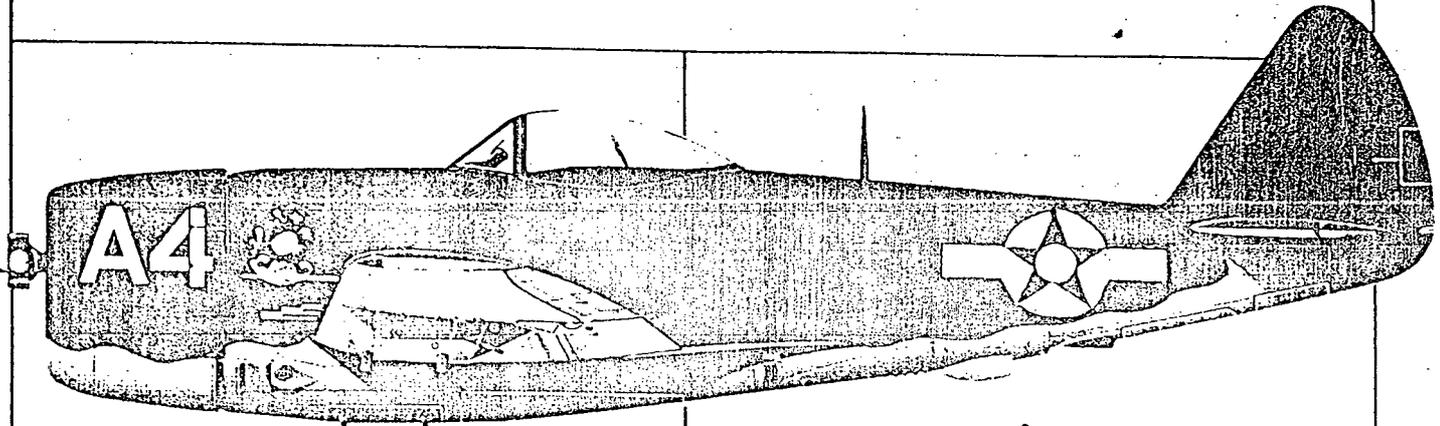
Augusto Cireno de Camara Ribeiro  
AUGUSTO CIRENO DE CAMARA RIBEIRO - 2º Tenente  
Chefe da SS.2 28/81

Codigo de Culus					
Código de Pensionistas					
0	7	4	9	1	35

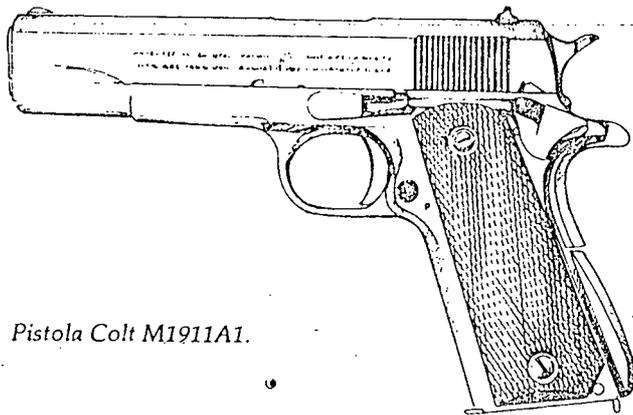
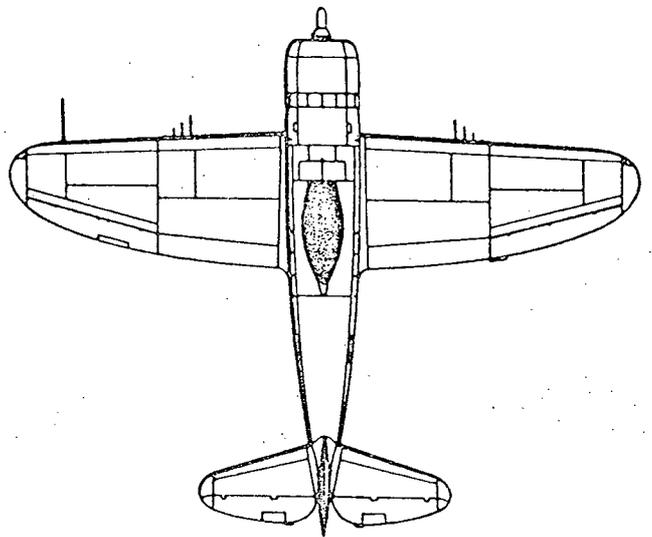
LBS/ GT



# As Armas



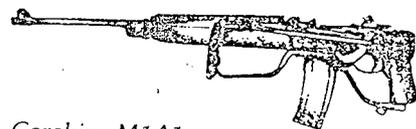
*Republic P-47 Thunderbolt.*



*Pistola Colt M1911A1.*



*Carabina M1.*



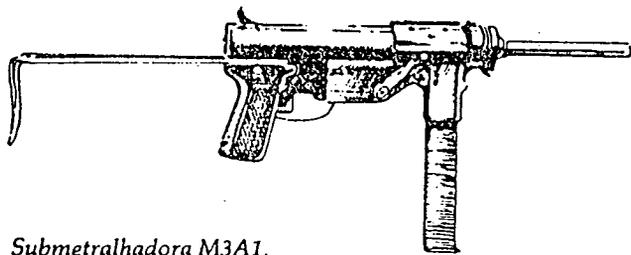
*Carabina M1A1.*



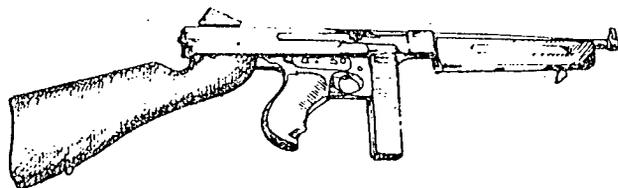
*Fuzil M1 Garand.*



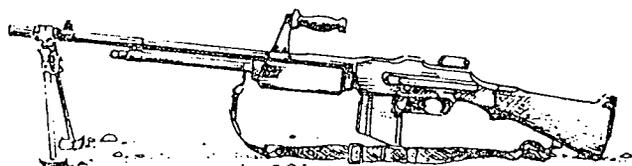
*Carabina M2.*



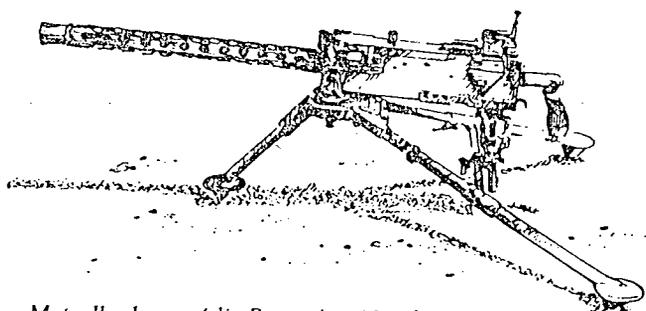
*Submetralhadora M3A1.*



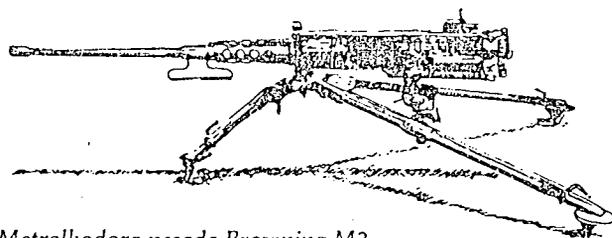
*Submetralhadora Thompson M1A1.*



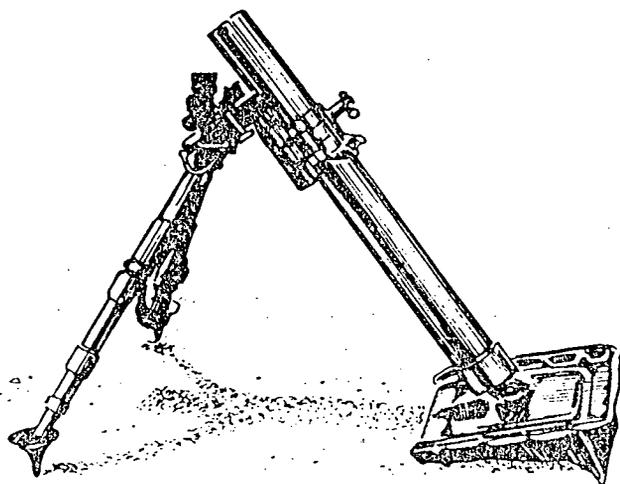
*Fuzil automático Browning M1918A2.*



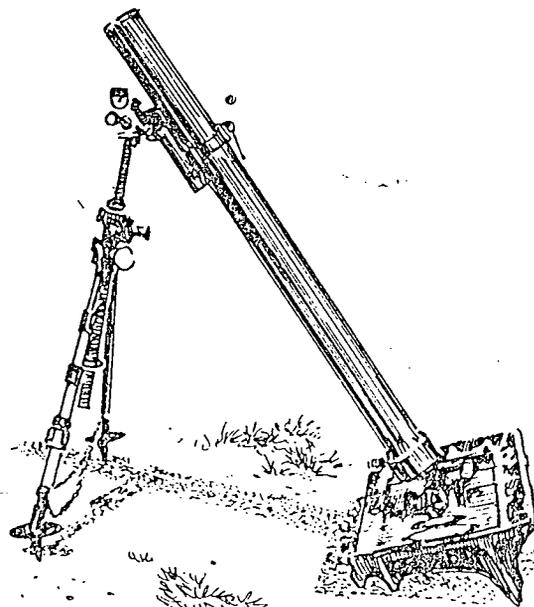
*Metralhadora média Browning 1919A4.*



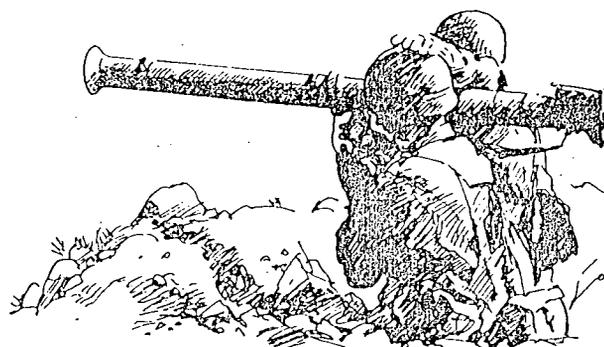
*Metralhadora pesada Browning M2.*



*Morteiro leve M2.*



*Morteiro médio M1.*



*Bazuca antitanque M20A1.*

# Os Uniformes



*Uniforme do PM da FEB.*

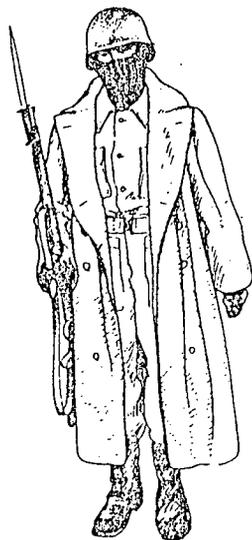


*Uniforme de campanha de verão, com equipamentos.*



*Uniforme padrão da FEB.*

*Uniforme de campanha das enfermeiras.*



*Uniforme de campanha de inverno, com capotão e máscara.*



*Uniforme para combate na neve, com capa branca e óculos de proteção.*



*Uniforme de campanha dos enfermeiros.*

# Os Mortos do Brasil na Itália

## A

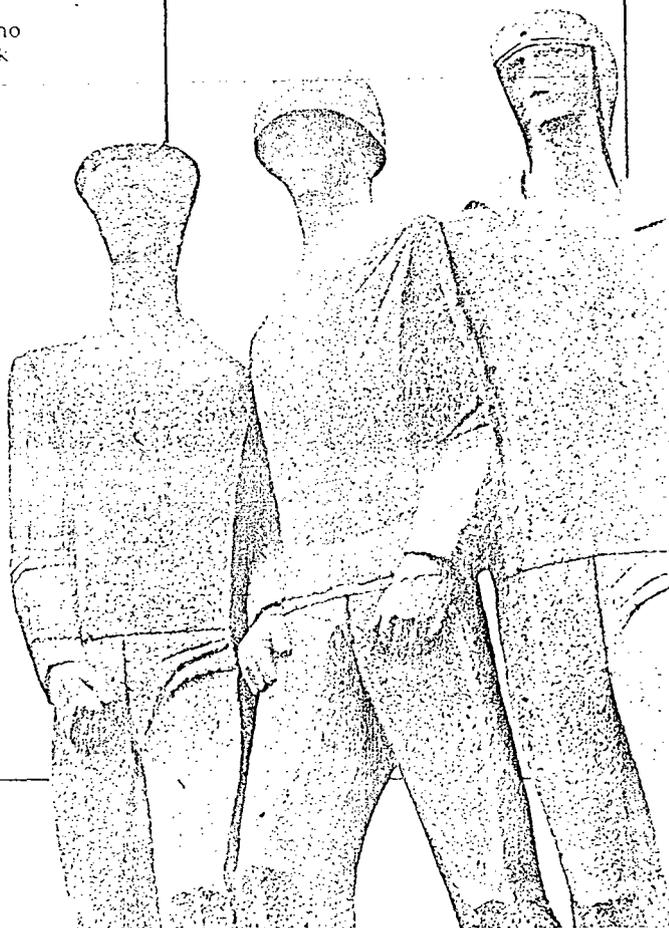
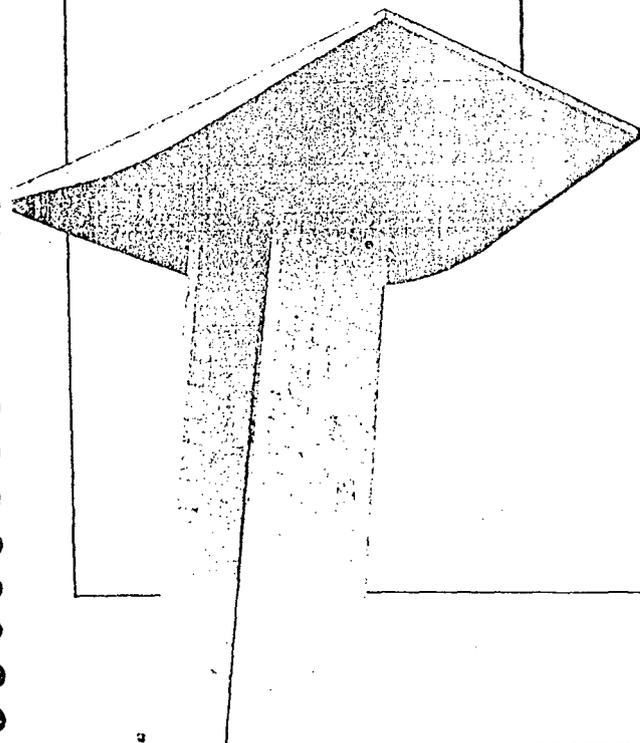
Abel Antonio Mendanha  
Abilio Fernandes  
Abilio José dos Santos  
Abilio dos Passos  
Achylls Brasil  
Adalberto Candido de Melo  
Adão Wojcik  
Adelmir Dias dos Santos  
Adir Jorge  
Agnaldo Saturnino Rocha  
Agostinho da Silva Monteiro  
Ailson Simões  
Alberto Mello da Costa  
Alberto Vicente Cardoso  
Albino Cezar  
Alcebiades Bobadilha da Cunha  
Alcebiades Sodré  
Alcides Maia Rosa  
Alcides de Oliveira  
Aldemar Fernandes Ferrugem  
Aleixo Herculano Maba  
Alessio Venturi  
Alfredo Estevão da Silva  
Alicio Clara Simeão  
Almir Bernardo  
Altino Martins da Vitoria  
Alvaro Gomes Santiago Sobrinho  
Almandio Goering  
Aluizio Farias  
Amarilho Gonçalves de Queiroz  
Amaro Felicíssimo da Silveira  
Amaro Ribeiro Dias  
Américo Fernandes  
Américo Pereira da Rocha  
Américo Rodrigues  
Amphilofio Silveira Lessa

Ananias Holanda de Oliveira  
Andriás Nogueira de Abreu  
André Ermelindo Ribeiro  
Anelio da Luz  
Anesio Antão Ferreira  
Antenor Ghirlanda  
Antenor Costa  
Antonio Engenio Vieira  
Antonio Agostinho Martins  
Antonio Alvares da Silva  
Antonio Alves  
Antonio Aparecido  
Antonio Bento de Abreu  
Antonio Cação  
Antonio Caetano de Souza Filho  
Antonio Carlos Ferreira  
Antonio Coelho da Silveira  
Antonio Costa Ernesto  
Antonio Durval de Moraes  
Antonio Faria  
Antonio Martins de Oliveira  
Antonio Mathias de Camargo  
Antonio Pais Almeida  
Antonio Patrocínio Fernandes  
Antonio Pinton  
Antonio Romano de Oliveira  
Antonio de Souza  
Antonio Vicente de Paula  
Aquino Araujo  
Aristides Gouveia  
Aristides José da Silva  
Arlindo Gonçalves dos Santos  
Arlindo Lucio da Silva  
Arlindo Sardanha  
Arnoldo Candido Raulino  
Arthur Lourenço Staerck

Ary de Azevedo  
Assad Feres  
Attilio Piffer  
Atualpa Pereira Leite Filho  
Augusto Gonçalves Cardoso  
Aurélio Sampaio  
Aurelio Venancio de Oliveira  
Ayres Quaresma  
Ayres da Silva Dias  
Ary Rauen

## B

Basileo Nogueira da Costa  
Basilio Zechim Junior  
Belmiro Ferreira da Silva  
Benedito Alves  
Benedito Alves dos Santos  
Benedito Eliseu dos Santos  
Benedito Esteves da Silva  
Benedito Francisco da Silva  
Benedito Patrício  
Benevides Valente Monte  
Benjamim Pedroso da Silva  
Benjamim Theotônio de Lima  
Berone Falcão de Gouveia  
Berly Azevedo Vieira  
Bernardino Silva  
Brasílio Pinto de Almeida  
Bruno Estrifica



## C

Candido da Luz Paiva  
Carlo Bertini  
Carlos Cêco  
Carlos Walter Hisserich  
Celio do Nascimento  
Celso Barbosa Lima,  
Celso dos Santos  
Cesario Aguiar  
Claudino Pinheiro  
Claudovino Madalena dos Santos  
Clerio Bortolo  
Clito Antônio de Araújo  
Clóvis da Cunha Pais de Castro  
Clovis Rosa da Silva  
Clower Bastos Côrtes  
Constantino Maroqui  
Cosme Fontes Lira  
Cosme Henrique dos Santos  
Cristino Clemente da Silva  
Cristovam Moraes Garcia  
Cybber Porto de Mendonça

## D

Damazio Rodrigues Gomes  
Daniel Rodrigues dos Santos  
Deniz Pinto de Matos  
Dermeval de Souza Gil  
Diogo Garcia Martins  
Dionizio Chagas  
Dionizio Lorenzi  
Dirceu de Almeida  
Djalma Corrêa  
Donato Ribeiro  
Durvalino do Espirito Santo

## E

Edesio Afonso de Carvalho  
Edgard Lourenço Pinto  
Edmundo Arrabar  
Edson Salles de Oliveira  
Eduardo Gomes dos Santos  
Eiduarde da Silva Pontes  
Eleaquim Batista  
Elias Vitorino de Souza  
Elidio Machado Martins  
Elidio Rodrigues Pinto  
Elizeu José Hipolito  
Elizio da Rocha Passos  
Elizeu Pinhal  
Epitácio de Souza Lucena  
Erminio Cardoso  
Ernani Marones de Gusmão  
Ernesto Gonçalves  
Ernezito José das Chagas  
Estanislau Wojcik  
Euber Queiroz Junior  
Eugenio Alves da Silva  
Eugenio Martins Pereira  
Eurides Fernandes do Nascimento  
Euripedes Rodrigues de Lima  
Eutropio Wilhelm de Freitas  
Evilasio Rocha de Assis

## F

Fabio Pavani  
Felicio Tomazini  
Felisbino dos Santos  
Felix Marqueti  
Fernando Fontes  
Fleury Silva  
Francisco de Almeida

Francisco Alves de Azevedo  
Francisco Alves de Oliveira  
Francisco Antonio Valter Savastana  
Francisco Batista Rios  
Francisco de Castro  
Francisco Dias  
Francisco Firmino Pinho  
Francisco Ferreira Malafaia  
Francisco Franco  
Francisco Gomes de Souza  
Francisco Hierro  
Francisco José de Souza  
Francisco Luiz Roberto Boening  
Francisco Martins Theotonio  
Francisco Mega  
Francisco de Paula Lopes  
Francisco de Paula Moura Neto  
Francisco Pereira dos Santos  
Francisco dos Santos Filho  
Francisco Tamborim  
Francisco Vitoriano  
Frederico Antônio Bressan  
Frederico Gustavo dos Santos  
Fredolino Chimango

## G

Gastão Gama  
Genesio Valentim Corrêa  
Gentil Guimarães de Oliveira  
Geraldo Augusto dos Santos  
Geraldo Baeta da Cruz  
Geraldo Berti  
Geraldo Elias  
Geraldo Martins Santana  
Geraldo Ribeiro de Rezende  
Geraldo Rodrigues de Souza  
Geraldo Rosa  
Geraldo Sant'Ana  
Gerhardt Holtz  
Gildo dos Santos Pereira Lira  
Godofredo de Cerqueira Leite  
Gonçalo de Paiva Gomes  
Gregorio Vilalva  
Gumercindo da Silva

## H

Hamilton da Silva Costas  
Harry Hadlick  
Helio Thomaz  
Hercilio Gonçalves  
Herminio Antônio da Silva  
Herminio Aurelio Sampaio  
Hereny da Costa  
Hilario Decimo Zanesco  
Hileno Ramos  
Honorio Corrêa de Oliveira Filho  
Hortêncio da Rosa  
Hugo Gonçalves  
Humberto Alves Nogueira  
Hyvio Domenico Naliato

## I

Ignacio Gomes  
Iraci Luquina  
Isanor Furquim de Campos  
Ivo Robach de Oliveira  
Izidro Matoso

## J

Jacinto Lucas da Costa  
Jair da Silva Tavares

Jamil Dagli  
Jesuino Ventura  
João Alberto Alves  
João Américo da Silva  
João Batista dos Reis  
João Batista Rotelo  
João Espinard  
João Fagundes Machado  
João Ferreira da Silva  
João Florindo Zanetti  
João Gonçalves dos Santos  
João Inácio Nascimento  
João Lopes de Assunção  
João Lopes Filho  
João Mancias Alves  
João Maria Batista  
João Maria Silveira Marques  
João Maurício Campos de Medeiros  
João Monteiro da Rocha  
João Moreira  
João Moreira Alberto  
João Nunes  
João de Oliveira Carmo  
João Peçanha de Carvalho  
João Pereira da Silva  
João Protzek  
João Rechocoski  
João Rodrigues  
João Rodrigues Franco  
João Soares de Faria  
João Soares Pimentel  
João Zapela  
Joaquim Antônio de Oliveira  
Joaquim Onilio Borges  
Joaquim Pires Lobo  
Joaquim Severino  
Joaquim Xavier de Lira  
John R. Cordeiro  
Jorge Alvarenga da Silva  
Jorge da Costa Lima  
Jorge Martinho Prado  
Jorge Monçores  
José Alexandre Machado  
José Alves de Abreu  
José Amaro de Souza Peçanha  
José de Andrade  
José Antonio Moreira  
José Antonio dos Santos  
José de Araujo  
José de Assunção dos Anjos  
José Baldino  
José Belfort de Arantes Filho  
José Bravos  
José Carlos da Silva  
José da Costa Valerio  
José Custodio Sampaio  
José Domingues Pereira  
José Fernandes  
José Fernandes da Silva  
José Ferreira  
José Francisco de Souza  
José Furtado Leite  
José Garcia Lopes Filho  
José Gomes  
José Gomes de Barros  
José Graciliano Carneiro da Silva  
José Guilherme da Silva  
José Higaskino  
José Januario da Costa  
José Jerônimo de Mesquita  
José Leite da Silva  
José Lima  
José Luiz dos Santos  
José Manoel de Oliveira

José Maria Pinto Duarte  
José Martins Dias  
José de Moraes  
José Pessoto Sobrinho  
José Pires Barbosa Filho  
José Rufino Costa  
José Serafim  
José da Silva  
José da Silva Almeida Filho  
José de Souza  
José de Souza Oliveira  
José Varela  
José Vicente de Paula  
José Vivanco Solano  
José Vieira da Conceição  
José Wsoek  
Julio Conceição  
Julio Nicolau  
Jupyr de Souza Pinto  
Justino José Ladeira

L

Laudelino Nogueira  
Lazaro Moncef  
Laercio Xavier de Mendonça  
Laudelino Vieira de Campos  
Laurentino da Silva Nonato  
Lelio Martins de Souza  
Leonidas Moreira  
Lino Pinto dos Santos  
Lourival Alves de Souza  
Lucindo Nepomuceno Cebalio  
Luiz Geraldo da Silva  
Luiz Gomes de Quevedo  
Luiz Manoel Ferreira  
Luis Lopes Dornelles  
Luiz Ribeiro Pires  
Luiz Rodrigues Filho  
Luiz Stobl  
Luiz Tenorio Leão

M

Manassés de Aguiar Barros  
Manoel Amaro dos Santos  
Manoel Apolinário dos Reis  
Manoel Barbosa da Silva  
Manoel Chagas  
Manoel Eduardo de Souza  
Manoel Francisco Gomes  
Manoel Furtado  
Manoel Lino Paiva  
Manoel Pinto  
Manoel de Souza  
Marcelino Jazinski  
Marcelino Lourenço  
Marcio Pinto  
Marino Felix  
Mario Nardeli  
Mauricio Araujo Martins  
Mauricio Moreira Rodrigues  
Max Wolff Filho  
Michel Jacob Cheib  
Miguel Francisco Dias  
Miguel Marotti Cabral  
Miguel de Souza Filho  
Moisés de Oliveira

N

Nelson Alves Fonseca  
Nevio Baracho dos Santos  
Noraldino Rosa dos Santos

Norberto Henrique Weber  
Nilo Morais Pinheiro

O

Olavio Soares do Amaral  
Oldegard Sapucaia  
Olimpio José Borges  
Olivaldo Barbosa Vila-Nova  
Omar Bento do Nascimento  
Orlando Ferreira Martins  
Orlando Randi  
Oscar Rossim  
Oscar Schade  
Osmar Côrtes Claro  
Oswaldino Mendes Rocha  
Oswaldo de Carvalho  
Oswaldo Conceição  
Oswaldo José de Oliveira  
Oswaldo Lellis  
Oswaldo Pereira  
Otacilio de Souza  
Otavio Carlos da Silva  
Otavio Sinesio Aragão  
Otelio Ribeiro  
Otto Unger

P

Paulino José de Oliveira  
Paulo Damasio Rolla  
Paulo Emygdio Pereira  
Paulo Inácio de Araújo  
Paulo Moraes Pinheiro  
Paulo Moreira  
Paulo Pereira da Silva  
Paulo de Souza Pereira  
Paulo Tansini  
Pedro Graciano Moreira  
Pedro Krinski  
Pedro Laurindo Filho  
Pedro Mariano de Souza  
Pelopidas Passamani  
Prim Rodrigues Canes

R

Rafael Pereira  
Rafael Rogerio Buzarello  
Ramis Mendes  
Raul Marques Marinho  
Ricardo Marques Filho  
Roberto Marcondes  
Rodolfo Gomes de Campos  
Rodoval Cabral da Trindade  
Rodrigo Leme da Silva  
Rolland Rittmeister  
Romeu Casagrande  
Romeu Cocco  
Rosario José da Conceição  
Rubem de Souza  
Rubens Coelho Galvão  
Rubens Leite  
Ruy Lopes Ribeiro

S

Sansão Alves dos Santos  
Saulo Lima de Vasconcelos  
Sebastião Cerrato  
Sebastião Clementino Machado  
Sebastião da Costa Chaves  
Sebastião Felício  
Sebastião Garcia

Sebastião Ribeiro  
Sebastião Vanna  
Sergio Bernardino  
Sergio Grevinski  
Servino Mengarda  
Severino Barbosa de Farias  
Severino da Costa Villar Filho  
Simião Alves de Almeida  
Simião Fernandes  
Simplicio Vieira de Lara

T

Teodoro Francisco Ribeiro  
Teodoro Sativa  
Teonilo de Souza  
Thomaz Antonio Machado  
Toribio da Silva

U

Ulpiano dos Santos

V

Vasco Teixeira da Silva  
Vergilio Lucio  
Vicente Batista  
Vicente José de Almeida  
Vital Fontoura

W

Waldemar Adelino da Silva  
Waldemar Cardoso Teixeira  
Waldemar Ferreira Fidalgo  
Waldemar Marcelino dos Santos  
Waldemar Martins de Almeida  
Waldemar Rodrigues  
Waldemar Rosendo Medeiros  
Waldir Pequeno de Mello  
Walmir Ernesto Holder  
Walter Pereira de Souza  
Wenceslau Firmino  
Wenceslau Spancerski  
Wilson Abel de Oliveira  
Wilson Ramos  
Wilson Ribeiro Bonfim  
Wilson Viana Barbosa